



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA**  
**CURSO DE MESTRADO**

**LUÍS MASSILON DA SILVA FILHO**

**SABER, POÉTICA E TRANSGRESSÃO: as figurações estético-gestuais da corpa por  
artistas transexuais/travestis**

**CARUARU**

**2022**

LUÍS MASSILON DA SILVA FILHO

**SABER, POÉTICA E TRANSGRESSÃO: as figurações estético-gestuais da corpa por  
artistas transexuais/travestis**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação Contemporânea. Área de concentração: Educação.

**Orientador:** Prof. Dr. Mário de Faria Carvalho.

CARUARU

2022

Catálogo na fonte:  
Bibliotecária – Paula Silva - CRB/4 - 1223

S586s Silva Filho, Luís Massilon da.

Saber, poética e transgressão: as figurações estético-gestuais da corpa por artistas transexuais/travestis. / Luís Massilon da Silva Filho. – 2022.  
180 f.; il.: 30 cm.

Orientador: Mário de Faria Carvalho.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Mestrado em Educação Contemporânea, 2022.

Inclui Referências.

1. Corpo humano – Aspectos simbólicos. 2. Imagem corporal na arte. 3. Estética. 4. Arte. 5. Travestis. 6. Diferença (Filosofia). I. Carvalho, Mário de Faria (Orientador). II. Título.

CDD 370 (23. ed.)

UFPE (CAA 2022-010)

LUÍS MASSILON DA SILVA FILHO

**SABER, POÉTICA E TRANSGRESSÃO: as figurações estético-gestuais da corpa por artistas transexuais/travestis**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação Contemporânea. Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 17/02/2022.

---

Prof. Dr. Mário de Faria Carvalho (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profa. Dra. Conceição Gislâne Nóbrega Lima de Salles (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Paulo Emílio Macêdo Pinto (Examinador Externo)  
Universidade de Pernambuco

---

Profa. Dra. Luma Nogueira de Andrade (Examinadora Externa)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Aos meus amores tão presentes e participantes  
neste trabalho, meu marido Givaldo Silva e  
nossa filha Maria Luísa.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente expresso meu sentimento de gratidão por todas as experiências, vivências e sensações apreendidas com esse estudo e pelas relações, conexões e interações vivificadas, corporeificadas durante esse trajeto. Um caminho que por vezes tornou-se íngreme, com acessos difíceis, mas que com muita dedicação, muito zelo e compromisso pude abrir outras vielas, estreitas, tortuosas e também em outros momentos espaçosas, amplas que me fazia perder a vista.

É uma emoção atrás da outra, um perder-se constante e um achar-se não menos presente, um tropeço, uma levantada de poeira, um encolher-se e depois expandir-se, ir, voltar, seguir, passar, retornar, subir, descer, fechar-se, abrir-se, mover, paralisar, chorar, rir, encantar-se, decepcionar-se, frustrar-se, elaborar, compreender, crescer... uma infinidade de percepções, sensações e cognições, mas tudo intensamente atravessado em meu corpo que outro tornou-se, constituiu-se, estabeleceu-se.

Assim, como está posto no trabalho, entrelaço a cartografia de pessoas, situações, territórios, vidas envolvidas, permeadas e coautoras dessa conquista, dessa expressão de mim e do que acredito, do que me move enquanto vida que enaltece vidas.

Gratidão a...

À divindade que me guia, me protege, que me faz seguir na espiritualidade do bem, e na plena comunhão do afeto, do sensível, do existir. Às forças, luzes, energias cósmicas que movimentam e cartografam a vida.

À possibilidade de ser e existir, simplesmente.

Aos meus amados pais Luís Massilon Silva e Leoclíce Maciel Silva (In Memoriam) que sempre acreditaram em mim e me deram em vida e pós vida todas as condições socioeconômicas (por vezes limitadas), amorosas e motivadoras para que eu me tornasse quem sou.

À minha irmã Márcia (In memoriam), uma segunda mãe que acreditava e vibrava nas minhas conquistas. Ela que nos deixou em 2021 e tornou-se a pessoa que mais me fez assumir quem sou.

À minha filha Maria Luísa, o ser mais lindo que as voltas da vida me deu. Como sou agraciado, meu amor, por você estar comigo nessa jornada, por você ter me escolhido como seu pai, por você me amar tanto e eu te amar tanto. Seu amor me faz seguir o percurso do trilhamento que buscamos para nossa família de amor e luz.

***Luísa – Chico Buarque***

Por ela é que eu faço bonito  
Por ela é que eu faço o palhaço  
Por ela é que saio do tom  
E me esqueço no tempo e no espaço  
Quase levito  
Faço sonhos de crepom  
E quando ela está nos meus braços  
As tristezas parecem banais  
O meu coração aos pedaços  
Se remenda prum número a mais  
Por ela é que o show continua  
Eu faço careta e trapaza  
É pra ela que faço cartaz  
É por ela que espanto de casa  
As sombras da rua  
Faço a lua  
Faço a brisa  
Pra Luísa dormir em paz. (HIME, BUARQUE, 1979, p. [1])

Ao meu marido Givaldo Silva “Bob”, lindo de minha vida, o trilha que me deu garantia de seguir no trem azul do amor. Muito obrigado pela sua presença. Ainda bem...

***Ainda Bem – Marisa Monte***

Ainda bem  
Que agora encontrei você  
Eu realmente não sei  
O que eu fiz pra merecer  
Você  
Porque ninguém  
Dava nada por mim  
Quem dava, eu não tava a fim  
Até desacreditei  
De mim  
O meu coração  
Já estava acostumado  
Com a solidão  
Quem diria que a meu lado  
Você iria ficar  
Você veio pra ficar  
Você que me faz feliz  
Você que me faz cantar  
Assim  
O meu coração  
Já estava aposentado  
Sem nenhuma ilusão  
Tinha sido maltratado  
Tudo se transformou  
Agora você chegou  
Você que me faz feliz  
Você que me faz cantar

Assim  
O meu coração  
Já estava acostumado  
Com a solidão  
Quem diria que a meu lado  
Você iria ficar  
Você veio pra ficar  
Você que me faz feliz  
Você que me faz cantar  
Assim  
O meu coração  
Já estava aposentado  
Sem nenhuma ilusão  
Tinha sido maltratado  
Tudo se transformou  
Agora você chegou  
Você que me faz feliz  
Você que me faz cantar  
Assim  
Ainda bem. (MONTE, ANTUNES, 2011, p. [1])

Ao meu orientador, professor Mário de Faria Carvalho, amigo, ser de luz, cartografador de mim e motivador das minhas mudanças cartográficas. E que me ensinou a acreditar mais ainda que podemos resistir. Muito obrigado pela sua gentileza amorosa de acreditar em mim e na minha re-existência. Vamos botar nosso Bloco na rua?

***Eu Quero é Botar Meu Bloco na Rua – Sérgio Sampaio***

Há quem diga que eu dormi de touca  
Que eu perdi a boca, que eu fugi da briga  
Que eu caí do galho e que não vi saída  
Que eu morri de medo quando o pau quebrou  
Há quem diga que eu não sei de nada  
Que eu não sou de nada e não peço desculpas  
Que eu não tenho culpa, mas que eu dei bobeira  
E que Durango Kid quase me pegou  
Eu quero é botar meu bloco na rua  
Brincar, botar pra gemer  
Eu quero é botar meu bloco na rua  
Gingar, pra dar e vender  
Eu, por mim, queria isso e aquilo  
Um quilo mais daquilo, um grilo menos disso  
É disso que eu preciso ou não é nada disso  
Eu quero é todo mundo nesse carnaval  
Eu quero é botar meu bloco na rua  
Brincar, botar pra gemer  
Eu quero é botar meu bloco na rua  
Gingar, pra dar e vender. (SAMPAIO, 1973, p. [1])



Ao professor Fernando Cardoso, que presentemente esteve a meu lado me fazendo refletir e tecer olhares para caminhos outros. Muito obrigado pela sua disponibilidade, sensibilidade e compreensão.

À professora Conceição Nóbrega Salles por ter contribuído significativamente com a minha possibilidade de transver e dar prosseguimento com a oportunidade de pensar a diferença.

À professora Luma Nogueira de Andrade a quem tenho muita admiração, respeito e gratidão pelas colaborações precisas que engrandecem esse trabalho. Sua presença me fortalece em todas as dimensões.

Ao professor Paulo Emílio Macedo Pinto, pessoa querida, amiga que ampliou mais ainda a sensibilidade e poeticidade artística do que estamos propondo. Sua presença me gratifica para além do trabalho.

Ao professor André Luiz dos Santos Paiva pela disponibilidade de pontuar acertos necessários e promotores de engrandecimento da minha escrita, das minhas percepções e da construção de novas perspectivas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea por nos trazer a amplitude da dimensão da educação e proporcionar debates significativos à nossa formação.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea que estiveram nessa caminhada e me auxiliaram a rever conceitos, teorias, práticas e o mais fundamental, me deram oportunidade de crescimento. Muito obrigado Marcelo Miranda, Allene Lage, Lucinalva Almeida, Carla Acioli, Saulo Feitosa, Everaldo Fernandes.

Às professoras Fabiana Vidal e Maria Betânia Silva do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, ao qual me aventurei a fazer a disciplina de Processos Investigativos, e que referidas docentes, extremamente acolhedoras, colaboraram intensamente com minhas produções cartográficas.

Às minhas queridas amigas Renna Costa, Gabi Cavalcante/Benedita Arcoverde, Irla Carrie e Núbia Kalumbí, participantes da pesquisa, coautoras potentes, transgressoras, poéticas, sábias e TRANS-formadoras de opinião, de posições, de conceitos, de dores, de sentimentos, de corporeidades e incrivelmente produtoras de arte e de existência. Aprendi com vocês que podemos ser quem somos, que não existe nada que nos impeça de existir e ser! Gratidão por tudo que me ensinaram e todas as vivências que me proporcionaram atravessamentos na corporalidade de minha vida.

Às minhas amigas quixotescas Maria Rita Piancó, Jéssica Ribeiro e Ridelma Moura. Vocês foram cruciais na trajetória e farão parte de novos caminhos a serem trilhados juntas

comigo. Amo vocês, e percebo que a nossa cartografia ainda terá muitas costuras. Gratidão minhas amoras!

À minha amiga Clécia Pereira, poeta, mulher forte e sensível, guerreira e dona de si. Amo você, e muito obrigado por sua amizade, pelo seu carinho, pelas suas dicas e pelas motivações e reconhecimentos sempre presentes.

Às pessoas queridas e amadas de minha jornada profissional da Psicologia em Arcoverde que muito me incentivaram e acreditaram na força e potencialidade de minha pessoa. Gratidão minhas amadas Giliane Cordeiro, Julianne Rolim, Patrícia Ivanca e meus amados Filipe Alves e Fábio Santos.

À minha amiga Rosa Brito, psicopedagoga, psicóloga, profissional exemplar, que me acolheu e abraçou desde sempre na minha empreitada como psicólogo clínico, que frutifica uma linda parceria na Clínica de Psicopedagogia de Arcoverde (CLIPA). Seu apoio e sua amizade são e serão fundamentais na minha trajetória.

Aos meus amigos de sempre, da minha querida Fortaleza, Suzany Costa, Viena Moreira, Pollyanna Moreira, Ítalo Lopes e Marcelo César (In memoriam) que estão sempre do meu lado, seja no incentivo, seja no policiamento, seja no amor incondicional Obrigado amores!

Às minhas amigas da vida toda, Jane Azeredo, Aíla Lemos e Zélia Teresa Sales, de tempos da “FEBEMCE”, meu primeiro estágio e primeiro emprego, e que me ensinaram a ser o profissional que me tornei. Aprendi e só aprendo ainda com vocês, minhas amadas.

Ao meu amigo querido Rodrigo Cordeiro, padrinho de casamento e tão presente e colaborador com questões importantes de nossas vidas. Amamos você.

A todas as pessoas queridas da AESA, instituição de ensino superior de Arcoverde que desde 2016 eu troco experiências e conhecimentos de docência, que me deram suporte e apoio para que essa jornada fosse concretizada.

Aos meus alunos que me apoiaram, me compreenderam e me “suportaram” nesse período tão atribulado. A vocês todo o meu estudo.

Às colegas e aos colegas de mestrado, obrigado pelas partilhas, pelas aprendizagens, pelas experiências que muito me ensinaram.

Ao Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Educação, Cultura e Estética – O Imaginário, por ser um espaço de construção de sensibilidades, poeticidades, saberes, experiências, narrativas e encontro genuíno de pessoas. Amo estar com vocês.

Ao G-Pense, Grupo de Pesquisa sobre Contemporaneidade, Subjetividades e novas Epistemologias, pelos encontros e partilhas que muito me acrescentam como pesquisador.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 111.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente estiveram comigo nesse processo, que me acrescentam a cada dia uma centelha de esperança e crença no amor, na vida, na humanidade. E que me perdoem aquelas e aqueles que talvez eu não tenha citado, mas por favor sintam-se contemplados pela minha dedicação e pelo ser que procuro ser, toda a minha Gratidão. A vocês, um poema...

### ***Saber Viver – Cora Coralina***

Não sei... Se a vida é curta  
Ou longa demais pra nós,  
Mas sei que nada do que vivemos  
Tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas.  
Muitas vezes basta ser:  
Colo que acolhe,  
Braço que envolve,  
Palavra que conforta,  
Silêncio que respeita,  
Alegria que contagia,  
Lágrima que corre,  
Olhar que acaricia,  
Desejo que sacia,  
Amor que promove.  
E isso não é coisa de outro mundo,  
É o que dá sentido à vida.  
É o que faz com que ela  
Não seja nem curta,  
Nem longa demais,  
Mas que seja intensa,  
Verdadeira, pura... Enquanto durar. (CORALINA, [19-?], p. [1])

## RESUMO

Nesta dissertação, procuro cartografar as figurações estético-gestuais de artistas transexuais/travestis por meio da expressão de saberes, poeticidades e transgressões que suas corpas expressam e imprimem. Busco delinear a potência ética-estética e política de corpas que ocupam posições de promoção de agenciamentos de suas existências. As artistas travestis se inserem no campo da cisheteronormatividade por meio de um movimento contínuo de desterritorialização e abertura para novas reterritorializações, não de maneira fixa, mas dentro da construção de multiplicidades e linhas de fuga geradoras de rizomas e interpelações significativas de si e do mundo. A pesquisa trata de um novo olhar e paradigma estético, com implicações políticas, des-trava saberes colonializados e fala em criação, transversalidade e movimentos. Saí em busca de uma cartografia dada por afetos, união e linhas de segmentaridade que incidissem em performatividades e reconhecimento da produção de quatro artistas transexuais/travestis do sertão nordestino. Objetivei cartografar como as figurações estético-gestuais de artistas transexuais/travestis se configuram enquanto leituras de saber, poética e transgressão. A imersão na vivência teórica-metodológica e nos processos cartográficos me fizeram considerar arranjos em que pude problematizar a construção do percurso estético das corporeidades de artistas transexuais/travestis e seus saberes. Da mesma forma a cartografia me levou a pensar a potência transgressora dessas corpas por meio da arte por elas desenvolvida, a partir de sua dimensão poética. E, obtive reflexões sobre a resignificação epistêmica que resulta das performances de tais artistas e que se relaciona à existência de suas corporeidades trans-formadoras. A cartografia das artistas apresentadas neste estudo se vincula à cartografia de mim mesmo, reestruturando minhas performances poéticas, ampliando meus saberes e fortalecendo a condição de pesquisador. Os resultados obtidos me ensinam que ainda seguimos, que a navegação pela compreensão da dimensão estético-gestual de corpas transexuais/travestis não tem fim, visto que aprendi com elas que novas emergências estéticas estão ainda a se construir. É esse o tom de uma cartografia, processos, trajetórias, caminhos, não há fim, há experiências.

**Palavras-chave:** corpos e corpas; estética; arte; travestis; filosofia da diferença.

## ABSTRACT

In this dissertation, I try to map the aesthetic-gestural figurations of transsexuals artists through the expression of knowledge, poeticities and transgressions that their bodies express and imprint. I seek to delineate the ethical-aesthetic and political power of bodies that occupy positions of promotion of assemblages of their existences. Transsexuals artists enter the field of cisheteronormativity through a continuous movement of deterritorialization and opening to new reterritorializations, not in a fixed way, but within the construction of multiplicities and lines of flight that generate rhizomes and significant interpellations of the self and the world. The research deals with a new look and aesthetic paradigm, with political implications, unlocks colonized knowledge and talks about creation, transversality, and movements. I left in search of a cartography given by affections, union, and lines of segmentarity that focused on performativities and recognition of the production of four transsexual artists from the northeastern of Brazil. I aimed to map how the aesthetic-gestural figurations of transsexuals artists are configured as readings of knowledge, poetics, and transgression. The immersion in the theoretical-methodological experience and in the cartographic processes made me consider arrangements in which I was able to problematize the construction of the aesthetic path of the corporeities of transsexual artists and their knowledge. In the same way, cartography led me to think about the transgressive power of these bodies through the art they developed, from their poetic dimension. And I obtained reflections on the epistemic resignification that results from the performances of such artists and that is related to the existence of their trans-forming corporeities. The cartography of the artists presented in this study is linked to the cartography of myself, restructuring my poetic performances, expanding my knowledge, and strengthening my condition as a researcher. The results obtained teach me that we are still moving forward, that the navigation towards understanding the aesthetic-gestural dimension of transsexual/transvestite bodies is endless, since I learned from them that new aesthetic emergencies are still being built. This is the tone of a cartography, processes, trajectories, paths, there is no end, there are experiences.

**Keywords:** bodies and bodies; aesthetics; art; transvestites; philosophy of difference.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-	Liniker na série 3% da Netflix – 2018.....	20
Fotografia 1-	O meu corpo em subjetivação.....	23
Figura 2-	Grupo Secos e Molhados – “O Vira” – Voz: Ney Matogrosso.....	24
Figura 3-	Capa do Filme “Ma vie en Rose”.....	25
Figura 4-	Legião Urbana – Quase sem querer.....	28
Fotografia 2-	A corporeidade que me atravessa.....	34
Figura 5-	Caminhos entrelaçados – TRAJE-tos.....	35
Figura 6-	Capa do álbum “Boiola Retinta” – 2021.....	36
Fotografia 3-	Renna Costa – guerreira no sertão!.....	39
Fotografia 4-	Gabi Cavalcanti – A noiva TRAVESTY.....	40
Fotografia 5-	Irla Carrie – Vou à Festa, Sou a Festa.....	40
Fotografia 6-	Núbia Kalumbí – Entardecer!.....	41
Figura 7-	O gato preto cruzou a estrada... caminhos por novos territórios.....	43
Figura 8-	Educação e Transexualidade.....	44
Figura 9-	Devir intenso – Devir animal – Devir imperceptível.....	47
Figura 10-	Cartografias do corpo – Arte sem Fronteiras.....	50
Fotografia 7-	Vivências Transgressoras.....	52
Fotografia 8-	Performatividade Trans.....	55
Figura 11-	Pintura de Maria dos Rosários de Brito – Cartografia: uma política de escrita.....	57
Fotografia 9-	O campo, o ser-tão-rizomático.....	66
Figura 12-	Cartografando meus processos.....	66
Figura 13-	Cartografia imagética de mim.....	67
Fotografia 10-	Irla: Eu sou a natureza bruta... selvagem e a mais humana!.....	76
Fotografia 11-	Benedita – A corpa que se TRANSfigura em experimentações.....	78
Fotografia 12-	Renna ExPele.....	81
Figura 14-	Diáspora por Núbia Kalumbí.....	82
Fotografia 13-	Gabi – vou armada, nunca rendida.....	84
Fotografia 14-	Irla – “Me reinvento de posições e possibilidades”.....	84
Fotografia 15-	Renna – “Eu não ando só, carrego muitas dentro de mim”.....	85
Fotografia 16-	Núbia – A tatuagem – Diáspora: eu vou, mas eu volto.....	85
Fotografia 17-	Renna: abduções ancestrais – rizomas corporificadas da natureza.....	88

Fotografia 18-	Núbia – Retorno.....	89
Fotografia 19-	Irla: É necessário nos equilibrar na corda bamba chamada de vida.....	89
Fotografia 20-	Gabi em Oficina de montagem – Naturalizar-me.....	89
Fotografia 21-	Me movo em figurações estético-gestuais.....	92
Fotografia 22-	Benedita: no Brasil, matar é feshion!.....	93
Fotografia 23-	Irla – Pássara do sertão no frevo!.....	95
Fotografia 24-	Renna em ação trava-terrorista HANNAH.....	96
Fotografia 25-	Núbia – Impetuosa.....	97
Fotografia 26-	Benedita – Performance na festa “O homem da Meia-Noite em Arcoverde”.....	109
Fotografia 27-	Benedita – Cadê minhas irmãs?.....	110
Fotografia 28-	Núbia – A trança que entrança trançada na travesti.....	111
Fotografia 29-	Renna – BRUXA É TEU NOME.....	112
Fotografia 30-	Irla – Florescendo de sonhos.....	114
Fotografia 31-	Núbia em Adeus ao umbilical.....	119
Fotografia 32-	Benedita no Lamento de Força Travesti.....	119
Fotografia 33-	Irla: - não se nasce mulher, tornar-se travesti.....	119
Fotografia 34-	Renna só observando as novidades.....	119
Fotografia 35-	Renna: visualidades de artistas na música.....	120
Fotografia 36-	Renata Carvalho na peça “O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu”.....	121
Fotografia 37-	Boi de Carnaval vai à feira I – Benedita.....	122
Fotografia 38-	Boi de Carnaval vai à feira II – Benedita.....	122
Fotografia 39-	Boi de Carnaval vai à feira III – Benedita.....	123
Fotografia 40-	Boi de Carnaval vai à feira IV – Benedita.....	123
Fotografia 41-	Núbia: De cabeça para baixo.....	126
Fotografia 42-	Aqui quem fala é uma TRA TRA TRAVA TERRORISTA – Renna Costa.....	131
Figura 15-	Renna e o Corpo Território na Cerka – Performance no II Seminário Educação e Sensibilidades (2021).....	134
Fotografia 43-	Gabi Cavalcante – Performance Solo para Benedita.....	135
Fotografia 44-	Irla Carrie – A Cartomante em Cena no Sertão.....	136
Fotografia 45-	Núbia sempre foi meu projeto – Núbia Kalumbí.....	139

Fotografia 46-	Clípe “Lamento da Força Travesti” (2021) I.....	140
Fotografia 47-	Clípe “Lamento da Força Travesti” (2021) II.....	140
Fotografia 48-	Clípe “Lamento da Força Travesti” (2021) III.....	141
Fotografia 49-	Clípe “Lamento da Força Travesti” (2021) IV.....	141
Figura 16-	8º Recifest em Arcoverde-PE – Apresentação do curta-vídeo-clípe Lamento da Força Travesti.....	142
Fotografia 50-	Renna e artistas travestis falam sobre o clipe no 8º Recifest.....	143
Fotografia 51-	A autore e Renna Costa no 8º Recifest em Arcoverde.....	143
Figura 17-	Posso fazer um pedido?.....	146
Fotografia 52-	Festa de passagem de yawó.....	146
Fotografia 53-	Processo de passagem no candomblé.....	147
Figura 18-	Sem título.....	148
Figura 19-	Não vou mentir pra morrer branca.....	148
Figura 20-	Experimento de colagem digital.....	148
Fotografia 54-	“Vou armada, nunca rendida”.....	149
Figura 21-	Oração.....	149
Figura 22-	Irla – Bate-Papo e dança.....	150
Figura 23-	Irla – Live dança na quarentena.....	151
Fotografia 55-	Irla – Sem tabus e sem totens.....	151
Fotografia 56-	Irla – Dentro de mim, existem eus em Deusas.....	151
Fotografia 57-	Irla – Saudades de ver meu mundo de cabeça pra baixo.....	152
Figura 24-	Irla – Violência: depois do caos a cura.....	152
Fotografia 58-	Núbia – Vida longa Kalumbí.....	153
Fotografia 59-	Núbia – Sim, sim. Axé.....	154
Fotografia 60-	Núbia – A beleza travesty é toda nossa amor.....	154
Fotografia 61-	Núbia – A benção.....	155
Fotografia 62-	Núbia – Entrelaçando tranças da travesty.....	155
Quadro 1-	Cartografia de Renna Costa.....	157
Figura 25-	Cartografia.....	170



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>“DEIXE-ME IR, PRECISO ANDAR...”: INTRODUÇÃO</b>	<b>18</b>
<b>1.1</b>	<b>“O vira”: narrativas de minha trajetória</b>	<b>21</b>
<b>1.2</b>	<b>“O gato preto cruzou a estrada...”: o trajeto metodológico do estado da arte e as categorias advindas</b>	<b>43</b>
1.2.1	Corpo, estética, educação e transexualidade: afinidades e preleções	44
1.2.2	Arte, transexualidade e corpo: sobre o devir trans	47
1.2.3	Mapas para uma nova cartografia por meio da arte, da educação e da estética	50
1.2.4	Corpo, transexualidade, transgressão: artistas trans e fazer sensível	52
1.2.5	Performances, artistas, transexuais: sobre o gesto	55
1.2.6	Para cartografar: metodologia e corpo	57
<b>2</b>	<b>“SE ALGUÉM POR MIM PERGUNTAR, DIGA QUE EU SÓ VOU VOLTAR, QUANDO EU ME ENCONTRAR”: CARTOGRAFANDO AS EXPERIÊNCIAS PERFORMÁTICAS DE SER E SE FAZER ARTE TRANS</b>	<b>60</b>
<b>2.1</b>	<b>“É papo de afeto e de união, esses cara fala que eu não existo”: cartografia – pragmática da pesquisa educacional</b>	<b>62</b>
<b>2.2</b>	<b>“Não me encaixo no mundo e nem vou cocês, é assim, tuas roupa tem gênero, afasta de mim, e cale-se que eu não quero tuas desculpa”: o meu lugar ético-estético-político na pesquisa</b>	<b>66</b>
<b>3</b>	<b>“EU QUERO NASCER, QUERO VIVER...”: CORPAS E POSSIBILIDADES, TRAJETÓRIAS E IDENTIFICAÇÕES</b>	<b>72</b>
<b>3.1</b>	<b>Corpas em possibilidades – trajetórias</b>	<b>75</b>
<b>3.2</b>	<b>Expressões e impressões... Corpas que fazem arte</b>	<b>91</b>
<b>4</b>	<b>“QUERO ASSISTIR AO SOL NASCER, VER AS ÁGUAS DOS RIOS CORRER, OUVIR OS PÁSSAROS CANTAR...”: A POETICIDADE DE CORPAS NA ARTE TRANS/TRAVESTI</b>	<b>99</b>
<b>4.1</b>	<b>As experimentações criativas e poéticas constituindo o “lugar-de-sentir”</b>	<b>102</b>
<b>4.2</b>	<b>A arte e a criação estético-gestual de corpas trans/travestis</b>	<b>108</b>

<b>5</b>	<b>“VOU POR AÍ A PROCURAR, SORRIR PRA NÃO CHORAR”: ARTES TRANS/TRAVESTIS PERFORMATIZADAS E POLITIZADAS</b>	<b>116</b>
<b>5.1</b>	<b>A arte que transgride: “abalando as estruturas”</b>	<b>118</b>
<b>5.2</b>	<b>“Quem está aí a procurar, tentando sorrir pra não chorar?”: Travestis que travam/destravam a condição de serem “trabalhadoras” da arte</b>	<b>123</b>
<b>6</b>	<b>ANÁLISE CARTOGRÁFICA</b>	<b>129</b>
<b>6.1</b>	<b>“Mas nós tamo aqui dominando o mundão, vrá, ninguém me dirige, nego, eu sou trans”: as artistas trans/travestis do interior que desterritorializam e reterritorializam o Sertão com sua arte!</b>	<b>130</b>
<b>6.2</b>	<b>“Sou nega, sou nego e não negue que um nigga te surpreende quando se permite transcender”: cartografias remotas, midiáticas e pandêmicas, vamos transcender!</b>	<b>143</b>
<b>7</b>	<b>CONTEMPLAÇÕES CARTOGRÁFICAS</b>	<b>164</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>171</b>

# **1. “DEIXE-ME IR, PRECISO ANDAR...”: INTRODUÇÃO**



Atualmente a educação têm se constituído de valores teórico-metodológicos que intentam alcançar possibilidades reais de desestabilizar influências do pensamento moderno e, quiçá, transformar realidades para que modelos de resistência epistêmica vigorem cada vez mais efetivos e de forma a legitimar saberes e formas de existência consideradas subalternas.

Há, visivelmente, na expressão das sociedades contemporâneas um conjunto de vivências modeladas pelas condições sociais, culturais, econômicas, políticas e educacionais que desenham traços da reavaliação de paradigmas e, conseqüentemente, caminham em direção a um mapeamento de transformações socioeducacionais (em andamento), de maneira a promover um posicionamento crítico e reflexivo.

Assim, proponho-me a desenvolver, no território da educação contemporânea, um posicionamento e dimensão que pretende subsidiar a formação em que as potencialidades humanas sejam contempladas, de modo a consumir minha prática de pesquisa de maneira que o conhecimento estabeleça relações com a subjetivação de si, e que este se fortaleça no processo da conquista de sua autonomia.

Com tal percepção, encontro possibilidades, alternativas que me direcionam a obter respostas para minha pergunta, com o aporte de um processo criativo, em que situações podem ser criadas e para que tal busca se concretize na realidade atual, tendo em vista que o que se pesquisa é o que existe.

A intenção dada se formaliza pela observação de minhas sensibilidades, ampliando o olhar sobre o que está em evidência e culminando com o ato de descobrir o que não sabíamos e se desvencilhar de convicções estabelecidas. Sendo assim, este trabalho de pesquisa centra-se na problemática de buscar a compreensão de como se dão as performances de artistas transexuais/travestis<sup>1</sup> e de que forma suas corpos<sup>2</sup> expressam saberes, poeticidades e transgressões.

Um trabalho focado na relação entre arte, educação e corpos transexuais/travestis, como potência de transformação e legitimação de corpos abjetos e também corpos visíveis, reconhecidas. No decorrer do trabalho explícito, de forma mais precisa, as intenções e os caminhos desvendados com a pesquisa.

A perspectiva que trago como referência às titulações dos itens deste trabalho são trechos da música de Antônio Candeia – “*Preciso me encontrar*”, magnificamente interpretada

---

<sup>1</sup> Inicialmente, na produção do texto, citava apenas transexuais, porém em conversa com uma das participantes da pesquisa, que se intitula travesti, ela pede que eu utilize o termo acoplado a transexuais, e assim passo durante o texto citar transexuais/travestis.

<sup>2</sup> Uso o termo CORPA, como contraponto ao uso do termo corpo/masculino, se dá visto que, quando escrito como feminino, incide na transgressão aos cerceamentos da masculina linguagem e suscita outras potências de expressão.



pela cantora Liniker, que em sua apresentação na série 3% da Netflix nos deslumbra com performances significativas ao que pesquisei.

***Preciso Me Encontrar*** (Antônio Candeia<sup>3</sup>)

Deixe-me ir, preciso andar  
 Vou por aí a procurar  
 Sorrir pra não chorar  
 Se alguém por mim perguntar  
 Diga que eu só vou voltar  
 Quando eu me encontrar  
 Quero assistir ao sol nascer  
 Ver as águas dos rios correr  
 Ouvir os pássaros cantar  
 Eu quero nascer, quero viver  
 Deixe-me ir, preciso andar...  
 Quero assistir ao sol nascer  
 Ver as águas dos rios correr  
 Ouvir os pássaros cantar  
 Eu quero nascer, quero viver  
 Deixe-me ir, preciso andar  
 Vou por aí a procurar  
 Sorrir pra não chorar  
 Quero assistir ao sol nascer  
 Ver as águas dos rios correr  
 Ouvir os pássaros cantar  
 Eu quero nascer, quero viver  
 Deixe-me ir, preciso andar  
 Vou por aí a procurar  
 Sorrir pra não chorar  
 Se alguém por mim perguntar  
 Diga que eu só vou voltar  
 Quando eu me encontrar  
 Se alguém por mim perguntar...

Figura 1 - Liniker na série 3% da Netflix - 2018



Fonte: Netflix Brasil (2019).

Nota: Retirada de:

<https://www.youtube.com/watch?v=zVrc1qeth-4>.

O estudo se desenvolve a partir da seguinte pergunta problematizadora: *Como as figurações estético-gestuais de corpos transexuais/travestis se configuram como leituras de saber, poética e transgressão?* Com essa investigação busco compreender as performances de três artistas<sup>4</sup> transexuais/travestis do sertão nordestino e de que forma suas corpos expressam outras dimensões de saber, poética e transgressão.

<sup>3</sup> Candeia, o importante sambista da Portela que faleceu em 1978, aos 43 anos, foi um compositor genial. Por volta do final do ano de 1975, o jornalista e escritor Juarez Barroso, que andava meio perdido na vida, chegou perto dele (que já vivia paraplégico e usando cadeira de rodas) e lhe disse que tinha um tema para ele compor um samba: “preciso me encontrar”. A música se tornou um presente de Candeia para que Cartola a incluísse no seu segundo LP, gravado em 1976, quando o compositor da Mangueira tinha 68 anos.

<sup>4</sup> Inicialmente as três artistas transexuais/travestis eram Gabi Cavalcanti/Benedita Arcoverde, Irlla Carrie e Renna Costa. Por sugestão da banca de qualificação, no percurso cartográfico, inseri uma quarta artista, que não estivesse tanto em evidência como as outras três. A Artista é Núbia Kalumbí, discente de licenciatura em teatro e em busca de ampliar sua atuação artística.

Além dessa questão, tenho a finalidade de discutir a criação artística e/ou figurações estético-gestuais como deslocamento da diferença em relação a questões relacionadas às corpos transexuais/travestis e às transformações sociais e educacionais que tais corpos (tão abjetificadas) tornam visíveis.

Das interações permitidas, pretendo estabelecer como objeto de estudo a criação artística de corpos transexuais/travestis enquanto instauração da diferença que possibilita o “pensar o outro” da diferença ou, como cita Derrida (2013), “*La différence*”<sup>5</sup>. A proposta tem como objetivo geral *cartografar como as figurações estético-gestuais de artistas transexuais/travestis se configuram como leituras de saber, poética e transgressão*.

A partir da visão geral, estabeleço, enquanto objetivos específicos: *problematizar a construção do percurso estético das corporeidades de artistas transexuais/travestis e seus saberes; pensar a potência transgressora de corpos transexuais/travestis por meio da arte a partir de sua dimensão poética; e, refletir sobre a resignificação epistêmica resultante das performances de artistas transexuais/travestis à existência de corporeidades trans-formadoras*.

Importante ressaltar que neste trabalho faço uso da linguagem não binária como sendo mais um recurso transgressor e representativo da força transexual/travesti. Porém, importante analisar o pensamento que Iran Melo (2021) traz de que pessoas transexuais/travestis não se situam na binariedade homem-mulher, pois há que se ter cuidado para não generalizar essa ideia. A ideia central do pesquisador que me ateno é a de que elas buscam caracterizar suas existências e identidades por meio de várias expressões, dentre elas a língua, de forma a não demarcarem o masculino e o feminino, mas criando modos disruptivos do tratamento binário heteronormativo.

Também associo à ideia da representatividade e da visibilidade transexual/travesti, através da linguagem não-binária, argumento introduzido a partir do pensamento de Miguel Arroyo (2012) na obra “*Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*”, o qual possibilita a reflexão: que questionamentos essas populações introduzem no campo epistêmico das teorias e práticas educativas? Pois, elas são sujeitas que mobilizam outras ações afirmativas e que questionam as práticas pedagógicas existentes e reafirmam outras pedagogias que desestabilizam as teorias pedagógicas hegemônicas.

### 1.1 “O vira”: narrativas de minha trajetória

---

<sup>5</sup> Différance, de acordo com Jacques Derrida (2013), se refere ao jogo das diferenças, da diferencialidade, do puro diferir, enquanto espaçamento, temporização e relação à alteridade; e assim anterior a todas as oposições conceituais da filosofia, justamente porque as possibilita.

Ao pensar a pesquisa me remeto a encontrar uma identificação que ilustra o campo relativo às pesquisas educacionais e suas relações com o social. Então, pela tentativa de responder a questões conflituosas da realidade social, procuro um domínio específico do campo em questão considerando de onde partiria e onde gostaria de chegar. Parto de mim, de minhas experiências reprimidas, vivificadas, enaltecidas e corporificadas pelo meu reconhecimento de si.

Mesmo sabendo que o chegar a algum lugar teria seus percalços, suas desnivelações e reestruturações, percebo que o importante se daria com a consumação do “Vira”, do “Virá”. Ao apresentar minha trajetória, início o processo cartográfico, me insiro na pesquisa e retrato os atravessamentos que incidem em minha subjetivação. O Vira, o devir, a corporificação que se estabelece pela prática da cartografia de mim mesmo.

Meu corpo, minha corpa e meu corpe<sup>6</sup> se desnudando, se mostrando, se desencapando, se descortinando, se desmascarando e se remascarando em plenos processos contínuos de existência e resistência. Sejam nesse trabalho a corpa que fala, que gestualiza, que poetiza, que dramatiza, que flui, que advém, que cartografa o meu corpo, as corpas das artistas da pesquisa, das mulheres transexuais/travestis existentes e potentes em suas subjetividades, o corpo, a corpa, e corpe de quem se sensibiliza com essa escrita.

Um trabalho inteiramente desenvolvido em plena pandemia do Coronavírus (COVID-19) e que veio mostrar ao mundo as discontinuidades que estavam se instaurando nos processos de subjetivação do ser. Assim, tratar de caminhar pelos traçados de corpas transexuais/travestis tornou-se algo mais significativo tendo em vista que tais pessoas, já invisibilizadas, viram-se, nesse momento pandêmico, mais assustadoramente vulneráveis, implicadas à condição de apagamento, aniquilamento, eu diria.

A situação ainda vivenciada, com menos intensidade durante a ida ao campo, no processo de cartografar de fato os processos das artistas, me permite considerar que pesquisar, mais do que nunca, é resistir, insistir, visto que a cada investida no território mais eu mergulho nele a fim de encontrar maneiras que auxiliem na superação das incertezas.

A vivência desse momento, relatada pelas participantes da pesquisa me incidiram de tal forma que pela intuição, pela experiência apreendida pude dar vida ao meu espírito criativo, inventivo de investigador da realidade. Foi um momento de desvencilhamento de convicções

---

<sup>6</sup> O termo “corpe” também se configura como uma linguagem transgressora para além do masculinizador corpo, visto que se configura da representatividade de categorias diversas de condição sexual e de gênero.

metodológicas assentadas para o modelo presencial e redefinição do saber de que eu não sabia nada e precisava construir esse saber junto com as artistas envolvidas. Ou seja, eu estava pela pandemia, já me cartografando em comunhão com a cartografia delas E aí me veio, a pergunta: Quem sou eu?

Fotografia 1 - O meu corpo em  
subjetivação



Fonte: O Autor (1992).  
Nota: Acervo pessoal.

*Quem sou eu?!<sup>7</sup>(Luís Massilon)*

Quem sou eu  
Eu sou quem  
Um bem, Fazer o bem  
Eu sou meu bem  
Quem sou eu  
Eu e Tu? Tu e Eu?  
Nós somos, Vós sois  
Quem sou eu  
Desejo?  
Tudo que ensejo...  
Vejo, Ah! e bocejo!  
Gracejo! Pelejo!  
Quem sou eu  
Frutos da imaginação  
Narração de mim  
De ti, de nós, de fruição  
Que não se imagina o fim  
Quem sou eu  
Um poema, Um teorema  
Ou alfazema,  
Eu sou meu tema  
Quem sou eu  
Uma linha, uma letra  
Uma frase, um texto  
Uma imagem  
Um trecho, uma epígrafe  
Uma cartografia  
Eu sou referência enfim,  
Eu sou escrita de mim  
Eu disserto  
Eu deserto  
Eu decerto  
Dou certo!

Desde a infância tive o mundo feminino muito presente (apesar de ser o último dos sete filhos homens em um total de dez filhos) e acentuado pela minha criação ter sido imposta a

<sup>7</sup> A escrita desse trabalho contempla, como cartografia de nós (eu, as artistas transexuais/travestis, e outras), produções escritas, artísticas, imagéticas, musicais, poéticas, políticas, estéticas, visuais, sensoriais, plásticas etc., visualizadas no corpo do texto com o seguinte alinhamento: à direita – produções minhas; centralizadas: produções das artistas transexuais/travestis pesquisadas; e à esquerda, produções de outras pessoas que influenciam o meu cartografar.



cargo de uma das minhas irmãs mais velhas, por conta do trabalho da minha mãe e do meu pai (eram, respectivamente, professora de artes e música e gerente de mecânica). Minha irmã, ao me ninar, cantava a música de sucesso da época do grupo Secos e Molhados, na voz, para mim, “feminina”, e de arte transgressora e encantadora de Ney Matogrosso, caracterizando uma das minhas primeiras recordações da infância.

### ***O Vira* (Secos & Molhados)**

O gato preto cruzou a estrada  
 Passou por debaixo da escada  
 E lá no fundo azul  
 Na noite da floresta  
 A lua iluminou  
 A dança, a roda, a festa...  
 Vira! Vira! Vira!  
 Vira! Vira!  
 Vira Homem  
 Vira! Vira!  
 Vira! Vira!  
 Lobisomem  
 Vira! Vira! Vira!  
 Vira! Vira!  
 Vira Homem  
 Vira! Vira!...  
 Bailam corujas e pirilampos  
 Entre os sacis e as fadas  
 E lá no fundo azul  
 Na noite da floresta  
 A lua iluminou  
 A dança, a roda, a festa...

(João Ricardo, Luhli, 1973, álbum Secos e Molhados<sup>8</sup>)

Figura 2 - Grupo Secos e Molhados - "O Vira" -  
 Voz: Ney Matogrosso



Fonte: Jotawando (2013).

Nota: Retirada de:

<https://www.youtube.com/watch?v=noX16UOg6yU>

A poesia de um imaginário que se estabelece na minha infância e que se aproxima de uma visão da psicologia do desenvolvimento em que a personalidade do ser se constitui em seu eixo central no período entre zero e seis anos (PAPALIA, 2013). Lembranças que muito me marcam na possibilidade de constituir-me enquanto feminino. Além das muitas oportunidades de estar sozinho e brincar com vestidos, saltos altos, batons e demonstrações do feminino em evidência.

Me enxerguei muito no filme “Minha Vida em Cor-de-Rosa<sup>9</sup>” (Ma Vie em Rose - 1996), já adulto, pois minha infância era caracterizada por essa vivência do feminino, de forma

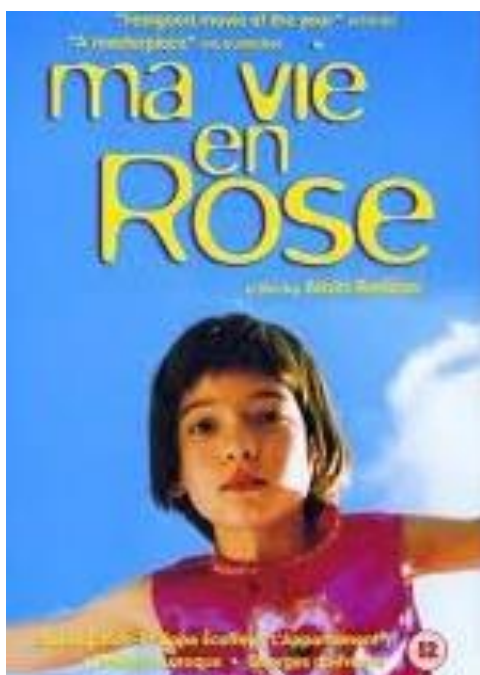
<sup>8</sup> "O Vira" é uma canção composta por João Ricardo e Luhli e que aparece no primeiro álbum de 1973 do grupo Secos e Molhados.

<sup>9</sup> Sinopse do filme: Funcionário de classe média tem problemas: seu filho, Ludovic, aparece na primeira festa para os vizinhos vestido de mulher. O que parecia uma brincadeira torna-se um problema na família, no trabalho e

escondida, reprimida, sem possibilidade de dar vazão à criança viada que existia em mim. Sobre isso encontro espelho de sentimentos nas palavras de Preciado (2013, p. 0)<sup>10</sup>:

Os defensores da infância e da família apelam à família política que eles mesmos constroem, e a uma criança que se considera de antemão heterossexual e submetida à norma de gênero. Uma criança que privam de qualquer forma de resistência, de qualquer possibilidade de usar seu corpo livre e coletivamente, usar seus órgãos e seus fluidos sexuais. Essa infância que eles afirmam proteger exige o terror, a opressão e a morte.

Figura 3 - Capa do Filme "Ma vie en Rose"



Fonte: Wikipédia (2020).

Nota: Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ma\\_vie\\_en\\_rose](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ma_vie_en_rose)

Ações endossadas muitas vezes pelos presentes dados por essa irmã, que me presenteou quando eu tinha nove anos com uma bota de couro, preta, cano longo até o joelho, linda demais, usada uma única vez e logo confiscada por minha mãe, que sempre enfatizava a masculinização como o único meio de se expressar do pequeno filho caçula, obrigando-me a fazer karatê, quando no íntimo o meu desejo era fazer ballet.

---

com os vizinhos. Mas Ludovic, com ingenuidade de criança, confessa que quer ser menina. TÍTULO ORIGINAL: *Ma Vie en Rose*. DIRETOR: Alain Berliner. PAÍS: França. Ver mais em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ma\\_vie\\_en\\_rose&oldid=58865521](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ma_vie_en_rose&oldid=58865521)

<sup>10</sup> Esse artigo foi publicado originalmente em francês, no dia 14 de janeiro de 2013. Ele é uma resposta à marcha de oposição ao casamento homossexual que ocorreu no dia 13 de janeiro de 2013, na França, e que contou com Frigide Barjort, humorista e militante católica, opositora à ideia, como parte do corpo organizador.

Mais tarde essas fugas se projetaram na prática de esportes coletivos, onde havia uma possibilidade de me encontrar a partir de algumas identificações. Estas se apresentaram como subterfúgios para a confirmação do que há muito gritava em mim, o desejo de me tornar quem desejava ser. A criação de vínculos com pares na prática de esportes como vôlei e basquete foram significativos no processo de reconhecimento de minha identidade, de minha condição homossexual. As identificações estabelecidas deram-me condições de fluir em uma dimensão que o sentimento de aprisionamento se distanciava cada vez mais.

Nesse período adolescente, muitas vezes me vi e me permitir “viajar” pelas ações do imaginário percorrendo minhas sensibilidades por meio da música (escutava principalmente MPB e Rock-Pop nacional e internacional), da leitura de romances e poesias, e de uma escrita que saía de meu corpo externalizando pensamentos, sentimentos, dores, confusões mentais, sonhos, expectativas em relação ao meu vir a ser, o meu vira, não em homem-lobisomem, mas em um ser de alma feminina.

Na visão de minha mãe que sempre pressentiu a subjetivação que transcorria em minha formação, eu tinha que ser e agir como “homem”, indo de encontro à minha verdade feminina que queria se sobrepor ao tradicionalismo sociocultural que por sua vez encontra justificativas nos discursos enunciados pela Biologia, contestando toda a minha atração pelo ser feminino, cuja vivência me fora interdita por causa do meu sexo genital, de macho.

Nas palavras de minha mãe: “Graças a Deus, nunca tive um filho baitola!”, e sem os conhecimentos e as informações necessárias para entender essas repressões fui me submetendo às famigeradas leis do masculino, sem poder de reação algum e/ou de transgressão, além é claro dos medos da exposição, da percepção de uma condição negada, rejeitada e invisível.

Importante frisar, a respeito das posturas incisivas de minha genitora, que em sua construção subjetiva a força do dispositivo binário heteronormativo<sup>11</sup> estava muito arraigado em seus processos de internalização cultural e societal<sup>12</sup>, sendo também, apesar de ser uma mulher que lutava pelos direitos femininos em suas ações de trabalho como educadora de artes e sensibilidades, uma pessoa que se contradizia na manutenção de tal modelo.

Além disso, o fato de eu ter nascido em tempos de luta pela liberdade, mas também época de torturas, de aprisionamentos e violências (período da ditadura brasileira, nasci apenas

---

<sup>11</sup> Butler (2019b) nos informa que esse dispositivo ou noção binária de masculino/feminino constitui a descontextualização do feminino em relação a eixos de relações de poder que formalizam a identidade do sujeito.

<sup>12</sup> O adjetivo societal deriva do adjetivo francês sociétal ou do adjetivo inglês societal, ambos de formação recente, e tem o significado que é relativo à sociedade humana, sendo neste sentido sinônimo de social.

quatro dias antes da imposição do inacreditável, porém fatídico, AI-5<sup>13</sup>). Ou seja, nasci em “1968: o ano que não terminou<sup>14</sup>”, livro que li já adulto jovem e muito me deixou impressionado com a repressão dada a corpos que buscavam liberdade.

Veio então a escolha profissional, sendo de forma oprimida, obrigado a fazer concursos para ingresso nas forças armadas e que em nenhum deles fui contemplado com aprovação. Um alívio. Quase fui designado a servir no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), não fiquei porque, quando tive conhecimento do resultado, estava de cabeça raspada por ter passado no vestibular<sup>15</sup>. Fui aprovado nos cursos de Letras na Universidade Federal do Ceará (UFC) e Psicologia na Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Assim, no início da vida adulta jovem, fui capaz de ter e manter minha posição de fazer aquilo que me atraía, e vencendo com muito receio as determinações rigorosas de uma mãe “dominadora” que queria que eu fosse militar. Então começou o trabalho introspectivo de autoaceitação, autoestima e autoafirmação, conquistando minimamente que fosse, a autonomia de poder ser o que gostaria, o que me representaria e expressaria os desejos que se revolviam em meu íntimo.

Percebo muito sobre esse período no que Carvalho e Gomes (2009, p. 700) articulam ao se referir quando “a pessoa entenderia seu ‘ser sensível’ e o seu ‘ser formal’” como algo que traz harmonização àquilo emanado do pensamento e materializado pelos sentidos, fazendo surgir a estética. Mesmo sem ter essa noção, vejo que havia em mim uma lig(a)ção estética, permeada pelo autoconhecimento e pelas expressões dadas na escrita sensível.

Esse percurso, apesar de muito solitário, em uma visão orgânica, mas muito bem acompanhado em uma dimensão sensorial, me trouxe caminhos, visualizações, linhas de fuga (DELEUZE, GUATTARI, 1995a) que davam conforto ao meu modo de me subjetivar, que possibilitou a construção de um saber pessoal alegre, sentindo uma alegria de viver, mesmo com a realidade às vezes contraditória a essas percepções.

Trago a letra de uma música que me representa nesse período de minha vida:

### *Quase sem querer*

Tenho andado distraído  
Impaciente e indeciso

---

<sup>13</sup> O Ato Institucional nº 5, AI-5, promulgado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros.

<sup>14</sup> Para entender melhor ver 1968, o ano que não terminou, de Ventura (1989).

<sup>15</sup> Nessa época, a aprovação no vestibular era caracterizada, como tradição, pela raspagem dos cabelos, ficando com a cabeça careca. Um ritual simbólico e mantenedor da ordem compulsória sobre nossas corpos.

E ainda estou confuso  
 Só que agora é diferente  
 Sou tão tranquilo e tão contente  
 Quantas chances desperdicei  
 Quando o que eu mais queria  
 Era provar pra todo o mundo  
 Que eu não precisava provar nada pra ninguém  
 Me fiz em mil pedaços  
 Pra você juntar  
 E queria sempre achar explicação pro que eu sentia  
 Como um anjo caído  
 Fiz questão de esquecer  
 Que mentir pra si mesmo é sempre a pior mentira  
 Mas não sou mais  
 Tão criança oh oh  
 A ponto de saber tudo  
 Já não me preocupo se eu não sei por que  
 Às vezes, o que eu vejo, quase ninguém vê  
 E eu sei que você sabe, quase sem querer  
 Que eu vejo o mesmo que você  
 Tão correto e tão bonito  
 O infinito é realmente  
 Um dos deuses mais lindos  
 Sei que, às vezes, uso  
 Palavras repetidas  
 Mas quais são as palavras  
 Que nunca são ditas?  
 Me disseram que você  
 Estava chorando  
 E foi então que eu percebi  
 Como lhe quero tanto  
 Já não me preocupo se eu não sei por que  
 Às vezes, o que eu vejo, quase ninguém vê  
 E eu sei que você sabe, quase sem querer  
 Que eu quero o mesmo que você  
 (Legião Urbana<sup>16</sup>)

Figura 4 - Legião Urbana - Quase sem querer



Fonte: Letras Brasil (2021).

Nota: Disponível em:

<https://www.facebook.com/letrasmusbr>

Aproveitando o ensejo do curso de Psicologia, foram anos de análise e sorte minha ter a possibilidade e acesso a meios de autoconhecimento. Assim, fui me apercebendo nessa “masculinidade” e sublinhando a condição homossexual, compreendendo que podemos ser muito mais que homens ou mulheres e estabelecer outras categorias de existência e reconhecimento identitário.

Já como psicólogo, em um dos primeiros trabalhos profissionais, tive a oportunidade de palestrar sobre formação humana no Grupo de Resistência Asa Branca – GRAB, em Fortaleza (minha cidade natal), grupo de apoio a pessoas homossexuais, travestis, transexuais que atuava no combate à transmissão e adoecimentos por HIV/AIDS.

<sup>16</sup> "Quase sem Querer" é uma canção composta por Eduardo Dutra Villa Lobos / Marcelo Augusto Bonfá / Renato Manfredini Junior / Renato Da Silva Rocha.

Reconheço nessa experiência o emergir de um *eu* inconscientemente, TRAVAdo, que se refez em um des-DOBRA-mento significativo de dobrar a esquina do caminho imposto, e abrir novas territorialidades (DELEUZE, GUATTARI, 1997a). Ou como, cita Scott (1999, p. 22): “tornar o movimento visível rompe o silêncio acerca do mesmo, desafia noções dominantes, e abre novas possibilidades para todos”. Literalmente pude me ver em ação com o que acreditava.

Nos anos seguintes de exercício profissional, passei pela área educacional formal (onde fui professor de ensino fundamental I) e informal (fui coordenador de projetos sociais de formação e treinamento de jovens para qualificação profissional), pela área sóciocomunitária (desenvolvi projetos de intervenção social comunitária desenvolvidos por uma Organização Não Governamental), também me inseri na área clínica em Psicologia e pela área da docência do ensino superior, onde estou e que acendeu a chama de me tornar pesquisador atuante e vibrátil (ROLNIK, 2016).

Essas experiências com trabalhos sociais e comunitários me aproximaram da possibilidade de exercer prática laboral em Arcoverde-PE e, nessa passagem de minha vida, pude unir o útil ao agradável, visto que meu marido é dessa cidade e assim provoqueei deslocamentos não só territoriais como emocionais, afetivos, sociais, profissionais, perfazendo em minha vida uma cartografia sentimental, em alusão ao que sugere Suely Rolnik (2016).

Nesse percurso mantive em alta as observações sobre o corpo e suas performances, buscando sempre estar em convivência com pessoas transexuais e travestis e, dessa forma, absor(via) como se estabeleciam seus processos de subjetivação e identidades. Faço interlocução novamente com Scott (1999, p. 41): “a identidade está amarrada a noções de experiência, e visto que tanto identidade como experiência são categorias normalmente tidas como autoevidentes [...]”, a minha experiência em consonância com minha identidade perpassa as identidades e experiências de pessoas transexuais e travestis.

Em Arcoverde-PE há dez anos, traço um agir transgressor e libertador ao constituir uma família homoafetiva, sendo o primeiro casal gay a firmar matrimônio com registro civil e, também, primeiro casal gay a adotar uma criança pelos trâmites legais do sistema jurídico brasileiro de adoção, na cidade. Os fatos representam a consolidação da expressão estética e autêntica de meus processos de subjetivação.

Nesse trajeto antropológico<sup>17</sup>, me inseri em outros trabalhos e questões sociais e me aproximando cada vez mais do diálogo com as diversas formas de ser e existir das corporalidades, travestilidades e transexualidades. Daí se constrói a possibilidade do encontro com a questão epistêmica em que me localizo enquanto pesquisador e por uma questão ética me proponho a fazer um trabalho de fazer repercutir questões transexuais e travestis, de forma a explorar as modulações de gênero, corpa, estética, transexualidade, travestilidade e arte, a partir do que vivi e narrei até o momento.

Uma de minhas ações como profissional e de cunho social foi o desenvolvimento de um projeto na cidade nos anos de 2017/2018, em que, a partir do meu papel de docente do curso de Psicologia, abrimos espaço para atendimento de aconselhamento psicológico e psicoterapia breve, por alunes estagiaries, para pessoas LGBTQIAP+<sup>18</sup>, proporcionando uma maior proximidade com a vivência de corpos transexuais/travestis e seus procedimentos de constituição subjetiva.

Além disso, o ingresso, em 2019, n'O Imaginário, Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura, na Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA), permitiu-me dar uma nova dimensão de olhar, escutar, perceber, sentir o sensível que há muito parecia envolto em mim por uma capa masculinizadora e adormecida.

Acredito que pelo viés hereditário (minha mãe era professora de música e artes), a arte esteve muito próxima dos meus projetos sociais, pessoais e profissionais, e sempre que havia uma ocasião que permitisse, estava eu me inteirando junto a pessoas transexuais/travestis, dos seus modos de transformar-se, de performar-se, de caracterizar-se, de externalizar o afloramento de suas potencialidades transgressoras, artísticas e poéticas.

Talvez, buscando ali, um resgate do meu feminino tão reprimido na infância e na adolescência. Permeia em mim, a necessidade de investigar, averiguar como os processos de subjetivação de pessoas transexuais/travestis se estabelecem, como suas corpos se constituem e fazem da arte um impulso para desmistificar papéis antes inviabilizados de serem existentes.

---

<sup>17</sup> Trajeto antropológico é um conceito que Gilbert Durand explicita como “a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (DURAND, 2012, p. 41).

<sup>18</sup> Estamos descrevendo LGBTQIAP+ como um conjunto de identidades e identificações políticas (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis, *Queers*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e Identidades Não-binárias e Gêneros fluidos). Esse conjunto de categorias retrata que gênero e sexualidade são questões de multiplicidades da existência na contemporaneidade, e elas estarão sempre abertas a mudanças e ressignificações nunca finalizadas.

O que as corpos transmitem por meio da territorialidade vivida é foco de minha atenção enquanto pesquisador, de buscar aprofundar os termos de constituição da visibilidade trans/travesti por meio da arte, de forma a entender a suplantação de aspectos superficiais e passageiros do devir, do plano de consistência como retratam Deleuze e Guattari (1995a).

Enveredar por esses caminhos, dilui-se na maneira de enxergar o que é dado por meio da pesquisa, ver o que não é visto, olhar para as ilusões, para as ameaças, para as transgressões, para as dores, para os prazeres, para os sentidos e perceber as surpresas advindas dessa interação e que eu pude também me reconstituir, refazer-me, reconstruir-me nessa dimensão de reconhecimento de corporalidades possíveis, existentes e afirmadas.

Perante o risco de tantas fantasias e intimidações, os estudos já realizados e que se aventuraram, e ainda se aventuram, pelo território da arte e sensibilidade de corpos trans/travestis, voltam-se, habitualmente, para a demonstração de elementos sobre preconceito, da falta de espaço no campo laboral e de formação profissional, das condições precárias de vida, além da submissão aos domínios da prostituição.

Daí, existe em mim um sentir que me direciona a ir mais além do que está dito e posto no campo científico, há com certeza, espaço para novas interlocuções no campo da educação. Alguns estudos enfatizam que as possibilidades trans/travestis, apesar de aceitas, são ainda citações que se mantêm desgastadas, pelo fato do percurso de corpos trans/travestis terem incidentes, imposições, negações e impossibilidades.

Por esta percepção, busco, aqui, uma maneira de expressar as transições, as transposições e transgressões que as corpos trans/travestis estabelecem na visão psico-socio-educacional e artística de suas identificações.

E mesmo que já tenha sido estudado ou pelo menos permitido o cartografar de pessoas trans/travestis e suas corpos inteiras, de forma a transcender o mapeamento de suas exhibições, desejo constatar a evolução da desconstrução de um discurso moralizante, masculinizador, patriarcal, dominador, exclusivista, estigmatizador, hipócrita e ignorante, pautado na visão heterossexista, eurocêntrica e desumanizante da sociedade.

Insiro-me em um percurso metodológico cartográfico em que o processo se constitui inicialmente na imersão no mundo das expressões de três artistas transexuais/travestis na cidade de Arcoverde-PE para abstrair da construção e percepção dos caminhos investigativos referências que possam ressaltar a nossa problematização e propiciar um novo debate na educação, que incluam novos olhares, saberes, produções condizentes com processos educativos sensíveis.



Em momento posterior, no próprio processo cartográfico nos encontramos com Núbia, atriz em início de produções artísticas e em formação acadêmica, habitante de região do sertão da Bahia, tornando-se a quarta artista inserida na pesquisa, a fim de confrontar as diferenças entre aquelas que já estão na mídia e a outra que ainda não se insere em contextos de exibição midiática.

Compreendo a ideia de que uma pesquisa tem seu rigor, tem suas nuances e especificidades além de ideologias, mas tem, igualmente, espaço para que haja um produzir criativo e repleto de dimensões estéticas e poéticas. O que apresento como indicativo de meu estudo é a representação que as corpos trans/travestis precisam evidenciar ações políticas e combativas aos preceitos morais tão repressores da vivência transexual/travesti.

No vocabulário deleuze-guattariniano, que as corpos trans/travestis possam traçar mapeamentos de suas vivências utilizando a arte enquanto meio para fabricar as territorialidades ainda não acessadas ou permitidas. Todas as percepções me direcionam e me fortalecem a buscar a compreensão de como os processos de subjetivação das corpos transexuais/travestis se corporificam e demonstram a sua potência, de modo a entender as corpos em sua visibilidade, em sua expressão autêntica e libertadora.

Cardoso e Carvalho (2018, p. 196) indicam que “é preciso que o pesquisador avalie o seu ‘eu’ (desincorporado) e as ações e posições dos participantes, que, mesmo nessa condição, não deixam de representar e performar seus ‘eus’”. Tal pensamento corrobora com a expectativa de propiciar trocas, de enaltecer as subjetivações das participantes da pesquisa em comunhão com minha subjetivação enquanto pesquisador e, além disso, ter a possibilidade de olhar, escutar e afirmar que as figurações estético-gestuais aproximam a arte da vida, onde algumas experimentações corporais nos indicam saídas para o aprisionamento promovido pela relação corpa-cultura-subjetividade.

Tais artistas tensionam uma adaptação a processos que lhes são impostos, possibilitando o surgimento de um devir trans/travesti com a viabilidade de extrapolar tal senso, criar formas variadas de ser e agir, e, confirmar a busca incessante de apropriar-se de sua corpa, de seu gênero, de suas formas e de sua subjetividade.

O ato performático se presentifica na pesquisa de maneira transgressora, pois à imagem de uma corpa dada se contradizem outras corporeidades, outros modos de experimentação a partir da criação artística. Nessa costura, vejo que há uma construção epistemológica necessária à investigação, pois me interessa cogitar em que medida algumas experimentações artísticas de corpos transexuais/travestis revelam saídas dos caminhos pré-estabelecidos como normatizadores.

Em referência a essas considerações, presentifico na corporeidade desse trabalho uma escrita potente, transgressora, mas também poética, sensível, artística, provocadora de rupturas e abertura de novas linhas de fuga ou de desterritorialização como citam Deleuze e Guattari (1995a). Apresento com esta escrita a ideia de corpo-palavra, meu corpo escreve essas palavras.

*Corpo (Luís Massilon)*

C-orporeidade  
 O-rganicidade  
 R-esistência  
 P-rioridade  
 O-pulência  
**CORPA**  
 Caminha  
 Orienta  
 Revive  
 Pratica  
 Afeta!  
 no **CORPO** vejo  
 a Corporeidade dada pela  
 Organicidade que oferece  
 Resistência como  
 Prioridade à significância  
 retratada na Opulência  
 vista e revista na **CORPA**  
 que Caminha  
 vive e Orienta  
 Revive e desorienta  
 mas Pratica a prática  
 que simplesmente Afeta!

A experiência artística concretizada por corpos transexuais/travestis parece implementar uma linguagem outra do cotidiano que se tornam evidentes nas narrativas do discurso comum. Ou seja, a arte trans/travesti se evidencia como abertura de novas possibilidades, instrumentos de criação do novo, um deslocamento para a experimentação, para a transformação. Há, então, a ideia de que a experiência artística está articulada com a noção de que, pela arte, criamos experiências e recompomos a existência.

Maffesoli (2011) apresenta-nos dada correlação entre a experiência e a existência quando conceitua a Ética da Estética, que o que nos liga não é a razão, pois esta não tem o dinamismo aceitável para compreender a contemporaneidade, e que é a Estética que faz a ligação entre nós.

Assim, neste trabalho procuro apresentar as sensibilidades que me movem na direção de novos olhares, novos modos de ser, novos saberes a partir da leitura de corpos trans/travestis

e suas artes poéticas e transgressoras. Também direcionei meu fazer cartográfico na intenção de perfazer um caminho metodológico que retratasse os processos de uma pesquisa sensível e explicitasse o “dizer não dito” de pessoas que revolucionam a categoria corpa e suas dimensões, delineando suas ações performativas e construtoras. Amplificar a voz que ‘grita’ por meio da vivência corpórea e que também atravessa minha corporeidade.

Fotografia 2 - A corporeidade que me atravessa



Fonte: O Autor (2021)

Nota: Acervo pessoal

Os capítulos apresentados nessa construção permeiam todos os processos imaginados, havendo em cada seção referências da cartografia realizada, de modo a traçar compreensões e análises dos trajetos percorridos, das sensações produzidas e das elocubrações caracterizadas pela pesquisa, de modo a contemplar o fazer cartográfico. Faço, já a partir do primeiro capítulo introdutório, um traçado de linhas que me atravessam em comunhão com linhas que abarcam o traçar das artistas participantes da pesquisa, somos trajetórias fazendo e perfazendo TRAJE-tos ENTRE-laçados.

Figura 5 - Caminhos entrelaçados - TRAJE-tos



Fonte: Pessoa (2016).

Nota: Disponível em:

[https://medium.com/@lucas\\_pessoa/caminhos-entrelaçados-71124de891e4](https://medium.com/@lucas_pessoa/caminhos-entrelaçados-71124de891e4)

### *Trajetos (Luís Massilon)*

Traço uma linha  
um pensamento  
um existir  
Traçadas  
estão as linhas de fuga  
das travestis  
das transexuais  
E nessas linhas  
insiro meu plano de consistência  
desterritorializando  
reterritorializando  
o meu fazer  
territorial  
e o delas.

Penso no quanto as corpas, os corpos e corpes respondem a questões de sensibilidade, em que dimensão essa categoria consegue sair dos en-QUADRA-mentos impostos pelas territorializações, como se estabelecem os devires que sugerem as multiplicidades inerentes à sua leitura de mundo, de sentires, de perceptos e de afetações.

Sinto esse trabalho pelos sentidos corporais e orgânicos, mas não organicamente físico, e sim pela escrita à qual proponho que se remete a sensações que envolvem o imaginário, o transcendental, a experiência. Experimentações vivificadas onde ao escrever sinto perfumes de flor de maracujá, da mata rara cuidada no jardim<sup>19</sup> da corporeidade. Sinto o gosto de café, quente e aquecedor das minhas inquietações corporificadas. Sinto a intensidade arrepiante dos movimentos corporais ao me deparar com aquilo que me move e me emociona. Sinto o piscar dos olhos como se refletisse o insight absorvido pela ideia brilhante de extenuar sensações de escrevivências<sup>20</sup>. Sinto o som do silêncio e do pulsar de minhas veias, a escuta de melodias que me fazem flutuar no espaço feito folhas ao vento.

Dessa forma no segundo capítulo, apresento as implicações metodológicas da Cartografia, nomeado “*Se alguém por mim perguntar, diga que eu só vou voltar quando eu me encontrar*”: *cartografando as experiências performáticas de ser e se fazer arte trans/travesti*.

Nesse tópico, as subseções estão nomeadas a partir da música Sou Trans de Nega Preto:

<sup>19</sup> Apresento cores nessa passagem, a fim de dar notoriedade às sensações advindas da escrita onde as sílabas com as mesmas cores retratam um sentir perceptual, visual, olfativo...

<sup>20</sup> Absorvo aqui a ideia de escrevivência desenvolvida por Conceição Evaristo (BRITO, 1996) à qual me remete à ação de uma busca pela inserção no mundo com nossas histórias, nossas vidas, coisas que o mundo não valoriza e não considera, mas que significa pelo estudo desenvolvido a importância para nossas existências.

### ***Sou Trans (Nega Preto<sup>21</sup>)***

Ninguém me dirige, nego, eu sou trans  
 Eu sou trans, sou trans, Nego, eu sou trans  
 Sou não-binária pa peste  
 Meu mano, eu sou trans  
 Teu mundo cis não me veste  
 Não sou ela, não sou ele  
 Mas sou um cadin de tudo  
 Eu sou elu, sou menino  
 Sou misto de grave e agudo  
 Desde a bissex sou um ícone bi  
 Fiz essa aqui pra ser lenda NB  
 Sou Nega, sou Nego, não vem corrigir  
 Dum jeito ou de outro, sou peso NP  
 Essa cena cês não vai dirigir  
 Hétero cis não vai dirigir  
 Sou Nega, sou Nego e não negue que um nigga  
 Te surpreende quando se permite transcender  
 Ninguém me dirige, nego, eu sou trans  
 AH, AAH!  
 Vaza daqui, colonizador  
 Que teu mundo é binário e eu não sou  
 Europeu ordinário, eu odeio rad  
 Não me encaixo no mundo e nem vou  
 Cocês é assim  
 Tuas roupa tem gênero, afasta de mim  
 E cale-se que eu não quero tuas desculpa  
 Mas reparação sim  
 Por isso eu sou Nega Preto  
 Sou tipo um dueto sozinha  
 Eu não sou binária, sou bi  
 Então se eu subir vai ser com as minhas  
 Por isso eu sou Nega Preto  
 É papo de afeto e de união  
 Esses cara fala que eu não existo  
 Mas nós tamo aqui dominando o mundão, VRÁ  
 Ninguém me dirige, nego, eu sou trans

Figura 6 - Capa do álbum "Boiola Retinta" - 2021



Fonte: Nega Preto (2021).

Nota: Retirada de:

[https://www.youtube.com/results?search\\_query=Nega+Preto+-+Sou+Trans+\(Lyric+Clípe+oficial\)](https://www.youtube.com/results?search_query=Nega+Preto+-+Sou+Trans+(Lyric+Clípe+oficial))

Os subitens estão assim configurados: o primeiro intitulado “*É papo de afeto e de união, esses cara fala eu não existo*”: *cartografia – pragmática da pesquisa educacional*, procuro traçar linhas da cartografia metodológica com a pesquisa em educação contemporânea. O segundo subitem me refiro a “*Não me encaixo no mundo e nem vou cocês, é assim, tuas roupa tem gênero, afasta de mim, e cale-se que eu não quero tuas desculpa*”: *o meu lugar ético-*

<sup>21</sup> Nega Preto é *rapper* e produtora carioca de Petrópolis, autora do importantíssimo *single* “Sou Trans”, onde assume publicamente a sua transexualidade não-binária. Poeta desde criança, Nega Preto atua no rap desde 2011 e já conta com vários trabalhos como os álbuns “Nossa Raiz” e “Té, A Ovelha Nega” de 2015 e 2021 respectivamente. Em “Sou Trans”, a artista traz provocações aos padrões da sociedade branca cisgênera com produção integralmente assinada pela própria.

*estético-político na pesquisa*, momento da escrita em que me debruço a traçar o meu lugar em comunhão com a escrita política, o meu fazer além de estético é ético e político.

Explicito então, todo o percurso metodológico que pretendi desenvolver, detalhando inicialmente a aproximação cartográfica em termos teóricos, ressaltando de que modo o trajeto cartográfico potencializa a reflexão sobre as categorias principais de minha pesquisa e do campo eleito. Em seguida, trato do meu lugar ético-estético-político frente ao campo e às participantes da pesquisa.

O terceiro capítulo recebeu a titulação “*Eu quero nascer, quero viver...*”: *Corpas e possibilidades, Trajetórias e identificações*, uma interlocução com a “produção” e evidenciação de corpos e sua pedagogização, traçando uma trajetória de corpos negadas a corpos transformadas, caracterizando a fundamentação teórica cartografada com as produções das corpos transexuais/travestis em evidência na pesquisa.

Reflito sobre a direção das corpos à sua aproximação com a arte, demonstro o sentido da formação subjetiva de corpos trans/travestis e o reconhecimento de identidades e identificações. Respondo à interrogação “Que corpos são essas?”. Para isso, subdivido em duas subseções: a primeira, “*Corpas em possibilidades – trajetórias*”; e a segunda, “*Expressões e impressões... corpos que fazem arte*”, de maneira que trago como referências de leituras e compreensões os pensamentos de Judith Butler, Gilles Deleuze e Félix Guattari, Paul B. Preciado, Michel Foucault, Suely Rolnik, Donna Haraway, Tomaz Tadeu Silva, David Lapoujade e Nicolas Bourriard.

No quarto capítulo nominado “*Quero assistir ao sol nascer, ver as águas dos rios correr, ouvir os pássaros cantar...*”: *A poeticidade de corpos na Arte Trans/Travesti*, busco a compreensão do fazer artístico de pessoas transexuais/travestis a fim de exemplificar a produção artística atravessada pela poeticidade impressa na arte. Investigo quais artes essas corpos produzem? As interlocuições teóricas se dão com autores(as) que representam a dimensão estética suscitada a partir da arte, assim parto das construções teóricas de Michel Maffesoli, Fayga Ostrower, Nicolas Bourriard, Dodi Leal e Carlos José Martins.

Nesta seção apresento, igualmente, como subseção, *As experimentações criativas e poéticas constituindo o “lugar-de-sentir”*, na qual analiso o elo de coerência de uma corpa que se organiza diante de transmissões latentes do seu pulsar artístico e as vivências de junção relacionadas à contemplação de uma corpa em ação no mundo. O foco é, pois, evidenciar possibilidades outras de ser, por meio da criatividade e expressão poética, de fomentar o desejo de ser para além das imposições sociais.

Outra subseção do mesmo tópico é relacionada como *A arte e a criação estética-gestual de uma corpa trans/travesti*, em que me proponho a vislumbrar o poder de criação das corpos no enfrentamento das limitações impostas pelo estranhamento de corpos trans/travestis.

O quinto capítulo que desenvolvo, repito, sempre atrelado com a cartografia das corpos, intitulado como “*Vou por aí a procurar, sorrir pra não chorar*”: *Arte Trans/Travesti performatizada e politizada*, no qual averiguo como a arte produzida por artistas transexuais/travestis pode ressignificar a sua existência. Nisto, busco caracterizar os meios que as corpos encontram para performar no real, explicitando uma corpa que retrata o político e que transforma o ser e a sociedade.

Apresento nessa penúltima seção duas vertentes, a primeira, *A Arte que transgride: “abalando as estruturas”*. Assinalo a associação de resistência com libertação, além de conjecturar o fomento da arte que nos representa e que de forma subversiva “abala” as bases de uma sociedade excludente. A segunda vertente da seção remete a “*Quem está aí a procurar, tentando sorrir pra não chorar?*”. Meu intuito é o de traçar um perfil pessoal, artístico e corporal das artistas trans/travestis eleitas.

Assim, apresento a seguir as participantes da pesquisa<sup>22</sup>:

✓ **Renna Costa** – “a mata é meu estado, na mata estar, encantada”. Artista trans/travesti, performa poeticamente entre um cortejo e uma ocupação, com a escolha da cultura da terra para sua sobrevivência, residindo no “Sítio Serrote Preto” comunidade rural do município de Buíque-PE, performatizando a noção de corpo território<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> As fotos das artistas utilizadas nessa produção foram todas retiradas dos arquivos midiáticos delas com devida autorização.

<sup>23</sup> Renna Costa performa e constrói a ideia de corpo território como corpo que trata das cercas sociais que excluem corpos travestis e a problemática da cerca na luta pela terra.

Fotografia 3 - Renna Costa – guerreira no sertão!



Fonte: Costa (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

- ✓ A segunda artista é a trans/travesti preta periférica Gabi Cavalcanti e sua personagem “Artivista” Benedita – “Bem-dita preta da Periferia”. Personagem que traz um forte posicionamento por meio das transgressões corporais e suas repercussões no meio social. A atriz se mostra contra as correntes ideológicas demonstrando a força de seu território por meio de uma arte política que subverte os lugares e os não-lugares das travestis pretas periféricas.



Fotografia 4 - Gabi Cavalcanti – A noiva TRAVESTY



Fonte: Arcoverde (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

- ✓ A terceira persona artística é Irla Carrie – Preparadora corporal, assim a poeta, artista de teatro e dança se autodenomina, a sua citação reverbera em nós o poder transformador da arte e da corpa: “Transpasso tempo para reinventar minha própria criação”. A Artista vem de um espaço de ocupação que se tornou o primeiro ponto de cultura do país (Estação da Cultura – Arcoverde-PE, ocupada em 2011), tornando-se uma agente cultural onde se iniciou um protagonismo que reverbera suas transformações.

Fotografia 5 - Irla Carrie - Vou à festa, Sou a Festa...



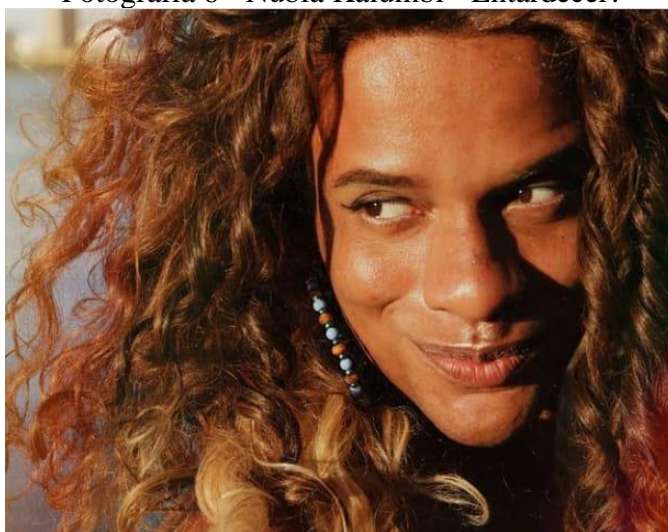
Fonte: Carrie (2021).

Notas: A partir das redes sociais da Artista.

A partir das contribuições no momento da banca de qualificação, senti a necessidade de ter um olhar sobre alguma artista que ainda não estivesse tão em cena nas mídias sociais e, na desenvoltura de trabalhos artísticos, mas que estivesse galgando espaços para se introjetar no meio, que TRANSparecesse intenções de concretizar suas transformações e ações artísticas, e que vivesse no sertão. Encontramos por indicação de uma das participantes a quarta integrante de nossa pesquisa.

- ✓ Núbia Kalumbí é uma travesti negra em processo de retificação do nome social, soteropolitana que vive em Senhor do Bonfim-BA, artista de teatro que trabalha com a performance e o audiovisual. Iniciou no teatro em 2016, por um curso de iniciação teatral, no ano posterior ingressou como discente no curso de licenciatura em Artes Visuais pela UNIVASF (Juazeiro-BA) onde cursou dois semestres e em seguida trancando a matrícula para em 2018 entrar no primeiro curso de licenciatura em teatro da UNEB (Campus VII – Senhor do Bonfim-BA).

Fotografia 6 - Núbia Kalumbí - Entardecer!



Fonte: Kalumbí (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Na última parte do trabalho, sexto capítulo denominado “*Análise do que TRANSpassei, TRANSVi, TRANSexperiei, TRANSformei, TRANScrevi*”, apresento/complemento o que se deu, se construiu, se processou, se vivenciou, se permeou, se entrelaçou, se cartografou. Não me posiciono apenas no pensamento de “vou analisar?”, mas refletir os sentires, os atravessamentos, “vou TRANSpassar e TRANScrever o que TRANSVi, TRANSexperiei, TRANSformei”.

Coloco como subseções dessa construção os subtítulos: “*Mas nós tamo aqui dominando o mundão – VRÁ, ninguém me dirige, nego, eu sou trans*”: *As ações das artistas trans/travestis do Sertão Nordestino que desterritorializam e reterritorializam a região com sua arte*, tópico que discorro analiticamente sobre os processos desenvolvidos no território por essas artistas e finalmente, “*Sou nega, sou nego e não negue que um nigga, te surpreende quando se permite transcender*”: *Cartografias remotas, midiáticas e pandêmicas, estamos TRANScendendo!*, item que designa as percepções advindas do momento de pesquisar em tempos de pandemia, de cartografar outras vivências surgidas sem planejamento pelo momento globalmente vivido.

Importante explicitar que os processos cartográficos aqui descritos estão vivenciados de maneira inusitada diante da condição a que foi imposta toda a humanidade pela pandemia do coronavírus (COVID-19). Esses tempos trouxeram reflexões sobre a consciência, existência e resistência humana, e diante de situações de isolamento e distanciamento social, as pessoas transexuais/travestis, que já são excluídas social e naturalmente, tiveram muito mais dificuldades no suporte e enfrentamento de suas questões de sobrevivência. Como fazer arte sem público presencial.

Elas tiveram que se inovar, se mediatizar, buscar alternativas de superação da condição imposta de mais negação e rejeição de suas corpos. Junto com essa vivência, tive que me adaptar enquanto pesquisador a essas novas demandas e cartografar a partir das produções midiáticas e de aparecimentos virtuais com as participantes da pesquisa. Essa dimensão me remete ao que o poeta Manoel de Barros (2014) mostra perfeitamente, dando expressão a esse processo do TRANSver tão fortemente vivido por todes nós:

“A expressão reta não sonha.  
Não use o traço acostumado.  
A força de um artista vem das suas derrotas.  
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.  
Arte não tem pensa:  
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.  
É preciso transver o mundo.”

As maneiras como cartografar em tempos pandêmicos. Um olhar para a cartografia e os fluxos de afetos virtualizados, me pergunto então, são os mesmos da forma presencial? Busco registrar tais dimensões, que se constroem em um mergulho nas experiências vivificadas entre pesquisador e partícipes, de modo a tornar um trabalho de construção pelo andar em conjunto, constituindo um caminho de pesquisa-intervenção.

É uma espécie de querer viver o artístico e entender que a partir da experiência, de TRANScender as percepções imediatas e racionais. Mais um ponto investigativo de nossa pesquisa: Seriam as artistas transexuais/travestis capazes de, por meio de suas performances, transcender e tornar visível o invisível? E em tempos de pandemia?

## 1.2 “O gato preto cruzou a estrada...”: o trajeto metodológico do estado da arte e as categorias advindas

Figura 7 - O gato preto cruzou a estrada...caminhos por novos territórios...



Fonte: Getty Images ([201-]).

O Estado da Arte permite uma pertinência ao estudo e incide nas decisões metodológicas, mostrando o quanto de disponibilidade tenho para me relacionar com o campo de pesquisa, refletir sobre o objeto e, dessa maneira, desenvolver critérios metodológicos.

O processo envolveu questionamentos sobre a concepção de critérios de categorização que puderam me ajudar a aprofundar as relações inerentes ao campo e ao objeto de pesquisa.

As categorias iniciais que subsidiaram o presente Estado da Arte se remetem a construções teóricas e metodológicas que se reportaram às relações permeadas entre Corpo, Estética, Educação e Transexualidade; Arte, Transexualidade e Corpo; Educação, Gênero, Transexualidade e Estética; Corpo, Transexuais, Transgressão, Artistas, e; Performances, Gestos, Corpo, Estética.

Os sítios visitados para o mapeamento de trabalhos ligados ao objeto de estudo e que compõem o Estado da Arte foram: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES<sup>24</sup>, Biblioteca

<sup>24</sup> Repositório acessado no seguinte endereço: <https://catalogodeteses.capes.gov.br>

Digital Brasileira de Teses e Dissertações - IBICT<sup>25</sup> e o repositório ATTENA<sup>26</sup> da Universidade Federal de Pernambuco.

A partir desse estudo da arte produzimos e publicamos na Revista Humanidades e Inovação, Volume I – Interseccionalidades das diferenças, número 58, o artigo “O estado da arte das pesquisas sobre corpo, transexualidade e educação no Brasil (MASSILON; CARVALHO, 2021).

### 1.2.1 Corpo, estética, educação e transexualidade: afinidades e preleções

Figura 8 - Educação e Transexualidade



Fonte: Acioli (2014).

Nota: Disponível em: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/educacao-o-desafio-da-transexualidade/>

Quanto ao universo de estudos acerca da produção do conhecimento sobre o primeiro grupo de descritores – Corpo, Estética, Educação e Transexualidade, o estado da arte trouxe importantes considerações, posto que as categorias desenvolvidas neste trabalho remetem, primeiramente, às corporalidades em construção por meio de atuações da educação e da ciência, que têm a intenção de descrever como se dá a construção de corporalidades a partir de perspectivas evidenciadas pelo campo educacional, isto é, caracterizar as pedagogias da corpa.

O primeiro grupo de descritores que analisei e fiz analogias com esta pesquisa são os estudos dos pesquisadores Silvane Lopes Chaves (2015) no trabalho intitulado *Sobre Corpos Insolentes: corpo trans, um ensaio estético da diferença sexual em educação*, Alan David Evaristo Panizzi (2016), *Experimentações corporais como produtoras de (re) existência frente à futilidade presente na estética das práticas pedagógicas*, Juliana Cristina Pereira (2016) - *Cartografias afetivas: proposições do professor-artista-cartógrafo-etc.*; Aline Ferraz da Silva

---

<sup>25</sup> Repositório acessado no seguinte endereço: <https://bdtd.ibict.br>

<sup>26</sup> Repositório acessado no seguinte endereço: <https://attena.ufpe.br>

(2014), *Currículo e Diferença: Cartografia de um Corpo Travesti* e o trabalho de Gustavo Scolfaro Caetano da Silva (2013) nomeado *Fragmentos de Corpo e Sombra*.

Essa imersão inicial deu-me possibilidades de sentir o envolvimento produzido por outros trabalhos em minha corporeidade, uma dimensão do sentir corporalmente a produção científica que contempla categorias fundamentais de minha produção, tais como, corpo, estética, diferença, experimentações, cartografias. Esse princípio constitui-se como a vivência de um mergulho no campo da pesquisa eleito e desejado. Comecei aqui a cartografar de fato.

Chaves (2015) considera a questão da visibilidade das diferentes manifestações da sexualidade apontadas como “insolentes” e produzidas como abjetas. Um dos paradigmas centrais na discussão que proponho, pois acredito ser um elemento necessário aos debates sobre o tema “Corpas Trans”, pois se trata, na maioria das vezes, de uma ‘visibilidade’ e de uma ‘aceitabilidade’ regulada pela sexualidade normativa que interfere nos processos de existência do ser, sendo este visto como aquele que é ‘tolerado’.

Atrelado à constituição da corpa o trabalho de Panizzi (2016) me faz perceber a “Filosofia da Diferença” de Félix Guattari e Gilles Deleuze (1995b), e traz para mim uma consonância a partir do momento que realizo percepções teóricas-metodológicas centradas na teorização de Deleuze e Guattari (1995a; 1995b; 1996; 1997a; 1997b) quanto às questões do corpo-devir, do corpo em processos e movimentos que representam possibilidades estéticas e expressivas, além da possibilidade cartográfica de reconhecimento dessas probabilidades de vida.

Quando o trabalho se direciona ao método da cartografia, passo a ter uma visualização astuciosa sobre a metodologia empregada, pois sobre essa temática encontramos a tese de Pereira (2016), que se compromete a pensar uma proposição que é artístico-pedagógica e que tem como inspiração para sua construção a filosofia da diferença e o processo de criação.

Na mesma linha de pensamento alio a tese de Aline Silva (2014), que é contundente quando apresenta teorizações concernentes aos estudos de Deleuze e Guattari (1995a; 1995b; 1996; 1997a; 1997b) que, como citado anteriormente, são preponderantes neste estudo, pois minha intenção e aproximação com os conceitos deleuzeanos de multiplicidade, linhas de fuga, estratos, intensidades, agenciamentos, corpos sem órgãos (CsO), são fundamentos que concatenam com ambas as produções.

Com o mesmo conteúdo, apresento a expressão de um desejo de corpo novo, insurgente e fugitivo e, por isso, idealizo o trabalho desenvolvido por Gustavo Silva (2013). Há uma intenção de demonstrar os “fragmentos de carne” que não formam um organismo, mas um corpo forte e atravessado por sombras que ajustam linhas de fuga.

Também é visto nessa produção que o Corpo sem Órgãos deleuze-guattarriniano é a probabilidade de um corpo novo e intensivo, o que corrobora com estudos que venho desenvolvendo diante da formação e compreensão de uma pedagogia do corpo.

Ainda na visualização dos descritores do primeiro grupo, na dissertação de Thalissa Machado Vasconcelos (2015), abstraída do repositório ATTENA que comporta teses e dissertações da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e tem como título, *Corpos em trânsitos, transes e tranças: produções de corporalidades por/com mulheres trans*, vejo que a construção teórica de Vasconcelos (2015) se aproxima da ideia centrada em meu objetivo, o interesse em discutir como as pessoas que propiciam mudanças e transformações em suas corpas agem de acordo com o que a cultura pré-determinou como normal.

Assim, ela rebate que, no caso de mulheres trans que produzem modificações em suas corpas, desestruturam uma norma binária consolidada como verdade, acompanhado de um questionamento sobre a potencialidade dos corpos serem “lidos como transgressores, subversivos, intoleráveis” (VASCONCELOS, 2015, p. 17) momento em que acomodo meus pensamentos na expressão que as corpas podem desenvolver em relação às transgressões e poeticidades que agilizam seu existir.

Outro trabalho significativo e relacionado ao primeiro jogo de descritores, agora pelo repositório do IBICT, é o do pesquisador Odilon José Roble (2018), com a Tese - *Transvaloração do corpo: notas para uma educação ético-estética* em que demonstra a ideia da Transvaloração. O conceito em relação ao que se refere à corpa, depara-se, por intermédio da imanência desta corpa, com sua materialidade e sua atividade.

Aqui, percebo que a partir da “transvaloração do corpo” é possível relacionar a “educação ético-estética”, que deseja a vida, a corpa e uma sujeita em formação esboçada pela sua vontade e ânimo. Essa dimensão ética-estética reverbera em meus sentidos a partir da confluência que estabeleço com a construção que indica que “o sensível se aloja na base de toda maneira de ser, difrata-se na vida cotidiana, e tem um peso considerável na vida de toda sociedade” (MAFFESOLI, 2011, p. 75).

Portanto, considero que sobre o primeiro grupo de descritores estabelecidos pratiquei a imersão necessária para desenvolver pensamentos, sensações e percepções voltadas para o dimensionamento daquilo que buscava como eixo central de uma pesquisa no campo da educação.

Me vi envolto pela dinâmica do acesso ao cotidiano, algo tão primordial no desenvolvimento de cartografias de corpas, pois estar en-volv-ido proporciona sentimentos e







A vivência obtida com a leitura desses trabalhos cativou-me mais ainda no que concerne à questão das relações da arte com a corpa e com a transexualidade. A incidência dos trabalhos citados neste subitem em minha corporalidade e escrita foram fundamentais para concretizar ligações e emendas do processo em construção, fortalecendo assim a dimensão do que o estado da arte é capaz de provocar em quem se apropria dessa metodologia.

No intuito de promover uma discussão acerca das possibilidades de subjetivação de mulheres trans e travestis, de forma a problematizar as contradições que envolvem a expressão das corpos e suas resistências, entendo que há no trabalho de Roberta Silva (2017) uma conexão com as falas do consumo e sua intersecção com a evidência da distinção dos gêneres. O estudo desenvolvido por Ranniery (2016) evidencia a proposta de abordar da mesma forma que pesquiso a contextualização de atos performativos consolidados pelos estudos *queers*<sup>27</sup> de Butler (2019b) e as relações que envolvem a corpa e sua inteligibilidade.

A partir de uma concepção estética contemporânea, a corpa é vista como consumidora de uma modificação estética que a aproxima do reconhecimento dos dispositivos de poder bastante enfatizados no decorrer do trabalho. Essa confluência de saberes nos aproxima das ideias de Maffesoli (2011), que nos impulsionam a admitir que a revelação do corpo em uma sociedade que privilegia o corporeísmo, faz surgir o sentimento comunitário do tribalismo, pois “o vestuário e os costumes estão ligados. É, nesse sentido, que a forma faz o corpo social” (MAFFESOLI, 2011, p. 152).

No entanto, no desenvolvimento do estudo encontramos parênteses com a nossa investigação quanto ao tratamento teórico dado às questões que concernem à estética e sua incidência em corpos trans, a ponto de atentarem a condições corporais que levem ou expressem sensibilidade, modos de ser, de dizer, de viver e se fazer visível.

Em termos de interlocução com as questões de existência e possibilidades de viver, a investigação de Thalita Costa (2016), centrada na filosofia nietzschiana, é voltada para o interesse em uma crítica da formação de sujeito, um sujeito traçado pela dicotomia platônica entre corpo e alma. O trecho me remete à minha vivência de volver pelos campos enrijecidos do feminino e do masculino.

---

<sup>27</sup> A denominação “Teoria *Queer*” foi utilizada inicialmente para afrontar as análises desenvolvidas por pesquisadores que se mostravam opositores críticos aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e de gênero. O termo *queer* que era usado para anormalidade, perversão e desvio, passou a destacar o compromisso em desenvolver uma análise da normalização focada na sexualidade. Segundo Miskolci (2019) em termos teóricos e metodológicos, os estudos *queers* surgiram do encontro entre uma corrente dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, o qual problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação.

O estudo referendado no parágrafo anterior me coloca diante da reflexão à qual penso como o cotidiano e suas relações podem ter aproximação com a estética e com o que aprendo diante da possibilidade de minha existência. A formação subjetiva a que fui submetido está concentrada no poder colonizador de meu corpo, e fatalmente isso também se estende às mulheres transexuais/travestis, pois todas as pessoas não aprendem e muito menos ensinam, elas apenas trocam, permutam saberes. Ser tocado por essa percepção abre espaço para revisão interior de conceitos, de atitudes, de possibilidades encontradas em minha existência.

Em visita ao repositório ATTENA de dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste (PPGEDUC), encontro um trabalho com aproximações à minha pesquisa quanto às questões inerentes a processos educativos de pessoas Trans. O trabalho de Santana (2019) mostra como ideia central a tentativa em compreender quais as estratégias de resistências e permanências de pessoas trans no ensino médio da rede pública estadual em Caruaru-PE.

O foco está em conexão com meus estudos no que diz respeito aos modos de resistências que se agregam às posturas trans/travestis em seu meio de convivência social. Ao fazer menção à análise de experiências estéticas educativas e existências trans, Lucivando Martins (2016) coloca como proposta inicial de seu estudo tomar como direcionamento uma reflexão mais aprofundada de como se estrutura o pensamento de educadoras Trans e que produtos, chamados pelo autor de “confetos”, decorrem dessas experiências estéticas, educativas, transexuais e transformadoras. Um trabalho cartográfico de experiências estéticas e educativas que corrobora com a expectativa de que se pode inferir uma nova pedagogia por meio de corpos trans, com a produção extensiva de seus saberes ou “confetos” como retrata o autor.

Diante de tais construções e suas intercorrências, vislumbro a importância da pesquisa como amparo às demonstrações de produção de saberes, conhecimentos, corporeidades evidenciadas pela expressão artística, poética, sensível e igualmente transgressora de corpos ainda submetidas a uma imposição de não serem passíveis de luto como menciona Butler (2015, p. 56), “esse ‘defrontar-se com’ é uma das modalidades que define o corpo”.

Na direção de olhar as perspectivas construídas em relação à estética, ao sensível e à arte, e sua influência na formação psíquica de sujeitos, aspectos relevantes que partem do sentido sensorial do corpo ao inconsciente, Ribeiro (2019) se encontra com a constituição da subjetividade do ser, o que repercute em si a sensação de coadunar elementos de minha prática profissional como psicólogo, quando vejo, pelo referido trabalho, que os sintomas eclodem no corpo, na contemporaneidade, e os quadros sintomatológicos expressam um esvaziamento dessa substância, impedindo a perspectiva de ser. Isso me remete à possibilidade que tive de

trabalhar em mim os ajustamentos necessários à minha vivência corporal, mesmo que nos enquadramentos imobilizadores da convivência social.

A partir dos excertos compreendo a interação, em maior medida, com o que estou produzindo, sob o ponto de vista de que há a necessidade de se despertar corpos, fazê-las escapar da inércia a que são submetidas e à dominação imposta, recriando a existência com base em novos códigos sociais, delimitando a vivência explicitada por Foucault (1998) como resistência.

### 1.2.3 Mapas para uma nova cartografia por meio da arte, da educação e da estética

Figura 10 - Cartografias do corpo - Arte sem Fronteiras



Fonte: Jornal do Comércio (2021).

Nota: Disponível em:

[https://www.jornaldocomercio.com/\\_conteudo/cultura/2021/](https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/cultura/2021/)

Em relação ao terceiro grupo de descritores “Educação; Gênero; Transexualidade; Estética”, contemplo os trabalhos de Róbson Batista Dias (2015) - *Identidade de Gênero Trans e Contemporaneidade: representações sociais nos processos de formação e educação*, José Luiz Pastre (2014) - *Educação e Estética da Existência: práticas da liberdade e criação de novas possibilidades de vida*, Carlos Théo Lahorgue (2013) sob a qualificação de *Vivências em Arte: processo para uma estética do sujeito*, João Paulo Zerbinati (2017) nos apresenta a pesquisa *Desvelando a Vivência Transexual: gênero, criação e constituição de si mesmo*, e Emerson Roberto de Araújo Pessoa (2013) - *A construção de corpos e feminilidades: travestis e transexuais para além da prostituição*.

Ao me enveredar pelos escritos apresentados, vislumbro a condição inerente de meus processos corporificantes para permitir o surgimento de uma escrita potente quanto à relação

entre estética, gênero e sexualidade. Pois, a compreensão da intersecção das temáticas movimenta uma dança na qual solto meu corpo para escrever, para transparecer o que em mim atua como elo-de-ligação com as corpos trans/travestis. Retira de meu corpo a liga, a cola que se conecta com as corpos das pessoas trans/travestis, que estetizam o que em mim está presentemente vivo. Penso na trajetória paralela que posso traçar entre a experiência que trago e àquela a ser vivida no transitar por espaços e territórios que me incentivam à criação de possibilidades de ser e de estar no mundo.

Dias (2015) realiza uma leitura que utiliza os preceitos butlerianos de gênero como estilo corporal e junção de atos performativos e que pessoas trans, travestis e drags são meios de perturbação da ordem. Pastre (2014) traz no cerne de suas discussões o encontro com diversos sinais nas práticas pedagógicas referentes à relação entre educação, estética e existência, demonstrados pelo fazer pedagógico que problematiza em suas vivências e experimentações práticas que designam, inventam, questionam maneiras outras de indicar novos sentidos para as mesmas, instaurando assim inovações de visibilidades e discursividades a respeito do campo em que atuam.

Percorrendo a vertente entre Arte, Educação e Estética me deparo com as produções de Lahorgue (2013) em que a vivência em arte me direciona à formação de um universo simbólico e representação de minha subjetividade no mundo. Zerbinati (2017) procura retratar o mais fielmente possível a vivência do primeiro transexual operado no Brasil, João W. Nery, de forma a sair das impregnações psicopatológicas associadas à transexualidade, e se mostra um estudo histórico-documental e reflexivo.

A leitura da obra de João W. Nery (2011), estimulada por esse trabalho de Zerbinati (2017), percorreu-me o corpo de sensações empáticas, de reflexões a respeito das condições sofridas e as dificuldades a elas associadas, tornando-se fluidificação de engessamentos que precisavam ser desconstruídos, mesmo com o conhecimento já obtido e as experiências também interrelacionadas ao meu viver cishomossexual.

No mesmo sentido, Pessoa (2013) traça um paralelo entre a construção de corpos trans e assimilação da feminilidade por essas corpos, e, conseqüentemente, sua postulação como corpos disponibilizadas ao mercado da prostituição.

Existe dada intencionalidade, na pesquisa ora apresentada, de suscitar a superação do modelo corpo-trans-prostituição e as (supostas) pressuposições, a serem comprovadas metodologicamente, que por acesso à arte, as corpos, ainda que de forma transgressora, mas também com a exibição de uma poeticidade, podem se estabelecer e se legitimar como sujeitos na sociedade, sair do enquadramento limitante e dominador para uma nova constituição liberta

e desprovida de aprisionamentos e ter o máximo cuidado de não se enquadrar novamente em outros estratos.

Com a proposta fortalecida pela imersão no estado da arte delineado, imaginei-me, então, com a possibilidade de aprender mais ainda com travestis e transexuais de forma a descobrir aquilo que só elas sabem dizer de si mesmas, dando vazão aos espelhamentos trazidos por elas e refletidos em mim, imagens que reluzem em minha imagem corporificada, ou melhor, TRANScorporificada.

#### 1.2.4 Corpo, transexualidade, transgressão: artistas trans e fazer sensível

Fotografia 7- Vivências Transgressoras



Fonte: Close (2021).

Nota: Disponível em: <http://www.secel.mt.gov.br/-/17648243-projeto-da-visibilidade-a-pessoas-lgbtqia-em-exposicao-virtual-blog-e-documentario>

Os descritores que agora explico no Estado da Arte são “Corpo; Transexualidade; Transgressão; Artistas”. Essa catalogação se adequa à categoria que premedito para o percurso no campo teórico-metodológico da pesquisa, que seja, a poética artística como libertação de corpos, de modo a apresentar o fazer artístico de artistas transexuais/travestis enquanto exemplificação de transgressões poéticas das corpos.

Daí, advém as perguntas que me nortearam na investigação da categoria: Que artes as corpos trans/travestis produzem? Como permeia o fazer artístico? Que condições transgressoras são evidenciadas pelas corpos trans/travestis?

Caracterizo aqui as produções científicas desenvolvidas por Wagner Ferraz (2014) denominada *Corpo a dançar: entre educação e criação de corpos*; Isabela de França Meira (2019) com *Artivismos e dissidências sexuais: movimentos coletivos de (cri)ações estéticas e políticas de resistência à heteronormatividade em Recife*, Jéssica Leite Serrano (2017) e seu trabalho - *Práticas Corporais e Transexualidade: estudo de homens e mulheres trans*; a

pesquisa desenvolvida por Iran Almeida Brasil (2017) intitulada *Drag Queen: uma potência transgressora*; a dissertação de Maria Isabel Zanzotti de Oliveira (2015), *Nas margens do corpo, da cidade e do Estado: educação, saúde e violência contra travestis*, e, Letícia Lanz<sup>28</sup> (2014) que traz uma excelente reflexão sobre o conceito de transgeneridade e suas interconexões práticas e sociais, em sua pesquisa, *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*.

Os trabalhos ora evidenciados afetaram minhas percepções concernentes a descobertas de realidades diversas e do cotidiano de modo a promover o surgimento de um conhecimento experimentado pela pesquisa, estimulando o papel de pesquisador que intenta transformar as relações sociais e humanas baseadas em fatos reais e personagens oprimidos.

Ferraz (2014) se coloca na disposição de traçar o desígnio de compor um conceito que amplie o movimento da corpa em se tornar, um “corpo a dançar”, que consiga descrever as questões emergentes entre a “educação e criação de corpos”, contemplando a união entre sujeitos e seus processos de subjetivação, em uma unicidade fortalecedora da expressão do ser permeada por esse “corpo a dançar”, conectado entre as representações possíveis e impossíveis da corpa, intermediadas por acontecimentos e imaginários.

Interessante a conexão que o trabalho citado faz com a dança, pois, sentimos que o nosso corpo é dança, está dançando, pela leitura de obras literárias e científicas, pelas produções encontradas no estado da arte, pelas sensações corpóreas das experiências de vida, pela pedagogia que as corpas elaboram, as observações que faço no encontro com a pesquisa, tudo isso volta-se para o dançar.

A emergência de uma corpa trans que se notabiliza, faz que possa reunir ao que penso e corporifico em mim as ideias de Meira (2019), que arranja o conceito do ativismo e me indica que há dado entendimento de que fazer uso da arte como expressão política é reconhecer que nesses processos existem produções estéticas que alimentam ambos os campos. As ideias de Serrano (2017), por outro lado, remetem-me a ponderações da perspectiva teórica *queer* e sobre a corpa como expressão de um movimento político, de forma a se repensar no processo de identificação as ambiguidades, multiplicidades, pluralidades que representam os arranjos sexuais, de gênero e performáticos.

---

<sup>28</sup> Importante relatar a violência que o banco de teses e dissertações da CAPES realiza com a pesquisadora, visto que em sua dissertação datada do ano de 2014, a autoria consta seu nome atual Letícia Lanz e no referido banco, apreende-se na catalogação o nome da autora com o seu nome de nascimento. Dada exposição exemplifica claramente os processos de invisibilidade a que recorreremos em toda a apresentação neste trabalho.

Conjugado ainda com os preceitos do parágrafo anterior, vejo em Brasil (2017) o “estar-em-acordo” com as figurações estético-gestuais que se remetem à vivência recheada de intensidades, movimentos, pluralidades, multiplicidades, interconexões, interlocuções variadas que se identificam com as teorizações já esboçadas no estudo da arte, em consonância com Maria Oliveira (2015) e seu trabalho que demonstra a luta e a resistência de pessoas trans buscando evidenciar que há em curso cotidianamente uma luta de sobrevivência e de conquista por direitos.

E em complemento a essa articulação, vislumbro a ação de Lanz (2014), que parte da definição de transgeneridade e a população que transgride a posição de exclusão, marginalização, negação, rejeição, abjeção de seu modo único de ser, e que se dignifica pela condição de reconhecimento da sua subjetividade, por intercessão com os processos constitutivos de sua corporalidade. Percebo que me enquadro no enquadramento, onde “bailam corujas e pirilampos”.

Tento expor com consciência de corpo as percepções e concepções latentes produzidas por perguntas que reflitam em mim mudanças significativas de conceitos pré-existentes. Ver isso nos trabalhos acadêmicos me permite agir pedagogicamente em direção à produção e expressão de novos saberes e, assim, pude, no decorrer dessa investigação, acionar novas aprendizagens, construções de mim mesmo, novas interlocuções com as participantes da pesquisa.

Assim, pela interação entre as pesquisas já citadas e o trabalho que busco ampliar, presumo que haja possibilidade que a letra T, de Transgeneridade, Transexualidade, Travestilidade sair do lugar dicotômico que a enquadra, nos termos de pessoa transviada<sup>29</sup>, transtornada, transfigurada para a legitimação, e a comprovação de que tais pessoas sejam plenas em suas formas de Transcendência, Transformabilidade, Transportabilidade, Transbordamento e Transformação.

Propus-me um passeio deambulador, que me fez flutuar por espaços que superem saberes ditos e exibam saberes não-ditos, construídos com e a partir das narrativas de mim e das pesquisadas. O estado da arte me ensinou a também deambular pelas ideias postas e visualizar ideias não-postas.

---

<sup>29</sup> Berenice Bento (2016) faz uso do termo transviad@, como suporte para que seu discurso tenha graus de inteligibilidade em termos de Brasil, contrapondo-se ao termo inglês *queer*. Este termo é na visão da pesquisadora um campo que introduz algo de pensamento colonizado que não lhe agrada visto que em seus textos, ela fala de estudos/ativismos transviados.

Faço, então, uma interlocução com a ideia de Paola B. Jacques (2012) sobre a errância, a qual a pesquisadora define como a experiência que trago interligada à trajetória pessoal, onde posso viajar, caminhar, percorrer espaços e ambientes aos quais tenho a condição de me apropriar e me presentificar, de modo que, ao estar nele, posso exercer o experimentar e o produzir com base em novas afetações e resistências. Assim, vejo com esse estado da arte a construção de mim mesmo, enquanto pesquisador, no sentido de reconhecer o território que busco me adentrar e possivelmente criar novas rotas.

### 1.2.5 Performances, artistas, transexuais: sobre o gesto

Fotografia 8 - Performatividade Trans



Fonte: Abreu (2021).

Nota: Disponível em:

<https://casavogue.globo.com/LazerCultura/Arte/noticia/2021/16/8-artistas-trans-e-travestis-que-voce-precisa-conhecer.html>

As próximas produções se inserem no grupo de descritores “Performances; Artistas; Transexuais; Gestos” e refletem pontos que se aproximam da categoria à qual me dediquei a investigar, que é visualizar a expressão performática de corpos negadas que se trans-formam à grandeza de corpos trans-formadas, onde o intuito foi o de, por meio da categoria referida, refletir sobre a trajetória de corpos trans enquanto arte, produtora de subjetivações através de performances e ações gestuais e reconhecimento de identidades. Buscar encontrar respostas para um questionamento que me movia na pesquisa: quem são tais artistas?

Na presente seção, os constructos que exibio são: o da pesquisadora Carina Sehn, *Um corpo performático para romper com a representação* (2014), de Dodi Tavares Borges Leal (2018), *Performatividade transgênera: equações poéticas de reconhecimento recíproco na*



*recepção teatral*, de Frederico Levi Amorim (2019), intitulada *Gestos performativos como atos de resistência: corpos-monstro na cena contemporânea*, Andrisa Kemel Zanella (2013) apresenta uma tese - *Escrituras do Corpo Biográfico e suas Contribuições para a Educação*, e, de Rosa Maria Blanca (2011), *Arte a partir de uma perspectiva queer*.

Ao analisar os trabalhos do conjunto em questão percebo que Sehn (2014) tem como ideia central trabalhar com o que nomeia de corpo performático e sua relação com a imagem. É um trabalho autoral construído em percepções sobre imagens performáticas que me permite “viajar” entre a arte, a filosofia, a corporalidade, o sensível, a estética e a diferença.

Do mesmo modo, Leal (2018) convoca a refletir que as transgeneridades se colocam no passo de reinventar todas as formas de sexualidade existentes. Isto assenta a proposição de que a transgeneridade, transexualidade, travestilidade podem proporcionar mudanças de curso da cisheteronormatividade, causando-lhe um fracasso pela performatividade poética que transmite a complexidade de suas figurações estético-gestuais. Temos aqui o ponto de absorção com o que pesquiso.

Trafegando pelos caminhos do corpo, Amorim (2019) opta pelo termo CORPA, que pode transgredir os cerceamentos da linguagem masculina e que me convida a buscar uma apropriação mais efetiva. São citados, então, os processos de resistência já tão expressos nessa construção, bem como a relação entre arte, vida, política e subjetividade, ou seja, todo o esboço teórico com o qual tenho me dedicado na pesquisa. Pensando igualmente, Zanella (2013) intenta estudar memórias do trajeto que se inscrevem no corpo, porém se ancora teoricamente nos preceitos da Teoria do Imaginário e do Corpo Biográfico, preconizados pelos pensadores Gilbert Durand e Gaston Bachelard, autores que não se acomodam em nossos estudos.

Por sua vez, Blanca (2011) me faz buscar uma interação na construção da relação entre artes visuais e expressões corporais, dentro da perspectiva de formação transexual e sua corporalidade. Que através da performatividade e da gestualidade artística trans é possível articular, nas nossas relações, um fluxo de intensidades, produções de afetos e demonstração de subjetivações autênticas e genuínas.

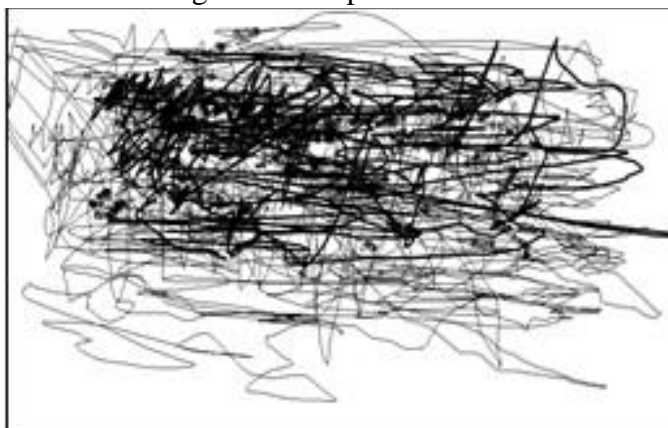
As leituras apreendidas com essas construções científicas me fizeram compreender que as relações estéticas estão para além da relação estreita estabelecida com a arte, inseridas e representadas por diversas outras linguagens e dimensões da categoria corpa. E, por isso, minha escrita se potencializa a reler, reconfigurar e retratar novos ditos e escritos, pois a partir do estado da arte pude conhecer, mapear, integrar, mostrar o que já foi dito, pesquisado, escrito, publicado sobre o objeto de estudo que aqui investiguei.

De tal modo, minha performance escrita ganhou amplitude por ativar, a partir de meu corpo, a criação estética, ética corporificada pelas experimentações oriundas das reflexões obtidas com o estado da arte. Pude expandir meus pensamentos, dilatar minhas atitudes corporais, desconstruir percepções e convicções até então muito restritas para desenvolver esse estudo.

Ao proceder com o estado da arte, noto que algumas produções se encaixam em um último conjunto de termos, porém não catalogados como descritores no modelo que pratiquei nos repositórios, mas que dentro do contexto dos descritores realizados, o que se sobressaiu no grupo foi a questão dos aportes metodológicos, muito pertinentes àquilo que pretendo aplicar como percurso. Crio, então, o assunto descritivo ancorado nos termos: “Cartografia; Metodologia; Corpo”.

#### 1.2.6 Para cartografar: metodologia e corpo

Figura 11 - Pintura de Maria dos Remédios de Brito  
- Cartografia: uma política de escrita



Fonte: Brito (2017).

Nota: Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-152X21171111111111](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X21171111111111)

As pesquisas catalogadas e inseridas no último quesito foram: da pesquisadora Juliana Martini Camazzola (2017), sob o título de *Epistemologias do corpo: o encontro entre dança contemporânea e educação*; e as projeções teórico-metodológicas de Christian Fernando Ribeiro Guimaraes Vinci (2014) com a intitulação *Deleuze-guattarinianas: experimentações educacionais com o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1991-2013)*.

Essas produções são preponderantes nos estudos que venho percorrendo, pois, a intenção e aproximação com os conceitos deleuzeanos de multiplicidade, linhas de fuga, estratos,

intensidades, agenciamentos, corpos sem órgãos, são fundamentos que se concatenam com as produções acima citadas.

Para além disso, são pesquisas nas quais percebo, cada vez mais presente na contemporaneidade, a existência de corpos que bradam suas linguagens, seus modos de agir, ser e existir. São investigações que subtemem a superação da fragmentação da corpa e ser convertida na transformação de sujeito para além do que já é, seja ou ainda poderá ser. Isto é, a contribuição com as reflexões desencadeadas propicia uma nova forma de subjetivação ou, pelo ou menos, o reconhecimento de novas formas subversivas de se cogitar sujeitos.

Deste modo, obtive no estado da arte uma amostra do conjunto de produções que resultaram na catalogação de trabalhos que se aproximam em maior ou menor medida daquilo que se objetiva com o estudo em questão. As premissas utilizadas para o refinamento foram constituídas de modalidades cronológicas, entre 2013 e 2021, indicando como grande área de conhecimento e de concentração o campo da Educação, e a eleição de trabalhos configurados como dissertações e teses.

Detectei, primordialmente, que nos programas de pós-graduação brasileira a temática descrita por corpos, artistas, estética, gestos, performances, educação, transexualidade se intercalam entre áreas de Educação, Educação Física, Artes Cênicas, Artes Visuais, Ciências Sociais, Antropologia e Psicologia, caracterizando uma mediação de campos interdisciplinares.

Outro aspecto consubstancial refere-se ao campo metodológico com percursos de aproximações ao método cartográfico, que se insere nas minhas perspectivas de construção metodológica. Enfim, estes são os elementos que fundamentam o estudo e justificam a relevância da investigação em andamento, salientando a inovação em muitos aspectos, a ampliação de determinados conceitos e a introdução de novos aportes teórico-metodológicos.

*Meu estado é da Arte (Luís Massilon)*

Apoiado e movido  
pelo desafio de conhecer  
aquilo já produzido,  
a fim de proceder  
com uma nova escrita,  
dedico mais atenção  
a essa pesquisa,  
por meio da concessão  
que viabiliza o acesso  
a determinados saberes,  
que aumentam as quantidades  
de formadores, de pesquisadores.  
Otimizo a pesquisa, ganho tempo,  
estabeleço a originalidade

por meio da conectividade  
evidencio resultados  
e fortaleço meus enunciados.  
A arte da pesquisa  
tem seus estados.

**2 “SE ALGUÉM POR MIM PERGUNTAR, DIGA QUE EU SÓ VOU VOLTAR,  
QUANDO EU ME ENCONTRAR”: CARTOGRAFANDO AS EXPERIÊNCIAS  
PERFORMÁTICAS DE SER E SE FAZER ARTE TRANS**



Em estudos realizados sobre a cartografia, percebo-a como produtora de conhecimentos de forma construtiva ajustada por uma condição ética, estética e política que permeia a desvinculação de meios repetitivos que aprisionam a produção da diferença. Segundo Passos, Kastrup e Escóssia (2019, p. 9), “o sentido da cartografia se dá pelo acompanhamento de processos que sejam capazes de produzir e conectar redes, rizomas”, no sentido do conceito deleuze-guattariniano.

Em momento anterior apresentei a poesia musicada de Nega Preto intitulada Sou Trans, onde vislumbro pelas palavras escritas a cartografia de corpos que se insurgem e permitem a estética de seus desejos, demonstrando as intensidades proferidas nos processos de subjetivação.

Como a cartografia se remete a sentidos, percepções, afetos e experimentações, sinto a partir da música, a intenção da artista em abordar muito a cultura preta, bissexualidade e transgeneridade. Na maior parte do tempo, falando de uma forma positiva, diretamente para as pessoas pretas “cúir<sup>30</sup>”, e não apenas criticando o padrão branco hétero cis.

A meu ver, a ligação que a prática cartográfica tem com a dimensão de corpos e artes trans/travestis se compila com a produção de saberes que as corpos promovem na expressão de um conhecimento verdadeiro que torna atual e presente as intensidades minoritárias e excluídas, e que também causam por meio do movimento contínuo mal-estar e confusão, exatamente porque nos tiram de processos acomodativos e assimilativos.

Ou seja, cartografar processos de corpos trans/travestis em suas trajetórias com a arte, se insere em campos extensivos de forma intensiva, onde forças são insurgidas dessas intensidades proporcionando encontros em que pretendi, junto com as partícipes da pesquisa, questionar posturas viciadas e conservadoras, fazendo dobras que se lancem em um devir que nos impele ao caminho da diferença.

Suely Rolnik (2016) aponta para a necessidade de se dar língua aos afetos que estão em movimento, que trazem nas suas expressões e experimentações intensidades que se voltam para a composição do processo cartográfico e consequentemente se concatenam com o desejo, como produção das ditas intensidades e também produção de sentidos.

Em acordo com a mesma escrita referendada às poeticidades artísticas já apresentadas, indico como nomeação dos tópicos a seguir alusivos à metodologia cartográfica, trechos da

---

<sup>30</sup> Felipe Rivas San Martín (2011) faz uma provocação propondo uma maneira de dizer *queer* diferente de acordo com a pronúncia chilena de falar as palavras, ou seja, “cuir”. Já a pesquisadora Larissa Pelúcio (2014) propõe uma “teoria cu” para enfatizar uma discussão a respeito da prática dos estudos *queers* no Brasil e sua terminação linguística.

música em confluência com os sentires que me afetam e atravessam na construção da pesquisa, performatizando a arte de escrever emancipatória.

## 2.1 “É papo de afeto e de união, esses cara fala que eu não existo”: cartografia - pragmática da pesquisa educacional

### *Encontro carta-o-gráficas (Luís Massilon)*

Há uma relação de aprendizagem  
 A tua corpa me ensina  
 O meu corpo absorve  
 Tua corpa é absorvente  
 de uma vida de injustiças  
 O meu corpo se esganiça  
 Pelo sofrimento teu  
 e meu  
 tão dolente  
 Vocês pensam certo  
 e fazem certo o decerto  
 Eu pensava que sabia...  
 Nem de perto  
 chego ao que tua corpa sentia  
 e sente...  
 Teu saber tão articulado  
 Meu saber tão engessado  
 As realidades transformadas  
 Pelas habilidades demonstradas  
 de suas capacidades diferenciadas  
 em ser/ter suas corpas vivificadas!  
 Aprendizagens relacionadas  
 é o que chamo esse encontro  
 de cartas escritas e grafadas  
 de suas corpas arvoradas,  
 frutificadas e semeadas, germinadas  
 de sapiências tão bem retratadas.  
 Aprendo!  
 Apreendo!  
 Encontro!

Inicialmente trato da imagem que o conceito de pragmática gera e está apontado no subtítulo da seção, cuja intenção se reporta à ideia de ativamente poder exercitar operações sobre o mundo, ganhando forças a partir dos encontros que serão desenvolvidos, de maneira que a corpa da pesquisa ganhe dimensões corporificadas. Luciano Costa (2014, p. 67) situa:

Na força dos encontros gerados, nas dobras produzidas na medida em que habita e percorre os territórios, é que sua pesquisa ganha corpo. O corpo, aliás, é uma importante imagem no exercício de uma cartografia, corpo que nos remete ao corpo do pesquisador e ao corpo dos encontros estabelecidos.

A cartografia dá indícios, enquanto pesquisador, de que preciso estar em um território<sup>31</sup>, estar em movimento, afetando e sendo afetado por aquilo que busco cartografar, estando aberto ao desenvolvimento de minhas sensibilidades e aos rumos que a processualidade desse encontro pode me levar. A pesquisa cartográfica enquanto intervenção se concentra em um mergulho na experiência, em um plano da experiência,

A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção de conhecimento) do próprio percurso da investigação. [...]. O ponto de apoio é a experiência entendida como um saber-fazer, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer. Tal primado da experiência direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência à experiência do saber. Eis o caminho metodológico (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2019, p. 17-18).

Com a pesquisa em andamento, tendo como ação interventiva de comunhão a interlocução com processos em que manipulações são permitidas, no sentido de trazer para o fazer manual e corporal o fazer intelectual, observo que, através da corpa, da sua escuta, da sua expressão, da sua ação autoral, posso vislumbrar uma dimensão de cartografar nas artistas trans/travestis os seus traçados corporais, os seus encontros com a vida, os seus trajetos recheados de agenciamentos e devires, os seus saberes e a pedagogização de corpos insurgentes.

De acordo com Aline Silva (2014) a corpa trans/travesti redimensiona sua existência a partir de linhas de fuga provocadas por deslocamentos e que também provocam outros e até mesmo, os mesmos deslocamentos, criando para si um novo modo de existir, proporcionando a oportunidade de direcionar o meu olhar de forma mais apurada em relação à constituição de mapas, territorializações, desterritorializações, reterritorializações.

O que busco em meu cartografar é dar espaço para que a linguagem dos afetos tenha passagem, se mostre, demonstre suas intensidades a partir das linguagens que encontro, compondo assim, quem sabe, cartografias necessárias da categoria corpa em suas dimensões artísticas, educacionais, transgressoras e poéticas.

Rolnik (2016, p. 23) diz que “o cartógrafo é antes de tudo, um antropófago<sup>32</sup>”, e assim como cartógrafo pretendo viver a “**expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado**” (ROLNIK, 2016, p. 65), buscando elementos, possibilidades, construções, vivências, alimentos, fluxos que componham as minhas cartografias.

<sup>31</sup> De acordo com Deleuze e Guattari (2011), o conceito de território em cartografia esquizoanalítica se configura na junção entre territórios geográficos, subjetivos, grupais e desejantes.

<sup>32</sup> Segundo Rolnik (2011, p. 451-462), o princípio antropofágico poderia ser assim descrito: engolir o outro, sobretudo o outro admirado, de forma que partículas do universo desse outro se misturem às que já povoam a subjetividade do antropófago e, na invisível química dessa mistura, se produza uma verdadeira transmutação.



Daí surgiram inquietações pulsantes em meu eu, capazes de cartografar um desejo imanente, corporal, de encontrar o desejo presente nas artes produzidas por corpos trans/travestis, de sentir, encontrar, permitir afecções com as artistas trans/travestis de modo a ressaltar agenciamentos que representem o cartografar de minhas experiências, afetividades somadas às delas e de quem mais se inserir nesse trajeto.

O que desejo cartograficamente é abrir a possibilidade de apreender o movimento que pode surgir dos fluxos e representações intensificadas nas relações construídas em seus respectivos territórios. Rolnik (2016) comenta sobre a escapatória de planos de organização territorial, desorientando cartografias a fim de canalizar intensidades, reverberações que criem sentido e deixe nossas corpos vibrarem.

Ao conceber um mundo trans/travesti por intermédio da cartografia, pude, de repente, estar aberto a novas problematizações e articulações que incidiram na produção de saberes para além do campo científico, contribuindo para rever as construções hegemônicas, heterossexistas, dicotômicas e generalizantes.

Assim, meu papel de pesquisador é modificado de domínio para a produção de conhecimentos pautados nas minhas percepções, somadas às percepções das participantes da pesquisa, promovida pelo encontro de perceptos, afetos, linhas, territórios, sapiências, sentires vividos no campo, com registro, estudo e análise. Constituo, mesmo, a não neutralidade e a não isenção de minhas observações. Com isso, acredito que a cartografia é referenciada como um dispositivo a partir da visão, pelo que encontrei entre o meu papel de pesquisador e as participantes, forças variadas se inserem na relação, de modo que todes foram afetades, se transformaram e são transformades.

Denise Mairesse (apud ROMANGNOLI, 2019, p. 171) comenta que a cartografia “desencadeia um processo de desterritorialização no campo da ciência, para inaugurar uma nova forma de produzir o conhecimento, um modo que envolve a criação, a arte, a implicação do autor, artista, pesquisador, cartógrafo”. A pesquisa que apresento se coaduna a essa construção quando em mim se instaurou um processo de abrir campos, imagens, sensações e percepções de mim e de meu objeto de estudo.

Outra questão fundamental da metodologia cartográfica é a estruturação que ela desenvolve ao fazer parte de realidades diferenciadas e causar rupturas na relação sujeito/objeto da pesquisa científica tradicional. Em oposição à dicotomia imposta pelo saber científico, a cartografia evoca situações de imanência, às quais forças externas se conectam com as afetações da subjetividade de todes es envolvides na pesquisa.

As relações constituídas demonstraram a condição de serem tocadas por forças que alteram, alternam, interferem, mobilizam, desmobilizam, incidem sobre as pessoas envolvidas no estudo, perfazendo rizomas e promovendo transversalidades aos meus processos de subjetivação enquanto pesquisador e aos processos das artistas trans/travestis enquanto participantes.

O que intentamos perseguir com essa metodologia foi a investigação de territórios que estivessem endurecidos, mas que também possibilitassem as fugas e desterritorializações, compreendendo que o conhecimento adquirido, os saberes desvendados e referendados se encaixam em um processo que está no movimento dado pelos encontros.

O conhecimento, por sua vez, emerge do plano de forças que compõe a realidade, ora operando em prol daquilo já estabelecido, ora operando a favor de agenciamentos produtivos, de acontecimentos que trazem o novo, processual e singularmente. Mas sempre tentando desarticular as práticas e os discursos instituídos, elucidar os processos complexos, as relações despotencializadoras que impedem a invenção [...] (ROMANGNOLI, 2019, p. 171).

Nisto, enxerguei a construção de conhecimentos, em conexão com processos educacionais que estão em absorções contínuas desencadeadas pela ação de forças externas, internas, coalizadas, estabilizadas, e também, caotizadas, mescladas, desfiguradas. Por meio dessa reflexão percebi a necessidade que as corpas têm de sair dos quadrados impostos, e promover a circularidade que envolve as multiplicidades e os fluxos existenciais.

A noção abstraída do trecho em questão, sob a influência da cartografia me permitiu desenvolver uma escrita mais amadurecida, menos estanque, enfatizando com a produção mobilizada uma arte que retrata as relações estabelecidas com as participantes.

Fotografia 9 - O campo, o ser-tão  
rizomático



Fonte: Costa (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

A dimensão que visualizo reflete exatamente a desconstrução, a ruptura, a quebra da pesquisa científica educacional em seus preceitos dicotômicos de sujeito e objeto, teoria e prática, pesquisador e pesquisado, campo e objeto de estudo. Ou seja, a relação que estabeleci com o mundo a partir da pesquisa de campo não se resume a critérios de objetividade científica, mas a noções, direcionamentos para a construção de modos outros de pensar.

## 2.2 “Não me encaixo no mundo e nem vou cocês, é assim, tuas roupa tem gênero, afasta de mim, e cale-se que eu não quero tuas desculpa”: o meu lugar ético-estético-político na pesquisa

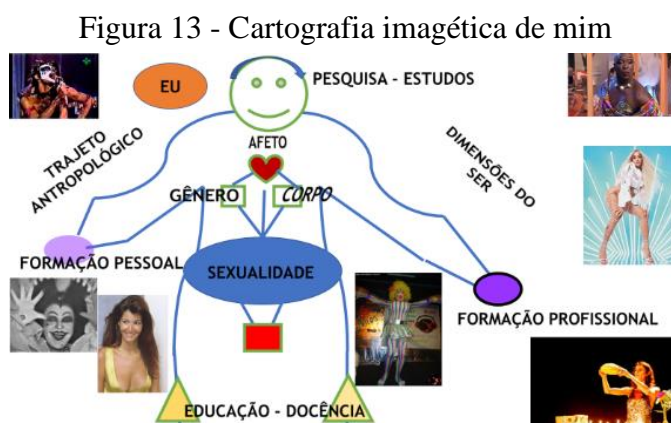
Figura 12 - Cartografando meus processos



Fonte: O Autor (2021).

Com a imagem acima, me propus a traçar uma cartografia imagética de meus processos no exercício de pesquisador-investigador. Traço as influências recebidas desde a infância, a constituição da minha corporeidade, o desenvolver de ideias e questionamentos inerentes ao processo de subjetivação, as linhas e os estratos formados em devires não tão bem instituídos.

Continuamente, esses processos vão se alterando, se alternando, se reestruturando e qualificando os processos cartográficos de minha existência durante a minha trajetória de vida e agora como pesquisador.



Fonte: O Autor (2021).

Me propus a descrever o paradigma ao qual esse meu lugar ético-estético-político se configura. Em processos de constituição subjetiva todos são envolvidos, interpenetrados por modos variados e diversificados de identificações que se estabelecem na instauração da subjetivação individual. Além dessa perspectiva, deve-se considerar a questão temporal que interfere nessas leituras de si, provocando nas pessoas demarcações que contemplem os aspectos cognitivos, afetivos, emocionais, psicossociais, estéticos e éticos.

Temos, então, a condição de sermos afetados por uma gama de multiplicidades que abrem espaço para cartografias dos processos de subjetivação e, consequentemente, os registros agenciados de nossa existência podem ser significados pelas dimensões ética, estética e política. Com isso, me vejo cartografando as subjetividades transexuais/travestis a partir de meus processos de subjetivação, caracterizando o paradigma ao qual me propus.

O compromisso que procurei estabelecer com esta pesquisa sob o ponto de vista metodológico incide em uma postura de abertura à vida, à expansão de processos que elevem a minha potência de diferir no que concerne à existência, à potência de ser. Sugiro a cartografia como uma prática vista como exercício de operação sobre questões relevantes do ser humano, do mundo e da vida.

A intencionalidade à qual me coloquei e me senti implicado com este trabalho foi a de que as dobras se estabelecessem, os encontros, que são fundamentais na caracterização da prática cartográfica, permitissem as desconfortos necessárias às expressões de corpos trans/travestis, transitando pelas multiplicidades cheias de devires e dando a condição de me tornar um multiplicador dessas multiplicidades.

Outro aspecto a considerar como fundamental na ação que pretendo ressaltar com a prática da cartografia se refere à ideia desta ser uma metodologia “suja”, no sentido de que nunca terá centralizada a questão da neutralidade e da transparência imposta pelo fazer científico acadêmico positivista, pois, ao me incluir nos processos em conjunto com as pessoas trans/travestis, evidencio a “mistura” em que estou passível de contaminações, interferências, barreiras, mas também atitudes produtivas sem julgamentos, movimentações, às quais pode se estabelecer o rigor da pesquisa.

Pesquisar para mim se configura como uma aventura à qual tenho que estar atento às intuições, às situações inesperadas e àquilo que surge como procedente e consistente. Costa e Veiga-Neto (2012) apontam a pesquisa como processo de criação e não como processo de constatação, evidenciando a originalidade do olhar que devo apurar. Assim,

O ato de pesquisar é, antes de tudo, um processo de subjetivação de si. A posição ocupada por aquele(a) que se dedica à pesquisa representa um loci que media a intersecção entre diálogo/observação e a(o) Outra – seja o(a) sujeito(a) corporificado(a) em suas práticas sociais ou representado(a) a partir de fontes não-interativas no processo de investigação (CARDOSO, 2019, p. 47).

Minha idealização na pesquisa se constrói pelo meu trajeto de estudar as dimensões da corpa, pela minha condição homossexual e pelas vivências e experiências tratadas por essa condição, sempre portando meios de expressividade da minha subjetivação, das minhas identificações. As diversas situações enfrentadas em posição de sofrimento, angústia e imobilização ante às imposições heteronormativas me levam a estar com pessoas trans/travestis na verbalização de ideais de vida, de existência, de ser.

Importante salientar que a escolha de meu objeto de estudo está engendrada pela proximidade e observação que faço desde sempre com o movimento LGBTQIAP+. No entanto, o fato de eu não ser uma pessoa trans/travesti parece grosso modo não estar ligado diretamente às minhas experiências e ânsias sentidas em relação a essa categoria. Quero enfatizar a minha condição sensível à realidade de vida trans/travesti, aos sofrimentos que me atravessam, que

são redimensionados em patamares de sentires diferenciados, mas são sofrimentos, medos, tensões que me colocam no “lugar-de-sentir<sup>33</sup>”.

Por questões de aproximação com os sentimentos vivenciados com pessoas trans/travestis demonstrei meu compromisso ético-estético-político em ampliar a expressão que ecoa em suas corpos políticas, transgressoras, poéticas e sensíveis, de modo a fortalecer mais ainda as dimensões existenciais dessas pessoas.

Algumas limitações epistemológicas parecem surgir dessa visão academicista de pesquisadores que não se posicionam no seu lugar de sentir e de fala. Minha intenção se volta para o diálogo com as produções sensíveis de pessoas trans/travestis e com a interação proporcionada, sistematizar os saberes produzidos pelas corpos contemplando as narrativas daí decorrentes.

Apresento diante de prováveis obstáculos epistemológicos a minha intenção de não sucumbir às análises teórico-metodológicas desencadeadas pelo pensamento estritamente racional da pesquisa científica, visto que os novos paradigmas não recusam a racionalidade enquanto capacidade humana de organizar, criticar e justificar conceitos e experiências; mas permitem expor uma outra forma de organização da racionalidade moderna e ocidental, e assim poder me sobressair no papel de pesquisador sensível que se desloca para o tipo de pesquisa que evidencia saberes e narrativas das artistas participantes. É uma pesquisa artística-corporificada-sensível-poética.

Uma questão fundamental a considerar se enquadra na direção que me proponho para refletir sobre lutas e processos histórico-sociais protagonizadas por trans/travestis no cenário de pesquisas latino-americanas, como ação descolonizadora, primeiramente, pela necessidade de assinalar produções teóricas do Sul e, depois, por compreender que, apesar de alguns reconhecimentos, muitas ações ainda não tem validade/representatividade.

Se é verdade que as individualidades transgêneras e não-cisgêneras têm sido capazes de expressar suas perspectivas politicamente e até mesmo conquistar alguns direitos na contemporaneidade, também é evidente que estas possibilidades são severamente limitadas pela ausência praticamente absoluta delas em posições decisórias, sejam elas em instituições médicas, jurídicas, ou acadêmicas. Neste sentido, propor a descolonização das identidades transgêneras pressupõe refletir (1) sobre a cisgeneridade, caracterizada neste trabalho como poder colonial; (2) sobre as identidades transgêneras e não-cisgêneras colonizadas pela normatividade cisgênera; (3) sobre o conceito de (des)colonização, e (4) sua utilidade para pensarmos as

---

<sup>33</sup> Em capítulo posterior, enfatizo a conceituação do lugar-de-sentir como o meu lugar composto de atravessamentos e constituições subjetivas que me permitem sentir as vivências de outres entrelaçadas às minhas experiências e sensibilidades.

opressões derivadas da normatividade cisgênero-colonial (VERGUEIRO<sup>34</sup>, 2012, p. 2).

Vejo que a minha produção escrita pode, aliando saberes sensíveis e experiências narradas/vividas, se apresentar como pesquisa com lugar social da não neutralidade. As próprias participantes da pesquisa, em diálogos prévios, me incitam a buscar teorizações latino-americanas como reforço para nossa trajetória teórica-metodológica, decolonizando a escrita proposta inicialmente.

Utilizo a abordagem qualitativa tendo em vista que há uma consideração da subjetividade e uma preocupação em demonstrar realidades não quantificáveis. Como o meu “fazer pesquisa” se baseia na expressão de saberes sensíveis, estéticos, poéticos e transgressores, busco a demonstração de evidências qualitativas construídas pelo encontro cartográfico a partir das experiências permitidas e não somente descrever fenômenos sobre elas.

A posição qualitativa da pesquisa ganha corpa pela dimensão interdisciplinar, interacional que se envolve com o acolhimento dos saberes diversos produzidos, das imagens constituídas desses saberes que serviram como base de dados. As imagens e produções das artistas trans/travestis encontradas em seus respectivos blogs e mídias sociais (Instagram), além de seus arquivos pessoais de registros e fotos, se inserem nos registros atrelados ao diário de campo que fundamenta nossa imersão no território mapeado.

Além desses registros, propomos encontros virtuais/remotos com as participantes via aplicativos de interação digital, onde houvesse possibilidade de interagir com elas, propiciando um espaço de debates sobre questões recorrentes ao período de pandemia que nos acomete há mais de um ano e se tem interferido ou não nas suas expressões artísticas, nos seus “Trabalhos<sup>35</sup>” artísticos.

A proposta feita a elas, numa dimensão cartográfica, se qualifica como espaço de discussão sobre suas criações, produções, repercussão de trabalhos, alcance político das intervenções realizadas, diálogos de apoio emocional em relação a esse período e as dificuldades inerentes ao momento, e projetos futuros. Ou seja, estar em processo de acompanhamento das ações delas.

Fica explícito que a proposta cartográfica não se dá apenas nos registros, mas contempla formações conjuntas de todes es envolvidas no processo e há uma dimensão ética pertinente

---

<sup>34</sup> Viviane Vergueiro é ativista da causa de identidade de gênero, transsexual paulista com mestrado na Universidade Federal da Bahia na área que estuda a patologização da identidade de gênero

<sup>35</sup> O termo trabalho se origina da minha ideia de nominar mulheres transexuais/travestis como trava-lhadoras da arte em alusão ao seu trava-lho como artistas transexuais/travestis que usam de sua corpa para dimensionar o alcance de suas posturas e experiências.

que situa, localiza adequadamente as narrativas e produções que surgem no processo. O meu papel está em também evitar exposições desnecessárias ou inexistentes, estar atento aos fluxos, ao “andar da carruagem”, olhar para o caminho, sentir o que é vivenciado.

O que vai caracterizar a efetivação de acompanhamento dos processos é a abertura que tenho que ter à dinâmica dos territórios e das realidades encontradas, permitindo-me juntamente com elas, fazer análise dos agenciamentos com sentidos e significados apreendidos pelos encontros, tecendo reflexões que me façam visualizar constatações, negações, rejeições, resistências, afirmações e ênfases das experiências vivenciadas pelos encontros.

As categorias apresentadas nos tópicos do presente estudo têm indicadores de critérios que se referem em primeiro lugar à análise dos processos de subjetivação e identificações de pessoas trans/travestis; em segundo lugar à análise da constituição e representação das figurações estético-gestuais de corpos trans/travestis e por último, visualizar as artes produzidas pelas corpos dimensionando a potência transgressora e consolidação das corporeidades artístico-educacionais.

Enfim, metodologicamente, pretendo que meus desejos, concatenados com as desejos das artistas trans/travestis, estejam condensados numa escrita liberta, reflexiva, dialógica, sentiente e experiencial, com atravessamentos contínuos do processo cartográfico. Que eu promova a articulação das experiências narradas e observadas e constitua a representação de saberes outres e sensíveis.



**3 “EU QUERO NASCER, QUERO VIVER...”: CORPAS E POSSIBILIDADES,  
TRAJETÓRIAS E IDENTIFICAÇÕES**



O objeto de pesquisa que apresento se reporta à investigação sobre a criação artística de corpos transexuais/travestis enquanto representação educativa, produtora de saberes, seja de maneira transgressora, seja envolvendo a poeticidade produzida pelas corpos.

Saliento que falar de corpos, é falar de questões de visibilidade/invisibilidade e no caso de corpos trans/travestis, a dimensão invisibilizadora pode se tornar visível porque tais corpos informam, comunicam, se mostram, transformam.

Tomaz Tadeu da Silva (2011, p. 83) comenta que “a força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade”, explicitando que a partir do momento que a pessoa se propõe a quebrar as barreiras dessa demarcação cultural buscando não se enquadrar nem se enxergar no pressuposto das identidades pré-estabelecidas e fechadas, ela se constrói performaticamente em processos constantes de deslocamentos e conflitos.

[...] transgender<sup>36</sup> individuals living out their authentic gender identities could be considered criminal deception when cisgender (i.e., non-transgender) individuals are not aware of the genders transgender people were assigned at birth. [...]. As such, these discourses delegitimize transgender identities by implicitly (and sometimes explicitly) suggesting that transgender identities are falsehoods that conceal the truth of “biological gender.” (BILLARD, 2019, p. 463-464)<sup>37</sup>

Para Billard (2019) esta movimentação social representa os discursos morais e culturais instituídos sobre as identidades trans/travestis, de que sua existência é um engano e que essas pessoas se posicionam como enganadoras para se inserirem no modo de vida cisgênero, e que por isso elas buscam estar em situação de proximidade nas suas aparências a fim de se tornarem verdadeiras.

A construção subjetiva estabelecida, de acordo com a teoria *queer*<sup>38</sup>, indica que muitos sujeitos e seus/suas corpos/corpos não se enquadram nas normas de gênero vistas como inteligibilidade, tendo em vista que há no processo dada desconstrução de preceitos teóricos e metodológicos que representam identidades que não se adequem às normas sociais binárias existentes.

---

<sup>36</sup> [...] indivíduos transgêneros vivendo suas identidades de gênero autênticas podem ser considerados “engano criminal” quando os indivíduos cisgêneros (ou seja, não-transgêneros) não estão cientes dos gêneros que os transgêneros foram designados no nascimento. [...]. Como tal, esses discursos deslegitimam as identidades transgêneras por implicitamente (e às vezes explicitamente) sugerirem que as identidades transgêneras são falsidades que ocultam a verdade do “gênero biológico” (tradução livre).

<sup>37</sup> Necessário explicar que o uso do termo transgênero na língua inglesa se remete à língua portuguesa brasileira como transgênero, transexuais e travestis.

<sup>38</sup> De acordo com Louro (2016, p. 145-147), a Teoria *Queer* é uma “perspectiva teórica e movimento político que surge na década de 80 e se propõe a pensar as ambiguidades, a multiplicidade, a fluidez das identidades sexuais e de gênero, bem como os corpos que subvertem os padrões sociais, problematizando as formas convencionais de viver essas dimensões”.

Tal movimento político trouxe uma nova conotação à questão evidenciada por corpos até então negadas e/ou consideradas inexistentes. A ação passou a dar abertura ao surgimento de novas identidades permeadas pela pluralização de corpos, desejos e modalidades sexuais, de forma a consolidar a existência do que não era permitido se tornar visível, das corpos impossíveis de serem notadas e ganharem possibilidades de se mostrarem.

Partindo dessa premissa, procuro então, apresentar uma discussão sobre as possibilidades de corpos trans/travestis e as trajetórias implicadas em seus processos, para compreender como se estabelecem as nuances de evidenciação das corpos desprezadas e inexistentes para a sociedade.

Minha intenção focaliza demonstrar os “sentires”, os “afectos”, os “perceptos”, as interlocuções, os dispositivos, as vivências que proporcionam o surgimento e a aparência de corpos tão significativas e passíveis de reconhecimento, como diz Butler:

Como então, a condição de ser reconhecido deve ser entendida? Em primeiro lugar, ela não é uma qualidade ou potencialidade de indivíduos humanos. [...] é importante questionar a ideia de pessoa como individualidade. [...]. Não há desafio que o reconhecimento proponha à forma do humano que tenha servido tradicionalmente como norma para a condição de ser reconhecido, uma vez que a pessoa é essa própria norma. Trata-se, contudo, de saber como essas normas operam para tornar certos sujeitos pessoas ‘reconhecíveis’ e tornar outros decididamente mais difíceis de reconhecer (BUTLER, 2015, p. 18).

A ideia da autora traz uma compreensão de que não somos sujeitos pré-discursivos, que sujeitos são reconhecidos de maneira contingencial e contextual, mas não determinados, por isso temos variáveis e existem sujeitos que jamais serão percebidos como tais. Parto dessa ideia de que a apreensão<sup>39</sup> possibilita uma série de significados, e o trabalho em ação abre espaços a diversas possibilidades.

Travestis, transexuais e transgêneros representam uma nova construção estética, a qual reafirma o desejo de criar, de transbordar, de transfigurar a corpa. Benedetti (2015, p. 51) usa o conceito de identidade imaginária sexual: “a identidade de travesti está antes associada à fabricação de um novo corpo, do que às práticas e orientações sexuais”. Há na produção das corpos de transexuais e travestis algo inacabado, que caracteriza o permanente estado transitório, impõe ao discurso significações sociais diferenciadas por meio de ações artísticas transgressoras, de cunho político e poético.

---

<sup>39</sup> A apreensão, na visão butleriana, pode ser “entendida como um modo de conhecer que ainda não é reconhecimento, ou que pode permanecer irredutível ao reconhecimento” (BUTLER, 2015, p. 19).

Para além da dimensão até aqui explorada, Silva (2019), a partir da organização dos estudos do Manifesto Ciborgue de Donna Haraway (1991, p. 12), retrata um conceito significativo que contempla os processos de identificação trans por meio da metáfora do ciborgue. Nela, o humano se transfigura em “implantes, transplantes, enxertos, próteses” constituindo-se em seres portadores de corpos artificiais que superam assim as fragilidades do humano.

O ciborgue nos força a pensar não em termos de “sujeitos”, de mônadas, de átomos ou indivíduos, mas em termos de fluxos e intensidades, tal como sugerido, aliás, por uma “ontologia” deleuziana. O mundo não seria constituído, então, de unidades (“sujeitos”), de onde partiriam as ações sobre outras unidades, mas, inversamente, de correntes e circuitos que encontram aquelas unidades em sua passagem. Primários são os fluxos e as intensidades, relativamente aos quais os indivíduos e os sujeitos são secundários, subsidiários (SILVA, 2019, p. 14).

Assim, Haraway enfatiza a ideia de que as corpos representam o nosso eu, “e que, em conjunção com a tecnologia, é possível construir nossa identidade, nossa sexualidade, até mesmo nosso gênero, exatamente da forma que quisermos” (KUNZRU, 2019, p. 26), em que o ciborgue na sua perspectiva, se traveste em “um mundo pós-gênero” (HARAWAY, 2019, p. 38), pois transgride as fronteiras de gênero tornando evidentes múltiplas possibilidades de realidades sociais e corporais vividas. Travestis e transexuais constituem um outro modo de ser que é incorporado e até marginalizado.

### 3.1 Corpos em possibilidades – trajetórias

[...] descobri que não poderia fixar corpos como simples objetos do pensamento. Além de os corpos tenderem a indicar um mundo além deles mesmos, esse movimento para além de sua delimitação, movimento do próprio limite, também pareceu ser bastante fundamental para mostrar o que os corpos “são” (BUTLER, 2019a, p. 14).

De acordo com esse pensamento de Butler (2019a) a constituição de corpos deve ser analisada a partir dos efeitos que o poder produz sobre elas, pois sua materialização está atrelada à norma regulatória imposta caracterizando uma inteligibilidade cultural.

Ao repensar sobre essa materialidade das corpos, a autora, refaz a ideia dos processos envolvidos nessa questão, donde o ato performativo<sup>40</sup>, principalmente de corpos

<sup>40</sup> Encontramos na obra “Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista” de Butler, a ideia de que “a chamada identidade de gênero é uma realização performativa compelida por sanções sociais e tabus. É precisamente no caráter performativo da identidade de gênero que reside a possibilidade de questionar sua condição reificada” (2018, p. 3).



transexuais/travestis se constitui não apenas por aquilo que nomeia, mas pelas reiteraões produzidas por essas regulações normativas em que a cultura faz a regência de corpos de modo que o domínio heteronormativo prepondere na definição de corpos “aceitáveis” e corpos “negadas”, “abjetificadas”.

***EU (Irla Carrie)***

Eu sou o vento que passa e ninguém vê!  
 Sou aquela brisa e ninguém sente!  
 Eu sou tempestade que troveja e ninguém me ouve!  
 Sou farol de luz, e ninguém me enxerga.  
 Eu sou a calmaria do mar, e no fim ninguém compreende minha existência.  
 Sou aquele rastro de fogo que queima nas madrugadas da noite, em silêncio!  
 Contra-rio, desfaço e me afogo pelo mesmo motivo.  
 Sou Árvore que ampara sombra, e dou o fruto mais doce e amargo,  
 mas ninguém vê a importância dessa andrógina natureza!  
 Eu vivo e sobrevivo na intensidade do tempo, eu refaço as compreensões,  
 mas ninguém compreende o silêncio dos meus lábios.  
 Sou o acerto da província, sou a pronúncia da inquietação, sou a loucura mística!  
 Sou massa cortada, oprimida e condenada por "homens" gentis".  
 Eu sou o que você espera de alguém!  
 Eu sou essa totalidade de ser homem e mulher,  
 sou essa totalidade de um Deus, e no fim sou o monstro da criação!  
 Sou a natureza bruta, selvagem e a mais humana.  
 Eu sou a certeza da incerteza, eu sou o símbolo que tudo vale a pena,  
 apesar dos pesares da rejeição e da dor!  
 Afinal, sou o que levo e trás.

Fotografia 10 - Irla: Eu sou a natureza bruta...  
 selvagem e a mais humana!



Fonte: Carrie (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Assim, o poema “Eu” que Irla Carrie escreve me faz perceber que na relação entre o social e o individual, entre o eu e o nós, entre corpa e discurso, há uma dicotomização que impõe uma apreensão que mascara a realidade e esconde a multiplicidade submersa nas voltas que o discurso regulatório promove. A artista cria, então, ações de superação desse discurso causador de rejeição e exclusão, que permitem a passagem de corpas que contemplem a multiplicidade.

Eu sou invadido pela repercussão que o poema da artista retrata em mim e consolida a imagem de um eu que pode formar, registrar, ampliar, ou seja, abrir possibilidades da multiplicidade de eus, de modos infinitos de existir, de constatar a essência que percorre nas veias poéticas e pulsantes dela e de mim, de todes nós.

Perante a premissa citada, a corpa dominada por relações de poder se apresenta como ponto de resistência, uma corpa política, que não é passiva e que se estrutura a partir de suas experiências configurando seus processos de subjetivação, estabelecendo trajetos diferenciados com uma identidade transgressora e representante de feitos discordantes e dissidentes do que se preconiza como corpa ideal.

Complementando essa ideia, em seu estudo, Luma Nogueira de Andrade<sup>41</sup> (2012, p. 22) retrata a importância de sua pesquisa de doutorado ao contribuir com as possibilidades de “alargar o campo de pesquisa e pensar as travestilidades no centro das instituições, em vez de se limitar à marginalidade e à prostituição”, caracterizando as formas às quais “jovens/estudantes/travestis se assujeitam e/ou resistem à ordem normativa”, de modo a superar a disciplina imposta e o controle socio-hetero-normativo, e assim constituir linhas de fuga.

Michel Foucault (1988) introduz reflexões sobre quais as instâncias da produção discursiva do poder estão relacionadas a questões da sexualidade. Isso me conduz a pensar como esses sistemas discursivos e de poder se constituíram, a compreender como esses sistemas sociais de construção do pensamento foram forjados. Primeiramente, importante salientar, que discurso é um conjunto de enunciados que seguem um funcionamento de regras que os estabelece, os institui.

O autor mobiliza a ideia de marcos discursivos que servem para que possamos associar linguagem e prática social, permitindo compreender como a linguagem é um elemento modulador das subjetividades, pois modela, forja, institui a subjetividade e es sujeites, que no

---

<sup>41</sup> Luma Nogueira de Andrade é uma pesquisadora e professora brasileira doutora em educação. Luma é a primeira travesti a conseguir este título no Brasil, que lhe foi concedido em 2012 pela Universidade Federal do Ceará. Sua tese é “Travestis na escola: assujeitamento ou resistência à ordem normativa”.

fundo essas redes de poder tensionam sobre os sujeitos e produzem formas particulares de objetificá-les.

Os processos de subjetivação aqui mencionados coincidem em relação a tudo com a problematização de como métodos, modos e sistemas técnicos disciplinares construíram sobre os sujeitos um meio detalhado de ação sobre as corpos. Essas passam, então, a ser postas como categorias perversas, instituindo a ideia de normal/anormal, desencadeando uma série de interdições e provocando a denominação de sexualidades periféricas, isto é, sexualidades que, na lógica da utilidade econômica e política, estão à margem do sexo-instituído-socialmente, afinal não servem para reproduzir e muito menos para justificar dogmas religiosos.

Fotografia 11 - Benedita - A corpa que se TRANSfigura em experimentações



Fonte: Arcoverde (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

A construção das relações de poder caracterizadas por Foucault (1988) e os processos de resistência advindos da luta contra a disciplin-ação de corpos transexuais/travestis são demonstradas pela corpa de Gabi Cavalcante e a personagem Benedita retratada na imagem acima, quando resistir por meio da corpa se expressa pela prática de narrar a si mesma, de sair de um lugar negativo que lhe foi imposto para um lugar produtivo onde a todo momento a artista está narrando o que a interdita, o que a desqualifica e contrariamente narra que essa é a sua verdade, a sua política de corpos que configuram saber com prazer.

Aproximamos a ideia aqui representada de luta e resistência ao pensamento de André Paiva (2021, p. 112) quando o pesquisador descreve que “as lutas dizem respeito, então, às

práticas de transformação possíveis engendradas nos processos de constituição subjetiva”. A construção delineada se coaduna com os pensamentos de Butler (2019a) e Foucault (1988) já explicitados, pois as vivências das artistas transexuais/travestis, a partir de suas relações sociais, se exibem em questionamentos sobre o que está instituído, estabelecido.

Referida condição me direciona a perceber como se instaura a produção de corpos, indica que, onde há opressão, se obtém como resposta a resistência. Foucault (1998, p. 89), explica: “[...] onde há poder, há resistência, e, no entanto, (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder [...]”. Tal argumento incorpora, igualmente, a ideia de que a vivência de gênero do ser pode se atrelar a um conjunto de possibilidades que retratem a desconstrução do binarismo estabelecido. Distinguem e assinalam a produção de corpos transexuais/travestis resistentes à perspectiva dominante e exclusivista.

Temos, então, dada identidade que se sobressai às normas vigentes heterossexuais e, por esse motivo, as corpos são vistas como ameaças, desviantes, marginalizadas e violentadas, enquadrando-se na categoria que Butler (2019a) nomina de corpos abjetos (para mim corpos abjetas). Pensar sobre a abjeção de corpos é algo contraditório, tendo em vista a ambiguidade em que se constituem, pois, quando simbolizam o excesso de sua corporeidade, representam um desequilíbrio da ordem prontificada de gênero e, quando se caracterizam como corpos em falta, são destinados a um devir, a uma posição eterna de tornar-se sem nunca realmente poder ser.

Butler (2011, p. 155) afirma que o abjeto designa “aqueles que ainda não são sujeitos, e, portanto, habitam zonas intermediárias, ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social”. Ou seja, sujeitos enquadrados nessa categoria estão fadados a uma constituição subjetiva de exclusão exatamente por provocarem repúdio por meio de suas vivências e existências. Dessa forma, o abjeto, segundo a autora, se “designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente ‘Outro’” (BUTLER, 2013, p. 231).

Assim, percebo que tanto Butler (2019; 2011) como Foucault (1998) ressaltam que é por meio da contestação de censuras, violências, dominação, rejeição, que as corpos se notabilizam, sobretudo ao se relacionarem com o meio, ao interferirem no cotidiano. Suscitam formas variadas de ser e redefinem suas figurações estético-gestuais. A autora afirma, ainda, que as identidades tornam-se, de tal modo, decorrentes das práticas heterossexualizantes que impõem, pelo poder-saber, domínio às corpos.



Com isso, não significa dizer que Butler recusa absolutamente as identidades, mas apenas que não credita a elas um caráter essencialista. Assim como Foucault, ela encontrará possibilidades de usos para as identidades. Em Foucault (2014) há a proposição da criatividade enquanto modalidade de expressão afirmativa. Ele defende que novas formas de vida, de relacionamentos e expressões culturais são fatores de desestabilização nas normatividades sociais, ao menos se esses, além de expressarem identidades, expressem de forma ampla suas potências de criação (PAIVA, 2021, p. 133).

Sigo, nessa dimensão de entendimento da corpa, com os estudos de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995a; 1995b; 1996; 1997a; 1997b), para quem as corpas se concatenam em uma comunhão de forças que induzem ao “devir”, estado de concepção da liberdade e da criação, de corpas que estão sempre se compondo, a partir de uma interação com o outro, com o social.

Nesse sentido, Renna Costa propõe o “*ExPele*”, uma série de poesias-visuais, de um processo com imagens gravadas na comunidade Serrote Preto do Carneiro (Buíque/PE). Este trabalho me mostra como uma corpa travesti interage com o território da caatinga, em confluência com os elementos terra, água, ar e fogo. Em diálogo com as ideias de Bachelard (1998), ao tratar de uma fenomenologia poética a partir dos quatro elementos que podem proporcionar uma regulação do real e do imaginário, Renna produz pensamentos, sonhos e, digo, território-corporificações.

Em paralelo a estas imagens, poesias autorais retratam o desejo, amor, violência e coragem e criam uma narrativa conduzida pelo acaso. Nos multimodos de produzir arte e se permitir experimentar, “*ExPele*” é visual, sonoro, sensível e verdadeiro, e ela afirma: ““*ExPele*” pode ser entendida como uma despedida de um corpo, uma transição do que eu fui e quis me tornar um dia, novos tempos virão. fiquemos fortes!”.

#### ***Prefácio – ExPele*** (Renna Costa)

Então, eu disse: esse corpo  
que causa curiosidade  
que é objetificado, é fetichizado,  
é exotificado, é abusado,  
invadido, apalpado,  
é destruído, é morto...  
Depois de dito tudo isso  
eu me vejo como ser potente,  
de criação...  
como pessoa que usa a arte  
como forma de expressão  
seja pela música, pelo teatro,  
pela dança, pela performance,  
pelo audiovisual, pela poesia,

qualquer uma dessas linguagens,  
 elas perpassam esse corpo  
 que é um meio,  
 que é um território ocupado  
 por essas linguagens e que...  
 por sorte minha e azar de outros,  
 É um corpo travesty!  
 É um corpo travesty!  
 É um corpo travesty!

Fotografia 12 - Renna ExPele...



Fonte: Costa (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

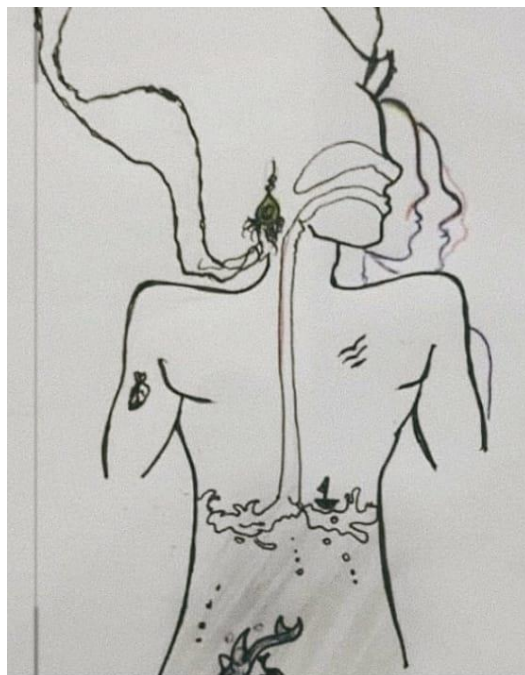
Minha pele tem um envoltório, uma capa, uma pele extra, suplementar que me esconde, que me empurra mais ainda para dentro de mim mesmo, não como uma via de autoconhecimento, mas como uma superproteção, ou quem sabe, um aprisionamento, dado pelo enrijecimento de um tecido epitelial que não é meu de fato, é da cultura, da imposição que diz as proibições do que não posso exercer, sem exercício, sem existir, não existir, não pelear, não expelir.

A Artista expõe as nuances de sua ex-pele, expelindo o poder exercido sobre sua corpa e como uma espécie reptilínea trans-parece sua autêntica e verdadeira pele, a “pele que habito<sup>42</sup>”, parafraseando Pedro Almodóvar (2011).

<sup>42</sup> Filme de Pedro Almodóvar (2011). Sinopse: Roberto Ledgard (Antonio Banderas) é um conceituado cirurgião plástico, que vive com a filha Norma (Blanca Suárez). Ela possui problemas psicológicos causados pela morte da mãe, que teve o corpo inteiramente queimado após um acidente de carro e, ao ver sua imagem refletida na janela, se suicidou. O médico de Norma acredita que esteja na hora dela tentar a socialização com outras pessoas

O devir deleuze-guattariniano se caracteriza não como equivalência de relações, muito menos como algo semelhante ou identificação. Ele acontece muito mais pela “aliança, é sempre de uma ordem outra que a da filiação” (DELEUZE, GUATTARI, 1997a, p. 18), o que quer dizer que o devir permite que a partir do encontro com outres posso formar em minha corpa algo de novo, de inusitado.

Figura 14 - Diáspora por Nubia Kalumbí



Fonte: Kalumbi (2021)

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

A imagem retratada por Núbia Kalumbí, denominada diáspora, mostra sua movimentação de experiências advindas de suas dissidências e movimento geográfico.

### **Diáspora** (Núbia Kalumbí)

Sou soteropolitana, criada em Pernambuco,  
chego a Senhor do Bonfim na travessia das artes...  
Mas eu não sou daqui, marinheiro.  
pertencimento e território são linhas  
tão possíveis de serem reajustadas,  
como é que sente tal pertença?  
Transeunte demais,  
talvez, água corrente demais.  
Meu peito é minha única casa,  
descobrir o caminho de volta é meu maior sonho.  
Quero voltar a terra do outro lado,

---

e, com isso, incentiva que Roberto a leve para sair. O cirurgião pensa que a filha foi estuprada e elabora um plano para se vingar do suposto estuprador. (<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-124897/>).

mas sei que continuarei vivenciando  
 a sinuosidade da correnteza.  
 Minha essência é água,  
 tenta pegar ela e guardar pra tu ver.  
 Eu não sou daqui, marinheiro.  
 Dito isto, lhes digo:  
 Jesus foi um dos meus maiores portos,  
 mas ele/ela nunca foi a minha resposta.

Nessa perspectiva, adentrar ao ambiente do “devir” simboliza para as corpos uma qualidade de estar constantemente criando a partir de afetos dada variedade de elementos que a constituam, de modo a formar implicações diferenciadas de vida, que podem se configurar para além da abjeção já retratada anteriormente.

O movimento organizado pelo devir, quando incide na quebra das lógicas de abjeção, reporta-se a corpos dissidentes e às experiências advindas de sua transgressão, bem como ao modo como tais corpos ocupam espaços dentro de células institucionais representativas da heteronormatividade.

Para Guattari (1992), o mundo é constituído por uma lógica maquínica em que todas as pessoas são formadas e formadoras de máquinas que interferem na organização e produção social e em seus mais diversos espaços institucionais, agindo, organizando e interferindo na realidade a fim de transformar os sujeitos ou até mesmo reprimi-los.

Nesse contexto apresento então o conceito de *Socius* como um dispositivo que incorpora e organiza em função de uma unidade mais ou menos concisa. O *Socius* se estabelece, pois, como uma máquina social que colabora com a manifestação de complexidades que tornam intrincadas as estratégias de unificação de todas as instituições que pressupõem. Daí as lógicas de abjeção tornarem-se desenraizadas para se rizomatizarem causando a disruptura que as corpos transexuais/travestis podem produzir (GUATTARI, 1992).

Deleuze e Guattari (1995a) proporcionam um espectro de possibilidades para as corpos cuidarem de seus devires (multiplicidades), de forma a não serem absorvidas pelas reminiscências dominantes da exceção, alcançando uma existência potente de seus processos singulares (plano de consistência<sup>43</sup>).

Não sabemos nada de um corpo enquanto não sabemos o que pode ele, isto é, quais são seus afetos, como eles podem ou não compor-se com outros afetos, com os afetos de um outro corpo, seja para destruí-lo ou ser destruído por ele, seja para trocar com esse outro corpo ações e paixões, seja para compor com ele um corpo mais potente (DELEUZE, GUATTARI, 1997a, p. 43).

<sup>43</sup> Segundo Deleuze e Guattari o plano de consistência “é precisamente o crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões” (1995a, p. 16).

Em paralelo à noção de devir, Deleuze e Guattari (1996, p. 26) fazem referência ao “Corpo sem Órgãos (CsO), sendo este, desejo, que é ele e por ele que se deseja”. O Corpo sem Órgãos é um conjunto de possibilidades, de intensidades, uma corpa que grita a percepção de que a ideia de organismo lhe impôs uma significação, uma sujeição de sua corpa. O CsO propõe a abrir a corpa a novas dimensões, interações, conexões que a possibilitem a se recompor.

Fotografia 13 - Gabi - vou armada, nunca rendida



Fonte: Arcoverde (2021).  
Notas: A partir das redes sociais da Artista.

Fotografia 14 - Irla - "Me reinvento de posições e possibilidades"



Fonte: Carrie (2021).  
Nota: A partir das redes sociais da Artista.

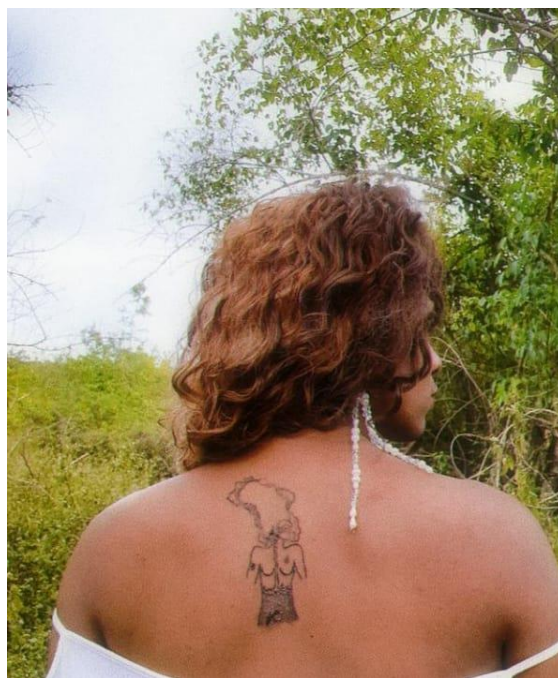
Fotografia 15 - Renna: "Eu não ando só, carrego muitas dentro de mim"



Fonte: Costa (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Fotografia 16 - Núbia - A tatuagem -  
Diáspora: eu vou, mas eu volto



Fonte: Kalumbí (2021).

Notas: A partir das redes sociais da Artista.

As imagens apresentadas trans-mi-tem a noção de um conjunto de práticas que constituem o conceito de corpo-sem-órgãos, nas quais percebo uma corpa a caminho de ser. São caminhos, horizontes, afetando-me no porvir da minha escrita permeada por sensações que afirmam, por sua vez, desejos livres de organismos, plenos pelo devir de novas significâncias e subjetividades.

Que “corpo-sem-órgãos” Gabi me mostra com inscrições “vou armada, nunca rendida”? Uma corpa INS-CRITA? Não, mas uma corpa TRANS-CRITA na pele avermelhada, sangrada



e ensanguentada, dolorida, frustrada mas libertada, alterada na posição de alcance de quem ela é, e de que corpa está posta pela sua criação.

Que “corpo-sem-órgãos” comunicante e elástico Irla demonstra quando ela mesma diz que se reinventa de posições e possibilidades? Essa corpa se movimenta, se posiciona, se abre a possibilidades de várias intensidades, onde o que vejo é a produção dessa corpa, que já está nela a a-longa-ção, a mobilização e flexibilização muscular da existência. Ali, Irla mostra, minha corpa pode!

Que “corpo-sem-órgãos” as múltiplas “Rennas” nos mostra? Ser muitas dentro de si expõe as várias intensidades e circularidades que ocupam suas dimensões espaciais de corpa que se preenche na viabilidade de não mais ser oca. Há uma continuidade e uma retroalimentação entre as “Rennas”, de modo que visualizo acumulações de existências que compõem a existência de Renna.

Que “corpo-sem-órgãos” a diáspora de Núbia me perpassa? A transição, a movimentação de espaços, de corpas, de vida, de existências, de subjetivações, onde no porto de Jesus não se ancora mais a navegação de Núbia, pois ela vai, movimenta-se, transiciona, mas volta, retorna em outra possibilidade de ser, em uma geografia espacial, temporal e corporal, visto que a tatuagem ressignifica essa corpa e se amplia na dimensão métrica corporeizada de ser Núbia.

A vivência de deslocamentos de Núbia, também de Renna e Gabi, me atravessa com muita intensidade, tendo em vista que, geograficamente, me fiz movimentar ao sair de Fortaleza, Ceará, para viver em Arcoverde, Pernambuco, e buscar outras ações de constituição subjetiva, que em minha perspectiva se estabeleceram como ponto de transformação, obviamente que não na mesma dimensão sentiente e de transformabilidade das artistas.

Arelado à referida linha de pensamento visualizamos o conceito de subjetividade-corpo explicitado por Rolnik (2016, p. 13), que alude a “uma política de subjetivação que muda em função da instalação de qualquer regime, pois estes dependem de formas específicas de subjetividade para sua viabilização no cotidiano”. A autora ainda menciona o corpo-vibrátil, conceito que assim se define: “corpo sensível aos efeitos dos encontros dos corpos e suas reações: atração e repulsa, afetos, simulação em matérias de expressão” (2016, p. 31).

A referida autora sugere interpretar as transformações subjetivas de corpas, como as de trans/travestis, por exemplo, enquanto meios de se conviver com uma corpa vibrátil tendo em vista as múltiplas formas de se confrontar a produção de subjetividades com novas experiências possibilitadas pela corpa, cujo princípio de existência se firma com base em processos identitários não-representacionistas de sua potência transformadora. Todas as construções

teóricas me direcionaram e me fortaleceram a buscar a compreensão de como os processos de subjetivação das corpos transexuais/travestis se corporificam. Demonstra a sua potência, nesses artifícios, e entende as corpos em sua visibilidade, em sua expressão autêntica e libertadora.

Em uma perspectiva foucaultiana, a corpa é o espaço onde os dispositivos<sup>44</sup> atuam e que compreende uma junção de forças que a torna contraditória, tendo em sua função uma tríade operante caracterizada por saber, poder e subjetivação. Foucault (1987) propõe as corporeidades como livros de história, em que a sua genealogia faz a articulação com a sua historicidade. O autor argumenta que a existência corpórea é um alvo do campo político, retratando um poder que exerce sobre ela limitações, obrigações e proibições, mas que também permite a abertura de brechas para a resistência se configurar.

A visão foucaultiana me direciona ao entendimento do que seja uma corpa política, uma corpa à qual se incidem relações de poder caracterizadas por marcações, direções, investimentos, dominações, sujeições que exigem dessa corpa expressões, sinalizações, complexidades, que agem de forma recíproca e proporcional às forças nela incididas. O filósofo comenta, também, que desejamos o que nos domina e explora, o que expressa, em relação à corpa, um poder produtivo que lança ideias, atitudes, comportamentos, transgressões e transformações no mundo.

Deleuze e Guattari (1996, p. 89), por sua vez, afirmam que os dispositivos são compostos por linhas de visibilidade que articulam “regimes de luz que contemplam o visível e o invisível”, linhas de enunciação que vêm a ser “linhas compostas pelos regimes de enunciados”. São linhas de segmentaridade conceituadas como “linhas de estratificação, segundo as quais o rizoma é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.”, linhas de desterritorialização ou de fuga, “pelas quais o rizoma foge sem parar e que fazem parte dele também”. Corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o todo e o singular, isto é, são linhas que se cruzam, causando mudanças ou alterações dos processos de agenciamento, que “é precisamente o crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões”.

Tais conceitos referem-se a um conjunto de práticas em que a corpa oscila entre sua condição de estratificada, domada, organizada e do outro lado estabelece um plano de consistência ao qual se tem a possibilidade de se desenvolver, de abrir-se à experiência, de estar

---

<sup>44</sup> Segundo Michel Foucault, um dispositivo que se constitui pela articulação de diversos elementos “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 2016, p. 244).

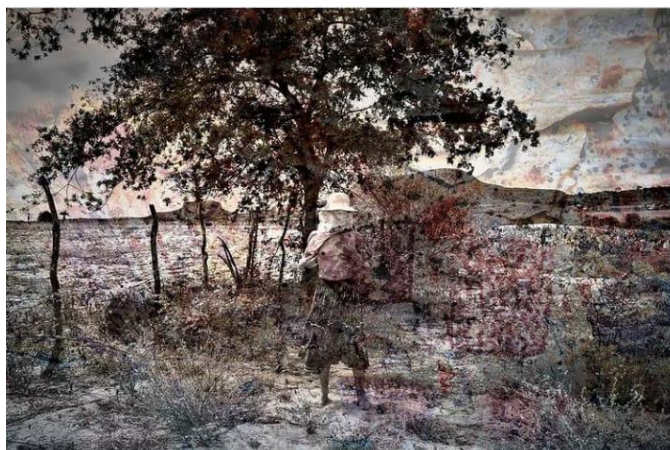


envolta por multiplicidades, constituindo o rizoma, onde não existem dualismos, mas existem deformações dos enraizamentos. Rizoma, então,

É um modelo descritivo ou epistemológico em que “a estrutura do conhecimento não deriva, por meios lógicos, de um conjunto de princípios primeiros, mas sim elabora-se simultaneamente, a partir de todos os pontos sob a influência de diferentes observações e conceitualizações. O rizoma, distintamente das árvores e suas raízes, conecta-se de um ponto qualquer a um outro ponto qualquer, pondo em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não signos. Não se constitui de unidades, e sim de dimensões. O rizoma é feito de linhas: tanto linhas de continuidade quanto linhas de fuga como dimensão máxima, segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade metamorfoseia-se, mudando de natureza. O rizoma é o que já foi. O rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. São os decalques que é preciso referir aos mapas e não o inverso” (DELEUZE, GUATTARI, 2014, p. 32-33).

Na perspectiva das participantes da pesquisa, rizomas são estabelecidas em comunhão com o ambiente de suas intervenções, ou seja, no sertão, onde elas trazem reflexões a-cerca da condição de ser TRANS/TRAVESTI no SER-TÃO TRANSGRESSORA. Suas corpos se redimensionam em diferentes espaços e tempos, com a natureza, a natureza de se TRANSnaturar como a natureza se rizomeia, se ramifica, em suas corpos rizomatizadas, ramificadas, plenificadas, consistentes, desterritorializadas e reterritorializadas.

Fotografia 17 - Renna: abduções ancestrais -  
rizomas corporificadas da natureza...



Fonte: Costa (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Fotografia 18 - Núbia - Retorno



Fonte: Kalumbí (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Fotografia 19 - Irla: É necessário nos equilibrar na corda bamba chamada de vida



Fonte: Carrie (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Fotografia 20 - Gabi em Oficina de Montação - Naturalizar-se



Fonte: Arcoverde (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Percebo, com as produções apresentadas, a abertura das corpas para conexões que supõem agenciamentos, como citam Deleuze e Guattari (1995a), onde se des-travam novas superposições, passagens e aparições cheias de intensidades que remontam territorializações e desterritorializações. Da mesma forma, intensamente me refaço nas/das perpetuações que sinto em meu corpo ao recolher essas imagens como in-fluências para a minha existência, pois estou me desterritorializando e reterritorializando minhas linhas de fuga e de segmentaridades. Estou em processo, sou processo em conjunto com as artistas.

Butler (2013), Foucault (1998), Deleuze e Guattari (1995a; 1995b; 1996; 1997a; 1997b) apresentam discussões em que se torna visível as relações de censura, violência, poder, abjeção sobre as corpas. A corpa parece sempre se submeter a algo que a torna passiva. No entanto, também podemos captar nas ideias dos referidos autores e da autora que a mesma corpa tem-se “libertada”, “mostrada”, “constituída” como geradora de novas significações, permitindo-me saber seus novos “enquadramentos” na visão butleriana, seus novos “dispositivos” na visão foucaultiana, e seus novos “agenciamentos” na visão deleuze-guattariniana.

A partir desses novos signos, acredito que são inventadas novas metodologias, novas cartografias do ser, donde a corpa trans/travesti articula em sua ação a possibilidade de atravessar fronteiras. Preciado (2019, p. 39) comenta: “Eles dizem poder. Nós dizemos potência. Eles dizem integração. Nós dizemos proliferação de uma multiplicidade de técnicas de produção de subjetividade”. Corpa é resistência, corpa trans/travesti é força de andar pelas paragens da incerteza, do não-dito, do interdito, mostrando isso como potência, que só vem a ser quem se é através da mudança.

***Minhas possibilidades de corpo ganham corpo (Luís Massilon)***

Desde o início da trajetória  
 movo-me em direção à existência  
 e mesmo com toda oratória  
 a mim imposta sem complacência  
 desfio as conexões dadas  
 e tramo relações alteradas  
 a fim de fortalecer a essência  
 que internamente gritava  
 Por que o corpo é um outro?  
 Por que a mente “mente” e segue o que é dito?  
 Como livrar-me desse interdito?  
 Como abrir espaço para um devir-outro?  
 Nunca foi confortável...  
 Mas aprendi a ser mais confiável  
 em minha interioridade  
 E com o tempo tornei-me responsável  
 junto com a seriedade e a capacidade

de tornar-me mais aceitável!  
 Para quem mesmo?  
 Para quê mesmo?  
 Tenho possibilidades...  
 Meu corpo é possibilidade!  
 A trajetória não é mais aquela  
 e nem será mais tão aprisionada.  
 O meu processo é de... CANCELA  
 tudo o que me esfacela  
 a corporeidade sempre negada!

### 3.2 Expressões e impressões... Corpas que fazem arte

#### *A Arte em mim (Luís Massilon)*

Se faz arte pelo que sou,  
 sempre vi arte, tive influências  
 que em parte se fez vivência, pois  
 da arte herdei o dom da palavra, da escrita, do pensamento...  
 Ouvia músicas, sabia de notas e partituras...  
 Via telas, pincéis e tintas...  
 Sentia a arte presente na vida,  
 vida e arte, arte em vida.  
 Hoje me vejo, me reconheço, Artista!? Será?!  
 Não sou quem produz artes artesanamente,  
 mas quem vive, sente e percebe a arte,  
 de ser, de se autoconhecer, de promover  
 a possibilidade de você se artistar.

A arte, primeiramente, interpõe-se em meu escrever como algo inerente ao ser. Aqui procuro fazer arte. A Arte está em uma corpa, ela está em uma representação performativa da corpa, ela muitas vezes transgride, transmite poeticidade, mostra-se como a chave da vida, “uma espécie de atualização de um estado corporal sempre latente e fundamentalmente necessário para a nossa sobrevivência” (GREINER, 2013, p. 114).

Almeida diz que artistas se tornam obra de arte em sua execução artística e, por isso, ela denomina o corpo como corpo-obra-de-arte, porque “existe uma organicidade entre a/o artista e a obra artística” (2021, p. 72). Em processos anteriores à sua produção, artistas têm em sua expressão corporal e em sua obra artística a evidenciação de sua percepção e de seu desejo que simbolizam a subjetividade presente em sua existência.

O que parece evidente, até aqui, nas obras relativas ao estudo da relação entre Arte e Corpas, é que em todas as corpas há evidências de aspectos da criatividade e da comunicação expressas por elas, que representam suas formas de interação com o mundo.

Assim, viver com arte, falar de arte e educar a partir da arte é agir contra o projeto hegemônico (e homogeneizante) da modernidade. Tal movimento insurgente não segue o entendimento incutido sobre identidades fixas, tem por base a subjetividade revelada e exaltada, a partir da heterogeneidade, a autêntica marca da contemporaneidade. O potencial da arte suscita questionamentos e permite sensibilizar pela linguagem poética e metafórica (GOMES, CARVALHO, 2021, p. 8).

Além disso, observo que a possibilidade de olhar, escutar e afirmar que as figurações estético-gestuais aproximam a arte da vida, demonstra que experimentações corporais indicam saídas para o aprisionamento promovido pela relação corpa-cultura-subjetividade.

Fotografia 21 - Me movo em  
figurações estético-gestuais



Fonte: O Autor (1992).

Nota: Acervo pessoal.

Lapoujade (2017, p. 44) faz reflexões sobre o ‘como ver?’ As experiências existem ao seu modo e que: “[...] há aberturas, inúmeras aberturas desenhadas pelos virtuais. Raros são aqueles que as percebem e lhes dão importância; mais raros ainda aqueles que exploram essa abertura em uma experimentação criadora”. Perceber a partir da experiência do outro é participar, é demonstrar a existência que se mostra em cada ponto de vista que é único à dada existência. Ver o que os outros não veem.

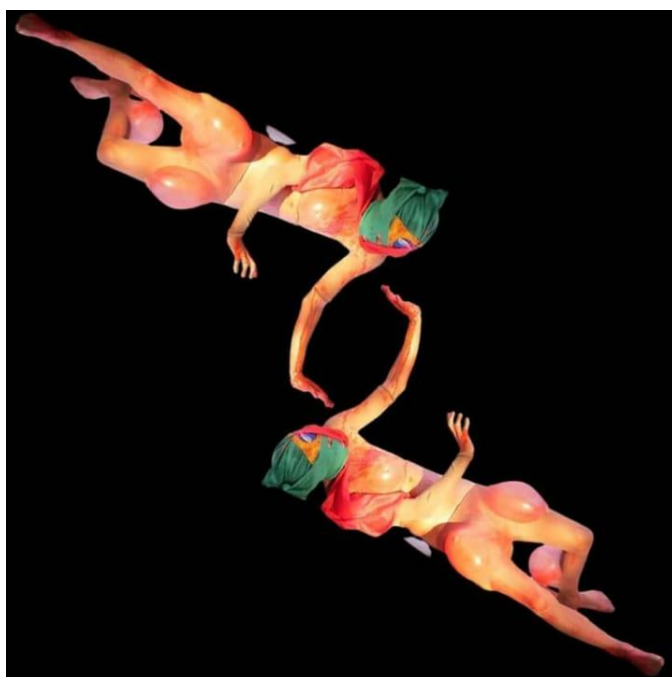
As artistas trans/travestis estão para além do Trans-formar-se, pois adaptam-se em um processo de retirar-se de dadas “formas” que lhes são impostas. Tal prática artística cogita o surgimento de um devir trans/travesti como viabilidade de extrapolar esse senso, criar formas



variadas de ser e agir e ressaltar a busca incessante por apropriar-se de sua corpa, de seu gênero, de suas formas-de-vida e de sua subjetividade.

O ato performático se presentifica constantemente de maneira transgressora, pois à imagem de uma corpa, contradizem-se outras corporeidades, outros modos de experimentação a partir da criação artística.

Fotografia 22 - Benedita: no Brasil, matar é feshion!



Fonte: Arcoverde (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

A personagem Benedita explora a ideia de “corpo-carne”. A corpa sensível repercute em suas experiências de vida e retrata a arte (transgressora) vinculada à dimensão estética de uma corpa que se move, imagina, experiencia, se questiona a ponto de fazer com que eu me questione, que todes se questionem. Abre o diálogo sobre seus próprios atravessamentos, acerca de nossas experiências corporais – sempre minimizadas ante à grandeza estética de Benedita.

Podemos aproximar as produções artísticas das corpos transexuais/travestis da possibilidade de entendimento sobre como a arte relacional, “uma arte que toma como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social mais do que a afirmação de um espaço simbólico autônomo e privado” (BOURRIAUD, 2019, p. 19). A arte trans/travesti proporciona a mudança de valores estéticos culturais e políticos frente à dominação de preceitos cishegemônicos da arte moderna.

Bourriard (2019) aponta, também, reflexões da arte contemporânea em suas relações com o social e sua potência transformadora para as expressões artísticas de pessoas transexuais e travestis:

A obra contemporânea se apresenta como uma duração a ser experimentada, como uma abertura para a discussão ilimitada. A arte sempre foi relacional em diferentes graus, ou seja, fator de socialidade e fundadora de diálogo. Uma das potencialidades da imagem é seu poder de reliance [sentimento de ligação], retomando o termo de Michel Maffesoli: bandeiras, siglas, ícones, sinais criam empatia e compartilhamento, geram vínculos. A Arte [...] mostra-se particularmente propícia à expressão dessa civilização da proximidade, pois ela estreita o espaço das relações (BOURRIARD, 2019, p. 21).

A experiência artística, concretizada por corpos trans/travestis, implementa linguagem outra do cotidiano, a qual que se torna evidente nas narrativas do discurso comum. Ou seja, a arte trans/travesti é evidenciada como abertura de novas possibilidades, instrumentos de criação do comum, um deslocamento para a experimentação, para a transformação.

Há aqui uma ideia de que a experiência artística pode estar articulada com a noção de que, pela arte, criamos sensações e, assim, é recomposta a existência. É uma espécie de querer-viver o artístico e entender que a partir da experiência é possível TRANScender as percepções imediatas e racionais. Assim,

Quando a evidência oferecida é a evidência da “experiência”, ganha mais força a noção de referencialidade – o que poderia ser mais verdadeiro, afinal, do que o relato do próprio sujeito sobre o que ele ou ela vivenciou? É precisamente esse tipo de apelo à experiência como evidência incontestável e como ponto originário de explicação – como um fundamento sobre o qual a análise se baseia – que enfraquece a investida crítica das histórias da diferença (SCOTT, 1998, p. 25).

De tal modo, mais um aspecto investigativo desta pesquisa seria: as artistas transexuais transcendem e tornam reconhecido o abjeto que performam?

Na próxima imagem, Irla ao se TRANSver na experiência de uma pássara do sertão se conecta com as múltiplas dimensões que uma corpo Trans/Travesti se mostra ao fazer sua arte estética-gestual, podendo ser elástica, desmontável, reversível, susceptível. Adaptada a qualquer ambiente e montagem da natureza, com suas paragens movimentadas pelos deslocamentos da corpo da artista, integra aos movimentos do vento, do solo, das folhas e galhos secos produtores de sons que reverberam as suas intensidades corpóreas.

Fotografia 23 - Irla - Pássara do sertão no frevo!



Fonte: Carrie (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Para Maffesoli (2011), a imagem é valorizada como um alicerce sociocultural em que a espetacularização da corpa se concretiza por intermédio da teatralização da existência e que se confirma uma aparência profunda que tem forma e conteúdo, indicando uma dimensão poética que abarca a compreensão das subjetividades. Assim, é posto que o direito à corpa é o direito à própria vida, à subjetividade, à existência, que pode ser possível sim as probabilidades de a corpa transgredir e transcender as normatizações.

Sob o aparato do modelo citado, apreendo de Maffesoli (2011) o modo como a linguagem corporal se apresenta diante da possibilidade de um “estar-junto”, de se afirmar, se confirmar, e que, na minha percepção, concentra-se no “lugar-de-sentir”, corporificado no meio social.

Isto não é teatro.  
 Isto não é performance.  
 Isto não é um show.  
 Isto é uma maneira encontrada de permanecer viva.  
 (Renna Costa)



Fotografia 24 - Renna em ação trava-terrorista  
HANNAH



Fonte: Costa (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Ao evocar HANNAH a ativista Renna Costa cria poesia, canto e dança para traduzir seus desejos e afetos. Uma fricção sobre um corpo em processo de desculonização<sup>45</sup>. Sinto aqui um modo encontrado pela artista de estar-junto, de corporificar o social e deformar realidades por intermédio de sua figuração estética-gestual que se prontifica a gerar teatralizações que permitam demonstrar a sua existência, de permanecer viva, de se afetar com a experiência lúdica de sua corpa e afetar outres corpes, outras corpas, outros corpos.

Por intermédio da arte, a estética se solidifica e abre a possibilidade de construção de novos olhares, TRANSitando de lugares de aprisionamento para lugares de multiplicidades e pluralidades. Sensibilidade e razão se reconciliam e permitem às pessoas “o despertar para uma melhor aplicação do conhecimento em suas vivências. Surge uma visão de mundo mais ampla e diversa, capaz de suscitar ideias que, organicamente, organizarão o olhar” (GOMES, CARVALHO, 2021, p. 9).

Greiner (2013), por sua vez, consolida tal construção cognitiva, e na qual me baseio, com o conceito de que a corpa se modifica em seu estado de ser cada vez que percebe o mundo, e que a corpa que faz arte, que se concretiza, materializa-se por intermédio da arte, no “estar-junto” maffesoliano, além de desestabilizar, causar impacto em outra corpa, faz perdurar sua intenção, sua ação nesse fazer.

A autora ressalta que “o motivo mais importante é que desta experiência, necessariamente arrebatadora, nascem metáforas imediatas e complexas que serão, por sua vez, operadoras de outras experiências sucessivas, prontas a desestabilizar outres contextes”

<sup>45</sup> Termo utilizado pela artista para referir-se a processos de descolonização.

(GREINER, 2013, p. 116). Isto é, outras corpas, outros ambientes serão desestabilizados e afetados, mapeados em um constante fazer-se presente, em um pertinente devir.

Fotografia 25 - Núbia - Impetuosa



Fonte: Kalumbí (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Núbia se diz impetuosa. Mas o que vem a ser impetuosa? "É quem tem ímpeto, que se move com rapidez e violência, que revela, em seu comportamento, ardor, violência; arrebatada, fogosa, veemente" (FERREIRA, 1999, n.p.). O ímpeto de uma corpa que se faz presente, que TRANSmuta a experiência estética da negação para a visibilidade aqui ocupada pela imagem TRANSposta e pelas palavras que exprimem meu sentir, meu perceber, meu vibrar.

Portanto, a corpa, por intermédio da arte, faz da experiência um modo conceitual de existir, no qual as suas fronteiras de ação se diluem por meio de um exercício político que transgride, mas que também poetiza as possibilidades e multiplicidades inerentes ao fazer artístico, por meio das suas expressões e impressões.

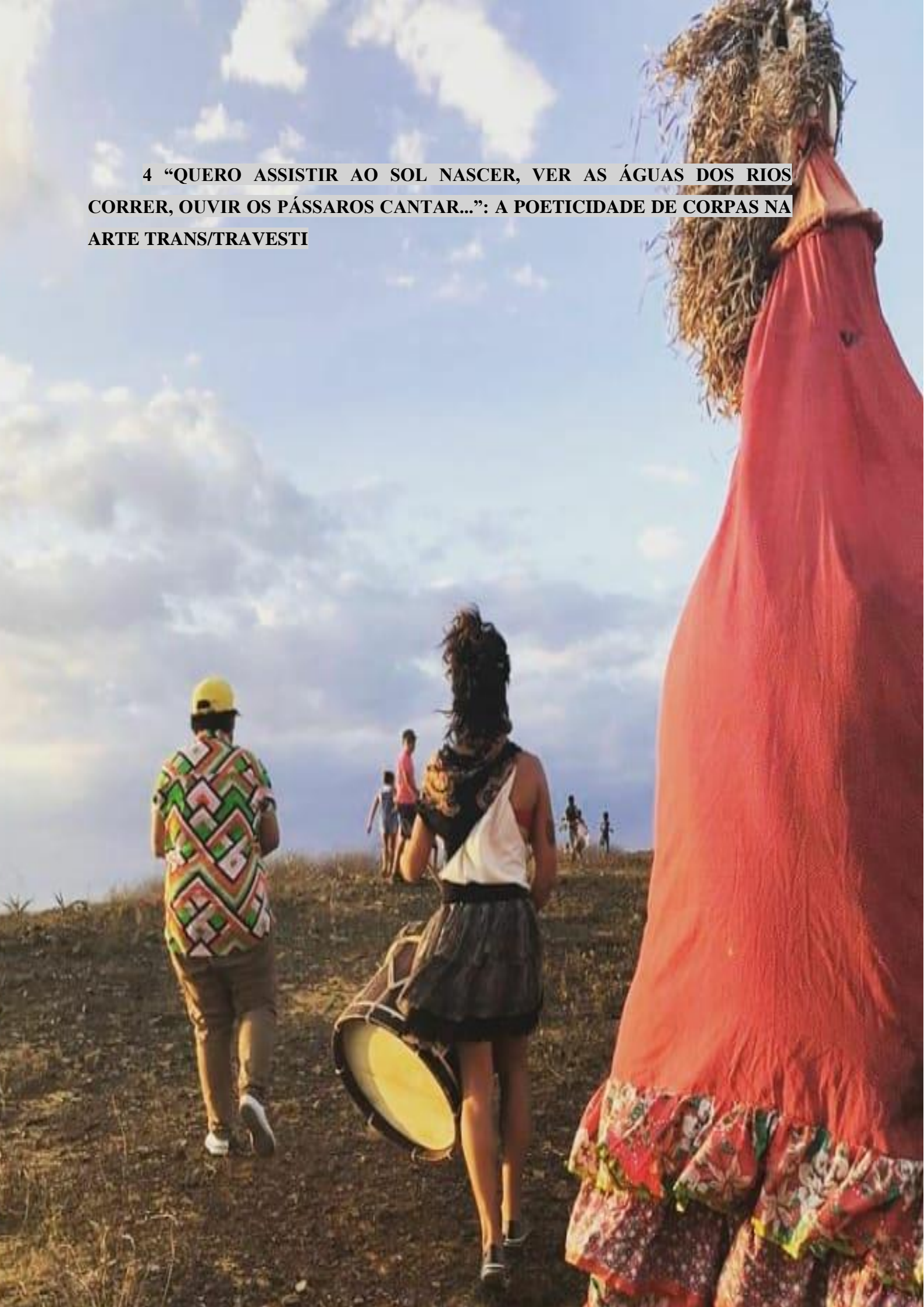
### ***Corpo-Arte-fato (Luís Massilon)***

O corpo, de repente, se enfeitiça,  
lê o que sente e atíça o produzir...  
De fato, Vamos criar?  
Vamos experimentar?  
Vamos fazer... Arte?  
Surge uma emoção artística,  
ou será estética, ou ambas?  
Meu corpo produz textualidades

e as corpos delas também.  
Vocês viram?  
Sob o meu ponto de vista?  
Ah, tem o ponto de vista de vocês...  
A nossa linguagem será a mesma?  
Meu desejo é o de reforçar  
a voz das corpos que vociferam as suas existências,  
lindas, potentes, criadoras, artísticas e visualizadas.  
Aí a pergunta, como ver?  
Viram, o que eu vi?  
Sentiram, o que eu senti?  
Perceberam, o que eu percebi??  
Somos corpo-arte,  
arte-fatos,  
de nós mesmos,  
de nós mesmas.



**4 “QUERO ASSISTIR AO SOL NASCER, VER AS ÁGUAS DOS RIOS  
CORRER, OUVIR OS PÁSSAROS CANTAR...”: A POETICIDADE DE CORPAS NA  
ARTE TRANS/TRAVESTI**



Assisto ao sol nascer a cada instante que reconheço o brilho das corpos pesquisadas que se subjetivam em suas demandas de existência. Vejo as águas do rio correr ao me propor a seguir o percurso traçado desde a nascente até à foz que se joga na imensidão de outro rio bem maior e depois possivelmente à imensidão da gigantesca agitação e leveza dos mares. Ouço os pássaros cantar quando seus gorjeios me invadem de fruição da penugem escapada de seus batidos de asas. Retrato a poeticidade encantada das artistas transexuais/travestis. A música de Marisa Monte (2021) me enche de conexões,

*A língua dos animais* (Arnaldo Antunes/Marisa Monte/Dadi)<sup>46</sup>

Gotas do céu que dão vida ao jardim  
 Pingos de chuva cristais de jasmim  
 Raio de sol vento a favor  
 Vem pra mim  
 Ondas do mar que murmuram canções  
 Para encantar corações  
 Flores de luz  
 Para enfeitar as manhãs  
 Vou sair pra passear ao sol  
 Vou pisar  
 No capim  
 E depois de me banhar o sal  
 Leva o mar  
 Sobre mim  
 E no meu caminho  
 Encontrar um passarinho  
 Para conversar  
 Sobre uns assuntos sobrenaturais  
 Quando estou sozinho  
 Sigo meu instinto  
 E até consigo sem saber  
 Falar a língua dos animais

Primeiramente, para falar de poeticidade de corpos na arte trans/travesti, preciso abordar as questões que envolvem o processo de criar. Este vem a se consolidar em uma dinamicidade que intercala sensibilidade, consciência e cultura.

A escrita produzida a partir da dimensão cartográfica da pesquisa em ação me encaminha a encontros com a poeticidade de forma a captar toda uma dimensão do sensível e suas repercussões na existência de corpos que produzem arte poética e sensível. A vivência cartográfica aqui contida me faz comungar de sensações excitantes, de inquietudes que movem processos comunicacionais e transições que repercutem também em minha corporeidade.

---

<sup>46</sup> Produzido por Marisa Monte e gravado entre outubro/2020 e abril/2021 por Daniel Carvalho (RJ). Disponível em: <https://youtu.be/u3qUyrMj1oo>

Criar artisticamente, segundo Pitta (2017, p. 21), se concretiza como “o impulso oriundo do ser (individual ou coletivo) completo (corpo, alma, sentimentos, sensibilidades, emoções) [...], é a raiz de tudo aquilo que, para o homem, existe”. Entendo que a passagem em evidência acarreta a materialização do que posso considerar como força poética atrelada a processos de subjetivação.

***Paixão*** (Irla Carrie)

Paixão nos olhos, na boca, na pele!  
 Desejo na mão, na língua, no peito.  
 Orgasmo no órgão, na mente, na cama.  
 Seduzir os lábios, cortar os anseios... consumir!  
 Saborear pernas finas, grossas e longas!  
 Morenos, brancos, amarelos e negros...  
 TODOS eles e mais um pouco devora-los !  
 Degustar as curvas segmentadas do teu surrealismo,  
 fazer, inovar nos lençóis do vosso corpo o encontro da loucura,  
 e a sede insaciável minha indo de encontro com a morte mais desejada de todos os tempos!  
 Sentir a perversidade dos teus olhos nos meus, e o calor infame dos teus toques: gemer, gritar e suar!  
 Na cama!!! E uivar como homem-bicho querendo devorar sua presa.  
 Hipnotizar o hospede hospedeiro do umbigo, manipular teus pudores!  
 Queimar, gelar a transversidade. Quero jogar flores, Rosas! Quero-lhe! Quero-te!  
 Na mão e na boca... Em cima de mim, dentro e fora.  
 Quero você nas alturas, pra que eu cá abaixo possa contemplar a formosura dos teus pequenos sonhos!  
 E dar pra eles outros sonhos, mais lindos!  
 E quem sabe um dia possa uni-los, e dar outro sentido ao que ficou nos sonhos.

Uma poética de sentires, de afetos, de perceptos, de corpa e corpo, de sentimento refletido nas palavras que trazem acopladas gestos e movimentos, sons, silêncios, emudecimentos de sensações arrepiantes desanuviadoras de prazeres. Um ápice da escrita poética de uma corpa que vive intensamente suas arrematações corpóreas.

As referidas dimensões constituem a base para o desenvolvimento do que caracterizamos como abertura sensível ao fazer artístico, ampliando a vivência corporal como expressão e comunicação artística. “Assistir ao sol nascer, ver as águas do rio correr, ouvir os pássaros cantar” traz a poeticidade do que pode a corpa metaforicamente, refletir os domínios da sensibilidade, da cognição e da afetividade na produção artística.

Pergunto-me, quando cito que, por ora, escrevo uma obra de arte, que afetos repercutem em meu processo de estar à deriva, “deixando as águas do rio correr”, pois encaro a perspectiva de que pela arte, tem-se a intenção de (re)criarmos experiências e refazermos a existência. Deleuze e Guattari (1992, p. 217) traduzem isso: “O objetivo da arte com os meios do material,

é arrancar o percepto das percepções do objeto e dos estados de um sujeito percipiente, arrancar o afecto das afecções, como passagem de um estado a um outro. Extrair um bloco de sensações”.

Ante a isso, penso que corpos trans/travestis se notabilizam pela expressão de pensamentos poéticos do seu ser, da sua (re)-existência, resistência. Pratico assim a escrita pela prática da minha corpa, e a travesti pratica sua poesia pela prática de sua corpa.

#### **4.1 As experimentações criativas e poéticas constituindo o “lugar-de-sentir”**

Fayga Ostrower (1987) ressalta que fazer uso da criação é ter noção de formar, ou seja, poder dar forma a algo, algo que se sente, que se intui, que se percebe, conferir uma conotação de imaginar, trazer o novo a fim de estabelecer novos caminhos, modos de ser, ideologias e novas expressões. O que se relaciona ao ato de intuir, tendo em vista que o processo de criação consciente, precisa ser alimentado pela intuição, na proposição de dar forma ao novo, imaginando, criando. Ou seja, somente intuindo e tornando-se consciente desse processo a/o artista pode dar forma à sua criação, efetivando-a.

A intuição é uma importante ferramenta para o desenvolvimento de minha sensibilidade e conseqüentemente me levar à apreciação do que é belo, pois sou levado a ter prazer ao confirmar o entendimento do que foi sentido e percebido. A poesia permeada em minha escrita científica me aproxima da filosofia e da educação, me auxilia a revelar pontos estruturantes da vida social. A expressão poética das artistas transexuais/travestis se consolida enquanto produção de conhecimento aquela performada pelas corpos, poetizadas e representadas pela beleza de suas existências.

Rubem Alves (2011) indica que a poesia, por exemplo, origina em nós a possibilidade de caminharmos em direção à verdade, à nossa própria verdade, dimensionando a nossa interioridade que retrata a essência de ser, a existência de si. Ao falar de caminhos o autor me faz interseccionar as possibilidades, os devires dessa pesquisa cartográfica de processos artísticos desenvolvidos por corpos transexuais/travestis. Sobre os caminhos, percursos, trajetos, apreendo do escritor que:

A vida é assim: a gente escolhe um caminho na esperança de que ele vá nos conduzir a um lugar de alegria. Todos, pensamos que a alegria está no final do caminho. E caminhamos distraídos, sem prestar atenção. Afinal de contas, caminho é só caminho, passagem, não é o ponto de chegada. Com frequência, a gente não chega lá, porque morre antes. Mas há uns poucos que chegam ao lugar sonhado – só para descobrir que a alegria não mora lá. Caminharam sem compreender que a alegria não se encontra ao final, mas às margens do caminho. (ALVES, 2011, p. 11).

É um caminhar cartográfico, de apreensões múltiplas, porém repleto de inspirações que me permitem conciliar a razão (científica) e a sensibilidade poética, que suaviza a expressão da condição de racionalidade que, há muito, compartimentaliza o corpo e o saber. A poesia descrita abaixo, de Núbia Kalumbí confere a sensação, e exalta e harmoniza o sensível, de modo que é possível enxergar a crítica a tudo aquilo que qualifica indignamente sua corpa.

*Perniciosa* (Núbia Kalumbí)

Perniciosa, feminino de pernicioso  
 Adjetivo que faz mal,  
 nociva, ruínosa  
 Eu lembro de ser a vilã dessa história  
 Lembro de fazer a vilã do filme, da peça  
 e até mesmo da história sobre a minha ótica  
 E se eu desabafar ao invés de desabar...  
 Ah ran, me desculpe o melodrama  
 mas é que sou melancólica até nas músicas  
 quem dirá nas palavras faladas!  
 Então eu vou desabafar:  
 Lembro de ter sido a vilã, lembro de ter sido antagonista  
 e louca...loucahhhhhhh...  
 Lembro de ecoarem subtextos e pretextos malditos  
 Perniciosa, rum rum rum  
 Agente nociva que causa corrosão, dano e estrago em tudo que atravessa,  
 nada poético!  
 Fora de algum alcance ou noção de afetividade  
 age de modo maldoso,  
 Apesar das várias definições  
 justifico a falta de poesia neste trabalho  
 Não conseguirei nem consigo tornar poético  
 o meu ódio  
 não pode ser traduzido ou codificado  
 em meia dúzia de palavras difíceis ou bonitinhas  
 Sinônimo de perniciosa nesta linguagem  
 danosa, infecciosa,  
 maligna, nociva,  
 ofensiva, adversa,  
 antagônica, funesta  
 Oh eu me lembro, ô se lembro, hahaha  
 Lembro do vermelho, lembro da praga  
 e me lembro do medo  
 Tive medo que a falta de ódio me condenasse a essa eterna migalha  
 Não se engane doutora, rum rum rum  
 O mundo é meu trauma  
 Só as perniciosas ouvem a minha voz  
 Aproveitando essa compreensão, deixo gravado em seus ouvidos  
 que ressona suas línguas  
 Reaja!  
 rum rum rum rum rum...



Garcia (2015), nesse sentido, me aproxima da visão de que o/a pesquisador/a é também um/a artista, na execução de seu papel criador com seu trajeto antropológico conectado a experiências que se portem como “referenciais técnicos, criativos, estéticos e reflexivos” (p. 115) a ponto de expressarem a singularidade do ser. Em consonância, Cardoso e Carvalho mostram que “é preciso recusar a ideia de que os atores sociais ocupam um lugar de incompletude de seus saberes na construção da pesquisa social” (2018, p. 199). Noção que me faz refletir sobre o eu que me constituí como investigador e se aproxima via meios de reconhecimento da experiência que as corpos trans/travestis simbolizam no campo social.

Importante citar que, em seus ideais, a cultura orienta o ser sensível ao mesmo tempo que orienta o ser consciente. Com isso, a sensibilidade do indivíduo é aculturada e por sua vez orienta o fazer e o imaginar individual. Culturalmente seletiva, a sensibilidade guia o indivíduo nas considerações do que para ele seria importante ou necessário para alcançar certas metas de vida (OSTROWER, 1987).

A intenção de criar também se remete à memória, ao vivido, ao experienciado, àquilo que foi interiorizado e àquilo que surge a partir das sensações provenientes da imersão nas experiências vivenciadas, das associações entre o novo e o antigo. Isso permite que a/o artista possa ampliar sua imaginação em um universo de possibilidades, alternativas, hipóteses, apreensões e compreensões a nível mental do que pode ser formado, criado.

A experiência pode ser permeada pela arte, a partir da visão de que todos os sentimentos, todas as vivências sensitivas, perceptuais, afetivas, emocionais, sociais, cognitivas podem se referir a um fazer artístico. Tal trajeto faz com que a/o artista, em sua dimensão criativa, se entrelace com suas experiências próprias, no intuito de proporcionar formas outras para as experiências, também entrelaçadas, de outros sujeitos.

Um ponto importante no ato de criar é a linguagem desenvolvida, sendo uma forma de expressar o que se considera como potencial criativo que pode ser efetivada para além da fala, pois o imaginado, o criado tem outras formas de se mostrar. Segundo Ostrower (1987) tudo passa pelo processo de ordenação, a pintura, a arquitetura, a poesia, a música, a dança, a performatividade, as corporalidades, constituem-se formas outras de materialidades da expressividade criativa e imagética. A arte é, pois, ponto crucial para perceber o mundo e, através dela, ter a possibilidade de viver o real, pois ela nos auxilia a programar nossa ação na realidade, constituí-la, absorvê-la, formalizá-la.

Ainda, a arte e o processo criativo, quando associados às dimensões espaciais e temporais, fazem surgir as formas simbólicas, cuja compreensão visualizo a partir da definição apresentada por Ostrower (1987, p. 25): “São configurações de uma matéria física ou psíquica

(configurações artísticas ou não-artísticas, científicas, técnicas, comportamentais) em que se encontram articulados aspectos espaciais e temporais [...]”. A autora me faz compreender que a nossa corpa é/está perpassada por uma dinamicidade, uma vitalidade, que se conecta com meu equilíbrio interior e, no que se refere a espaço e tempo, essa percepção se dá através da experiência do viver, o que caracteriza as categorias como indispensáveis ao processo de simbolização, tão significativo para os procedimentos criativos de fazer arte.

Essas formas simbólicas se projetam no âmago da pessoa, correspondendo ao que se pode nominar de forças psíquicas ou como processos afetivos. Há, então, uma tensão psíquica que move tais afetos em direção ao criar, a uma nova realidade que nos afeta e constitui. É necessário que esse sentimento interior nos possibilite aberturas ao novo, à nova realidade, ao potencial criador do ser.

*Posso fazer um pedido? (“Benedita Arcoverde”)*

Posso fazer um pedido?  
 Me diz que sim  
 e tudo se acalma em mim.  
 Já não aguento me perder assim no que sinto,  
 Todo cigarro que passamos um para o outro  
 é como se fosse um daqueles beijos molhados.  
 Toda cinza que batemos é carne suada,  
 pele à flor da pele.  
 Passeia em mim com teus dedos longos,  
 desliza em mim com teu rosto suado.  
 Me diz que podemos, que devemos...  
 Eu me perco em mim,  
 tu se perde em tu  
 e juntas nós procuramos,  
 essa é a minha proposta!  
 Eu morro em mim,  
 tu morre em tu,  
 e juntas velaremos a solidão.  
 Essa é a minha outra proposta!  
 Agora, você... Anda, me faz um pedido.

A poesia acima retratada reverbera a produção de sensações imagéticas e imanentes associada à ótica do que podemos sentir com o que é expresso, uma verdade de quem se é, do que se pode ser e poderá vir a ser, culminando em devires que partem de um pedido. “Posso fazer um pedido?”, me faz atender ao pedido de sentir aquilo que é pedido, e está pedido pela minha escrita que se tenha atenção à poeticidade de corpos vivos, presentes, existentes, que fazem arte e mobilizam a cultura.

Assim, penso que a cultura, presente no modo de conceber e criar, naturaliza-se, visto que os afetos que compreendem o sentir, o reagir, o externar emoções e sentimentos são negligenciados. A/O artista que transforma sua corpa, seu ser e sua arte se fortalecem suficientemente para transcender a negação do sentir. Passo a formalizar, aqui, dado termo que acredito se adequar ao que propomos, o “lugar-de-sentir”, em ampliação ao mencionado “lugar-de-fala<sup>47</sup>”.

O lugar-de-sentir se conecta com a corpa, muito mais além dos sentidos, pois a corporeidade vem a ser o fundamento do que liga tudo e, por isso, há que se ter cuidado em como adjetivamos a corpa, afinal há possibilidade de se suscitar outras dimensões. Martins (2011, p. 114) cita que: “podemos notar que uma concepção particular de corpo é requerida para dar conta das transsubstanciações<sup>48</sup> que constituirão o fazer artístico”.

Aproximo a possibilidade do fazer artístico ao da fruição da sensibilidade na qual percepções e vivências se deslocam para a contingência do existir em um mundo corporificante de sensações e que possuem algum sentido, que dão significado e norteiam as movências oriundas das corpas transexuais/travestis. E, a mim, torna-se abundante no meu sentir.

As aberturas do espectro da Sensibilidade nos precipitam nos abismos em que constelam os feixes dos sentires e pensares que vibram em nossa corporeidade, na intercorporeidade, e que nos implicam, co-implicam, conosco mesmos e com os outros, com o mundo, com o intermundo. Nos compelem a esses processos de fruição em que os sentidos e a inteligência se interpenetram na composição de Sentidos anímicos; em que o saber se processa e se projeta encharcado da seiva da vida, do sabor (sapere) do vivido/vivente, impregnado de Sentidos existenciais (ARAÚJO, 2018, p. 52).

A partir de tal visão compreendo que se trata de uma corpa em amplitude, composta por um “entrelaçado”, ou até mesmo impressa por multiplicidades, como dizem Deleuze e Guattari (1992), repleto de sensações que se estruturam com o vazio, no vazio e pelo vazio, visto que a arte se consolida nos espaços não preenchidos, para que se preencha com o imaginário, o criativo imagético de cada ser. Essa composição se adequa ao meu pensamento do “lugar-de-sentir”.

---

<sup>47</sup> Precisamos compreender que todos têm lugar de fala. Garantir espaço para que grupos que nunca tiveram oportunidade de falar sejam ouvidos é um dos maiores achados da perspectiva do lugar de fala: “A ampliação desses lugares para falar e ser ouvido significa, entre outras coisas, a transformação do curso da história já que uma narrativa contada pelos “vencedores” não representa a mesma história vivida por aqueles que foram ‘vencidos’” (ASSIS, 2019, p. 43).

<sup>48</sup> Segundo Martins (2011), o termo transsubstanciações se refere ao entrelaçado, um agregado de visão e movimento.

A construção que se estabelece me permite conceituar as impressões e expressões que fazemos da corpa, que importância dou às corporeidades, o quanto as limitamos, matamos, amputamos, negligenciamos, impedindo o fluir do “lugar-de-sentir”, deixando de fazer acontecer o processo criativo que essa corporeidade se propõe a realizar. O “lugar-de-sentir” se concatena com as ideias deleuzeanas quanto à relação entre corpa e arte, a corpa outra, o corpo-sem-órgãos.

O “lugar-de-sentir” remete à intersecção entre o intelecto e a sensibilidade com as “benções” da corporeidade, promove o diálogo desmistificador entre a produção criativa que envolve conhecimento e experiência sensível, permeado pelas influências culturais e sociais.

*Lugar-de-Sentir (Luís Massilon)*

Eu tenho/eu sou um lugar-de-sentir  
 que me permite ir  
 ao encontro de mim mesmo  
 Sou eu de mim  
 É o meu lugar de perceber,  
 respirar, olhar, arrepiar, comer,  
 deglutir, acenar, encenar, mover, realizar...  
 dentro de mim, dentro do meu lugar.  
 Sou afetado! Estou afetado!  
 Já ouvi dizerem e se engraçarem – “parece que é afetado”  
 Já senti pelo olhar - “que coisa mais afetada”  
 Já ericei-me na pele - “quanta afetação dessa pessoa”  
 Já engoli em seco o gosto de se deliciarem – “com um afeto tão desgostoso”  
 Já inalei gases e odores de – “estás sentindo um cheiro de desafetos?”  
 Já incorporei movimentos “tão renegados e paralisados de afetuosidade”.  
 Meu lugar-de-sentir afeta,  
 trans-mite, trans-muta, trans-locas  
 o meu lugar-de-sentir te faz sentir?  
 Se desafeta, se descarrega, se destrava,  
 permita-se, solte-se, abandone-se, mova-se,  
 sinta-se, perceba-se, afete-se, exprima-se,  
 imprima-se de seu lugar-de-sentir!  
 Pois eu me deixo ir, me acolho, me domino, me retrato,  
 me expresso, me silencio, me localizo, me desejo  
 a partir do meu lugar-de-sentir.

Compreendo, também, o “lugar-de-sentir” como instância que se caracteriza como dimensão poética, ou como afirma Maffesoli (1998), um “saber dionisiaco<sup>49</sup>”, interligado à criação poética:

<sup>49</sup> “É aquele que reconhece essa ambiência emocional, descreve seus contornos, participando assim, de uma hermenêutica social que desperta em cada um de nós o sentido que ficou sedimentado na memória coletiva” (MAFFESOLI, 1998, p. 298).

O poeta, como já disse, desperta na subjetividade de cada um as vozes imemoriais adormecidas na memória coletiva [...]. Em todas essas coisas há uma boa dose de vibrações comuns, aquilo que A. Schultz denominava “sintonia”, ou de emoções “estéticas” que são, em essência, concretas, enraizadas. [...]. Não há mais que se procurar o sentido no longínquo ou num ideal teórico imposto do exterior ou em função de um sistema de pensamento, mas, isto sim, vê-lo em ação numa subjetividade comunitária, o que requer que se leve a sério o sensível, [...] (MAFFESOLI, 1998, p. 299-301).

Tenho, na produção escrita desse trabalho, a missão de fazer arte, criar, dar forma, a partir da junção de poesia e filosofia, desenvolver uma escrita poética, sem me tolher à necessidade de oferecer respostas a questões racionais, mas sim, de promover, com essa escrita, uma base poética, performática e teatral do saber.

A intenção delineada se articula com a poeticidade das corpos trans/travestis e suas artes, no desígnio de dar sentido ao mundo através do imaginário, onde tudo o que crio, tudo que as artistas trans/travestis criam é para tornar algo significativo, criar vida, dar sentido à vida, perfazer, junto às corpos trans/travestis, uma vida que é uma obra de arte.

*A cultura kura* (Renna Costa)<sup>50</sup>

a mata é meu estado  
na mata habitar  
na mata estar  
e n c a n t a d a  
Mesmo assim,  
quando há fogo MATA  
Mesmo assim,  
quando há transformação  
M A T A  
Mesmo assim,  
quando há arte  
A CULTURA KURA!

Afinal, a cultura suscita a vida que a arte travesti reencarna pela materialização de uma existência matada. Percebo que, sem arte, não é possível que haja vida, pois, com certeza, a arte salva, trans-forma, trans-modela, trans-impulsiona o viver, descristaliza as pedras fundantes de impossibilidade de ser. A “Kura” está injetada na arte e projetada para a vida das artistas transexuais/travestis.

## 4.2 A arte e a criação estético-gestual de corpos trans/travestis

<sup>50</sup> Ver o vídeo: [https://youtu.be/\\_sEMvwrT83s](https://youtu.be/_sEMvwrT83s)

O que me leva a pensar em uma perspectiva estética não está diretamente relacionado aos conceitos de “belo” e “estética” da filosofia platônica, que faz referência, por sua vez, à beleza absoluta, relacionada apenas ao mundo das ideias, mas sob a conceituação estética proposta por Maffesoli (2011), que compreende a importância do estar-junto, de que os elementos que a compõem (o sensível, o sentimento, a proximidade) estão interligados com a percepção de nuances da vida cotidiana.

Essa ideia pressupõe à corpa um regime de afetações, de sensações, da estética que confere abertura às possibilidades de expressão do ser. Uma corpa viva que necessita das pulsações sentientes, que promova o “lugar de sentir”, que faz do gesto e do movimento abertura para emergirem as sensações e a poeticidade, dando espaço à existência do vazio, como Deleuze e Guattari explicitam: “[...] o vazio é uma sensação, toda sensação se compõe com o vazio, compondo-se consigo [...], e conserva o vazio, se conserva no vazio conservando-se a si mesmo” (DELEUZE, GUATTARI, 1997b, p. 215).

Por sua vez, Greiner (2013, p. 92) cita que “a comunicação gestual é, portanto, mediada pelo conhecimento experienciado sobre o mundo material”. Os gestos se inserem como um exercício simbólico uma vez que representam também processos cognitivos em interação com a comunicação que retratam os mapeamentos corporais. A construção que se desenha mostra a existência de territórios compostos pelas visibilidades e invisibilidades, sempre presentes na singularidade de uma corpa. Para Agamben (2015) o gesto funciona como mediador de processos que permitem a ascensão de significados visíveis, uma vez que o papel por ele desempenhado imprime as relações da corpa com o mundo.

Fotografia 26 - Benedita - Performance na festa "O homem da Meia-Noite em Arcoverde"



Fonte: Arcoverde (2020).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Fotografia 27 - Benedita - Cadê minhas irmãs?



Fonte: Arcoverde (2020).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Uma performance que traduz a estética problematizando micronarrativas para uma dimensão macro, que me faz refletir: como produzir movimentos que retratam as violências desencadeadas pela opressão e desconstrução de possibilidades outras de se constituir?

Rolnik (1993) insere em minha análise a noção de, que por meio da vivência em diversos ambientes, a organização do ser constrói fluxos que se conectam a outros, perfaz composições, gera rupturas que irrompem com o equilíbrio-do-poder. Estremece, então, seus contornos corporais, perpetuando marcas inéditas que cogitam uma nova corpa, produzida por um devir que se estabelece como algo novo.

Podemos dizer que a cada vez que isto acontece, é uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo - em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. - que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um destes estados, nos tornamos outros (ROLNIK, 1993, p. 242).

Por meio do olhar da produção de novos saberes, a arte trans, a arte travesti<sup>51</sup>, comunga a emergência de um outro modo de ser, onde compreende-se que suas linguagens artísticas se notabilizam como instrumento de ação política coletivizada. Dão menção histórica à

<sup>51</sup> Travesti é um constructo que não se fecha em um processo identitário diferente das transgeneridades, mas pode ser vista como uma forma de transgeneridades, uma forma de performatividade transgênera, que “expõe, grita, escandaliza e apavora as fraturas da inalcançabilidade de uma verdade definitiva, estática e inquestionável das identidades naturalizadas de gênero: homem e mulher” (Dodi LEAL, 2018, p. 19).

dissidência<sup>52</sup> de gênero e à performatividade<sup>53</sup> da corpa como uma trajetória de criação, transgressão e subversão.

Disso resulta, assim, a superação de questão significativa no processo de percepções trans/travestis, que é a passabilidade<sup>54</sup> de conotação, a partir do viés cisheteronormativo, pois a arte desmistifica a ordenação de tal parâmetro, pois remete a uma dimensão mais ampla da constituição identitária e subjetiva das travestis e transexuais, como já explicado em outras passagens do texto.

Fotografia 28 - Núbia - A trança que entrança trançada na travesti



Fonte: Kalumbí (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

A corpa travesti não têm limites, pois onde existe uma potência transformadora forjada por ela, há verdades que se tornam acontecimentos. A gestualidade e a corporeidade organizam formas de olhar, de movimentar, de pensar, de sentir as expressões subjetivas sendo produzidas e deslocadas, alocadas em tamanha expressão de si.

<sup>52</sup> Segundo Meira (2019), é um termo que “se refere a ações, atitudes, práticas culturais, agitações políticas, movimentações e identidades dissidentes sexuais e de gênero, que não se alinham as normas e tecnologias socialmente impostas pela heterossexualidade”.

<sup>53</sup> Butler (2012) afirma que: “na performatividade, [...], não há ser ou fazedor, o que existe é a obra, o que talvez se configure em um limite da teoria da performatividade, que pautou-se na perspectiva de recusar qualquer tipo de ‘fundacionismo biológico’, de romper com o heterossexismo [...]”.

<sup>54</sup> De acordo com Pontes e Silva (2018), a passabilidade, colocada como performatividade de gênero, apresenta ações reguladas e repetida a fim de concretizar dada imagem de gênero heterossexual e cisgênera.

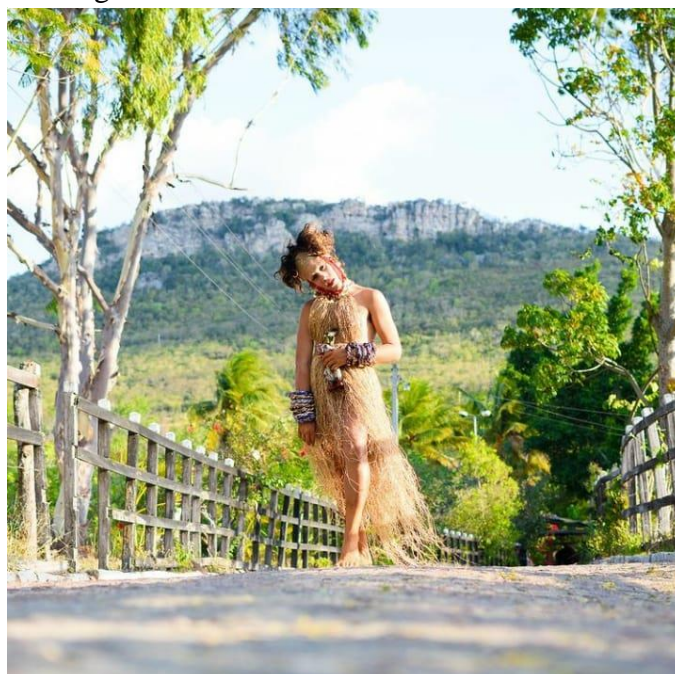


Por meio do olhar transgressor, compartilho as ideias de Paul B. Preciado (2014) e retrato a contrassexualidade como um manifesto em que os aprisionamentos e as exclusões de novas possibilidades de gênero são desestabilizadas. São produzidas novas corpos, novas atitudes, novas realidades e novas maneiras de pensar e agir a partir delas. Como forma de conceituar o termo “contrassexualidade” registro:

Os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes. Reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas. (...) Renunciam não só a uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, como também aos benefícios que poderiam obter de uma naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes (PRECIADO, 2014, p. 21).

Diante desse contexto, vejo que, principalmente no Brasil, as artes ligadas às travestilidades e transexualidades perturbam o modelo normatizado, visto que relacionam o sensível com base em outros vieses criativos. Além disso, têm em seu aparato questionamentos reflexões, ações políticas e estéticas que representam resistências e campos de mudanças no enfrentamento de comportamentos opressores e repressores.

Fotografia 29 - Renna - BRUXA É TEU NOME



Fonte: Costa (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

***BRUXA É TEU NOME – A chama de Brigit*** (Morgana Pereira)

Não faz diferença onde moras, de onde vens! Se com as ervas curas, com rezas, gestos e rituais, trazes harmonia e paz! BRUXA É TEU NOME!

Não faz diferença onde caminhas e colhes o que precisas, seja nos brejos e florestas que ainda existem no velho mundo, nas selvas tropicais ou no sertão mais árido, se vais da luz à sombra, da benção à maldição com a mesma desenvoltura! BRUXA É TEU NOME!

Se falas com os bichos e ouves a voz do vento!

BRUXA É TEU NOME!

Se mesmo depois de anos, vagando nas Babilônias de concreto e aço, você ouve o chamado da mãe terra e a ela retorna como boa filha!

BRUXA É O TEU NOME!

Não faz diferença como a chamas, Deusa, Gaya, Pacha Mama, ou simplesmente Mãe Terra!

BRUXA É TEU NOME!

**(recitada por Renna Costa no Dia das Bruxas)**

O místico, o mistério, o secreto, o escondido, o negado, tudo aquilo dado às bruxas, de maneira cruel, desoladora, diz também como as travestis são representadas, porém se revestem de força que traduz a oposição às estratégias de dominação, dor e angústia. Corpos trans/travestis implicam a circularidade que a poeticidade provoca em nossas corpas, nossos corpos e como se ressentem da rejeição a que foram submetidas, perfazendo representações inúmeras de configurações diversas de si como proteção a essa condição vivida.

Falo, então, de ativismo, um movimento que se refere à conjunção e ao que se demonstra por meio da arte e da política, ou seja, “causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística” (RAPOSO, 2015, p. 5). Um desvelar de cunho político em vivência e representações estéticas, onde a corpa trans/travesti, ao promover a diferença, direciona o pensar para as desigualdades, para movimentações criativas de ser-no-mundo.

As artistas em questão proporcionam, com suas corpas, o enfrentamento das limitações impostas ao estranhamento sobre elas e de como estas desestabilizam meios enrijecidos de existência e incitam a criação de outros arranjos, nos quais a criatividade artística, poética e gestual se configura como centro potencializador de uma “atividade”. Elas “inventam eventos, performances, festas, filmes e várias outras formas de experimentações artísticas. A experimentação se materializa em ações, hibridismos, narrativas, intervenções urbanas” (MEIRA, 2019, p. 47).

Fotografia 30 - Irla - Florescendo de sonhos



Fonte: Carrie (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Quero florescer de sonhos...  
de paz!!!  
Quero florescer de amor diante do caos  
NÃO SOU CULPADA!!!!  
Me disseram que minha existência era um fardo de mentiras,  
Que minha capacidade era zero.  
Hoje me refaço nas minhas cicatrizes...  
Nas dores!  
Enfim...

Estou atravessado pelas variadas possibilidades que o cotidiano das artistas retrata, algo teatralizador, carnavalesco, permeado por uma expressão barroca onde as corpas se dissolvem e se ressurgem repletas de organicidades, visto que o que se trans-passa em mim se origina daquilo que é trans-passado por elas, o ativismo político, ético-estético promotor das transcendências de nossas existências.

*Existências (Luís Massilon)*

olho pra mim  
olho novamente pra mim  
quanta insistência?!  
preciso insistir,  
nem pensar em desistir  
quero mais sapiência  
para que eu possa resistir  
e não sucumbir  
olho mais uma vez  
vem a lucidez  
superando a estupidez  
de não se ter ciência  
ou seria, se ter fluência  
do que sou, do que permito,

do que sinto, do que corporifico  
olhar de mim  
e reconhecer enfim  
sem dorlência  
nem maledicência  
e muito menos indulgência  
de que há em mim  
a Existência!  
ou melhor  
reconhecer em mim  
ao olhar pra mim  
que no fundo de todas as minhas vivências  
e experiências  
cheias de influências  
também carências, benevolências  
e surgem daí  
a consciência de minhas  
Existências!



**5 “VOU POR AÍ A PROCURAR, SORRIR PRA NÃO CHORAR”: ARTES  
TRANS/TRAVESTIS PERFORMATIZADAS E POLITIZADAS**



Neste tópico averiguo como a arte produzida por artistas trans/travestis pode ressignificar a sua existência e busco caracterizar em que medida as corpos podem performar no real, retratar um ato político e transformar a si e o meio. Pergunto então: “Quais as ressonâncias da expressão artística no reconhecimento de corpos trans/travestis?”.

Saliento, de tal modo, a importância de se analisar a performance, o performar. Segundo Alcázar (2014) a performance poder ser vista como a arte do eu, pois a corpa da performer, da artista expressa sua identidade e suas identificações quase que autobiograficamente transmitem processos subjetivos, a busca de si mesma, vivências relacionais e diferenciações absorvidas dos mais diversos âmbitos do social.

A performance abre possibilidades de artistas transexuais/travestis demonstrarem reflexões forjadas a partir de si e que as produções poéticas, transgressoras, estéticas desenvolvidas por elas insurgem e subvertem as atrocidades a que estão impostas e submetidas.

Associo o ato de performar também à ideia do ativismo, visto que as artistas participantes desta pesquisa se autodenominam travestis ativistas. Oliveira (2019, p. 19) afirma que essa junção da performance com o ativismo “prioriza processos em andamento”. Em sua pesquisa, a partir de sua corporeidade, o autor viabiliza a compreensão do ativismo como uma verdadeira insurgência do performer “na arte e na vida contra tudo e todos que preconizam discursos e práticas totalitárias que produzem os estigmas nas pessoas com corpos diferenciados” (OLIVEIRA, 2019, p. 19).

Preciado (2014), igualmente, articula vivamente que a disposição de corpos é política, que a corpa é uma categoria que dimensiona lutas sociais visando o desmonte e descaracterização da binariedade heteronormativa, de forma que a corpa travesti evidencia as pluralidades da existência e quebra com as impositões da abjeção. Garcia (2015) também enfatiza que a corpa, em sua singularidade, se constitui materialmente a partir de práticas políticas e permite a contestação da subalternização de outras corpos transexuais/travestis. Tais corpos anunciam, então, as transformações políticas de corpos e corpos. Preciado sobre o assunto ressalta que: “[...] a exclusão é uma das técnicas necropolíticas<sup>55</sup> mais ancestrais” (2019, p. 166). Os saberes de corpos transexuais/travestis são omitidos, oprimidos, vigiados,

---

<sup>55</sup> Em 2013, o filósofo camaronês Achille Mbembe publicou um ensaio que examina como os governos administram a morte, e deu o nome de necropolítica, conceito que descreve como, nas sociedades capitalistas, instituições, governos promovem políticas que restringem o acesso de certas populações a condições mínimas de sobrevivência, criam regiões onde a vida é precária e onde a morte é autorizada, daí definem que indivíduos devem viver e quais devem morrer e como deve ser sua morte.

punidos de tal forma que os silenciamentos impostos significam a morte em vida de algo que são, mas não conseguiram ser.

Importante frisar que a arte promovida por corpos trans/travestis, principalmente, tem um papel preponderante de sobrevivência para tais sujeitos, para o desenrolar de subjetivações que estão em curso de alcançar modos outros de desestabilização de estruturas estratificadas, arranjadas em meio à opressão. Falo, aqui, de uma arte que faz surgir novas metáforas da corpa a partir de suas respectivas transições:

As muitas metáforas do corpo sugerem, portanto, nexos diferentes e um jogo incessante entre estabilidades e instabilidades que precisam ser esclarecidas. Quando emerge um novo padrão organiza-se informação na medida em que esta se distingue dos padrões que existiam antes e há uma singularização (GREINER, 2013, p. 111).

Compreender como a corpa organiza e expressa a arte de modo transgressor é um dos pilares norteadores dessa produção, visto que intenciono perceber que a arte trans/travesti representa a diferença exercitada, causa rupturas dos códigos morais excludentes, cogita em sua posição de expor o que não é aceito, enfatiza um meio de fortalecer o estado corporal alcançado, atualizando-o, performatizando-o, liberando-o em suas expressões latentes até então aprisionadas.

### **5.1 A arte que transgride: “abalando as estruturas”**

As transformações evidenciadas no trato com a arte a partir do século XX mostram dada posição, de sensibilidade crítica, que permitiu surgir a necessidade latente que a arte possuía de escapar aos enclausuramentos institucionais e, assim, vigorar com mais afinco no cotidiano, um fato que, por si só, já caracteriza o seu processo de transfiguração, expressão, e em seus instrumentos e representantes.

Com isso, o universo da criação artística faz a aproximação da arte com a vida, a fim de retratar não somente a criação intrínseca da/o artista, mas também o cotidiano dessa/e artista, sua subjetividade repleta de invenção corporificada por seus afetos artísticos, de forma a representar uma potência estética transformadora e resistente. Por isso, Souza e Carvalho (2021, p. 13) enfatizam que “torna-se necessária uma nova política para o corpo e a arte”.

Proponho, nesse ínterim, a reflexão de que a extensão das relações entre arte e vida se tornam cruciais para os processos criativos e artísticos. Souza e Carvalho (2021) inserem tal questão como central para a identificação de micropolíticas potencializadoras pela/da arte. As



artistas travestis envolvidas com esse trabalho desnudam as acepções de “corpo” quando retratam as subjetividades de corpos que produzem saberes, políticos, poéticos, transgressores.

Fotografia 31 - Núbia em Adeus  
ao umbilical



Fonte: Kalumbí (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Fotografia 32 - Benedita no Lamento de Força  
Travesti



Fonte: Arcoverde (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

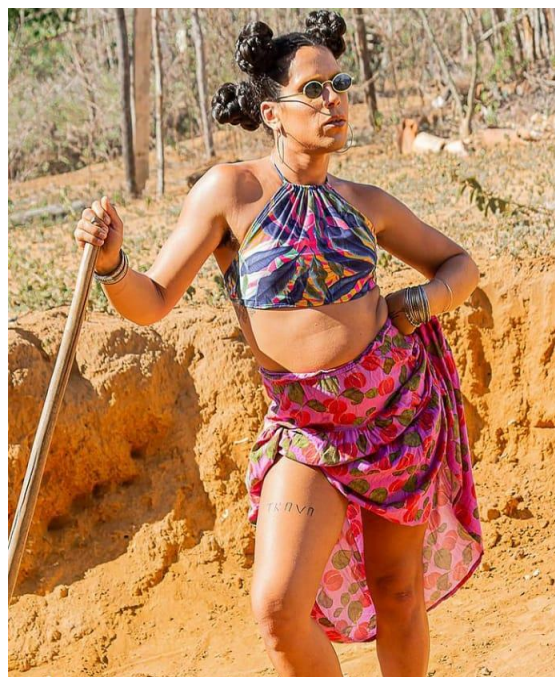
Fotografia 33 - Irla: - não se nasce  
mulher, torna-se travesti



Fonte: Carrie (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Fotografia 34 - Renna só observando as  
novidades...



Fonte: Costa (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.



As imagens retratadas são postas como suporte para a quebra do controle e da politização apolítica de corpos travestis. A construção que coloco em evidência é que é preciso relacionar socialmente elementos que se baseiem em questionamentos do pensamento hegemônico, que conduzam à expressão infinita de pensamentos que se dá pela experiência. A mensagem que cada uma das artistas expressa perfaz, em mim, a experiência e o significado do meu processo investigativo.

Propicia, portanto, o ressurgimento de corporeidades estruturadas por meio de experimentações vividas no real, elaboradas pelo sentir, o lugar de sentir em uma criação artística e estética da própria vida, que traça ligações entre a existência e a essência do ser.

Algo inusitado a brotar como potência sensível demonstra a transformação da vida em obra de arte. Nietzsche (1992) nos apresenta em sua obra tal vertente, na qual o papel da arte é estimular as potências presentes na vida de forma que as produções artísticas encantem e provoquem beleza, admiração, poesia em viver.

Vejo, então, a arte transbordar e se configurar pelo e no cotidiano. As experimentações artísticas de corpos trans/travestis são possibilidades, devires que indicam saídas e construções de novas perspectivas para a corpa, para a cultura, para a subjetivação do ser, para a formação humana, de modo que a multiplicidade se estabelece com a profusão de suas fusões e elementos.

Fotografia 35 - Renna: visualidades de artistas na música



Fonte: Costa (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Esta imagem de Renna indica a possibilidade de trabalho com linguagens variadas como música, artes visuais e teatro. Entendo, pelo discurso da artista, que o uso de diversas inclinações na arte é algo que pode provocar uma imersão maior nas narrativas expressas por elas e que a artista busca contextualizar nas suas experiências tudo aquilo que explora pontos fortes e que consolida sua arte através da corporeidade.

A atriz, diretora, dramaturga e transpóloga Renata Carvalho implementa questões reflexivas sobre o resultado obtido com seus trabalhos, dentre eles o “Manifesto Representatividade Trans”, no qual articula o conceito de Transvestigênera: “O corpo transvestigênera, talvez seja o único corpo, que é atacado público e diariamente por parte significativa da Igreja, pela mídia, pelo judiciário, pela medicina, pela arte e ninguém fala nada. Ninguém reclama” (CARVALHO, 2019, p. 2).

Fotografia 36 - Renata Carvalho na peça " O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu"



Fonte: Fernandes (2017).

Nota: Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/renata-carvalho-atriz-travesti-mergulhei-em-jesus/>

Em uma obra ativista, “Manifesto Transpofágico”, a atriz Renata Carvalho (2019) narra a história da corpa travesti e lança um manifesto sobre o nascimento dessas corpos. Mostra a construção social e a criminalização que as permeiam, do imaginário à concretude. A transpologia em questão indica uma referência de construção social que permeia corpos trans/travestis, que fazem a arte, arte trans/travesti sensível, política e transgressora, e consequentemente, pela participação das artistas que são responsáveis por essa construção. Renata Carvalho (2021, n. p.) em entrevista à Miguel Von Zuben para o 15º Festival de Campinas concedida após apresentação de seu espetáculo em Campinas-SP, comenta:

Transpofagia é uma antropofagia trans. Como eu sou uma transpóloga, sou uma travesti que estuda o corpo trans. Quando falo que, para eu contar minha história, preciso conhecê-la, eu digo que fui comer a minha história, fui comer a minha transcestralidade. Fui me alimentar dela para digeri-la, entendê-la. Trouxe isso do Manifesto Antropofágico, do Manifesto Comunista, de todos os manifestos que temos na arte. É uma travesti comendo a sua transcestralidade.

Assim, destaco que a participação de travestis e transexuais em expressões performativas expande o processo de lutas e propicia reconhecimento e avanços sociais, mapeando, cartografando aspectos que combatam a colonialidade<sup>56</sup> subalternizadora<sup>57</sup> de toda corpa insurgente e contra as dogmatizações do ser.

Percebo que há dada dimensão poética do ser trans/travesti que reescreve, por intermédio de uma abordagem transpofágica, novas narrativas, novas histórias de corpos sempre em processos de significação. Considero fundamental explicitar de onde e como surgiu essa arte. Assinalar a associação de resistência com libertação. Vislumbrar o fomento de tal arte que nos representa e que, de forma subversiva, possa “abalar” as bases de uma sociedade excludente.

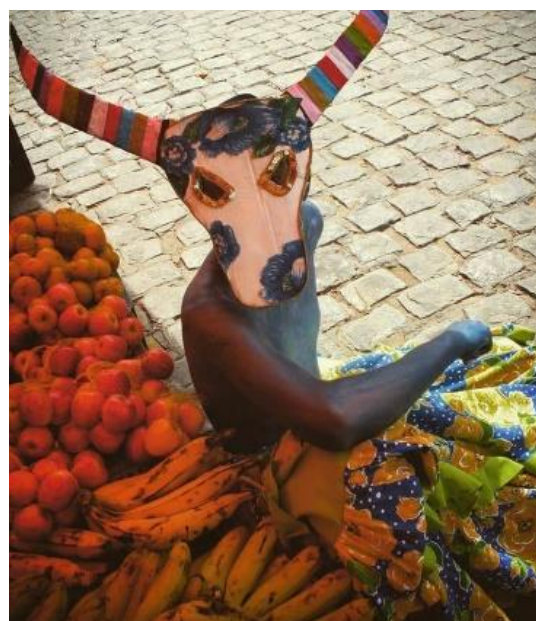
Fotografia 37 - Boi de Carnaval vai à feira I - Benedita



Fonte: Arcoverde (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Fotografia 38 - Boi de Carnaval vai à feira II - Benedita



Fonte: Arcoverde (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

<sup>56</sup> Colonialidade é a forma dominante de controle de recursos, trabalho, capital e conhecimento limitados a uma relação de poder articulada pelo mercado capitalista. Também está diretamente relacionada a inferioridade atribuída aos povos subalternizados, ou seja, aqueles grupos que foram silenciados, oprimidos e colocados à margem da sociedade

<sup>57</sup> Nesse ponto demonstro pensamento do estudioso colombiano Pedro Pablo Gomez (2019), que tece críticas à colonialidade eurocêntrica e evidencia a lógica descolonial que funciona como sustentação à colonialidade do poder e seu desdobramento geográfico gerador de hierarquias, inclusive na estética, posicionada como atividade criadora masculina moderna. A descolonialidade é, assim, assumir um posicionamento crítico, dentro e a partir da fronteira que se move e se diversifica por meio de reexistências.



Fotografia 39 - Boi de Carnaval vai à feira III - Benedita



Fonte: Arcoverde (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Fotografia 40 - Boi de Carnaval vai à feira IV - Benedita



Fonte: Arcoverde (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

A Personagem Benedita, de Gabi Cavalcante, transgride, trans-grita pela potência expressa de sua arte e sua corpa a expressão do “Boi Carnavalizado” que causa sensações variáveis a quem está na feira alimentando o capital e a desigualdade. O Boi, tão culturalizado, principalmente no carnaval arcoverdense, que se chama “Folia dos Bois”, mostra-se dominado, exposto, em carnes comercializadas analogamente exposto pela bendita preta da periferia que tem sua arte, sua corpa, sua carne exposta à não aceitação de sua existência. Na feira ela existe, ela se expõe, ela se mostra, ela faz arte, ela diferencia o comum. Viva o Carnaval, grita Benedita! Viva Benedita, eu escrevo e grito.

## 5.2 “Quem está aí a procurar, tentando sorrir pra não chorar?”: Travestis que travam/destravam a condição de serem “trabalhadoras” da arte

Travestis têm o poder de provocar, fazer provocações a um sistema de poder cisheteronormativo que atua contra aquilo que não pode ser dito e gera interpretações múltiplas. Quando fazem uso da arte provocam estranhamentos diferenciados e ambíguos, em dimensões de aceitação e rejeição. A arte, por si só, guarda a provocação de também causar aceitações e rejeições, mas quando se unem em ARTE TRANS/TRAVESTI há um redimensionamento crítico do alcance dessa união.

Pensar na imersão da travesti na arte é (re)tratar a corpa como insurgente em um lugar que incita a expressão estética pautada na visão heterossexual, dominante, eurocêntrica e excludente. Ser travesti traz em sua experiência a exclusão e fazer arte trans/travesti se complementa pela visão também excludente. Suas corpas são categorizadas, e para se fazerem vistas e revistas relacionam a arte como chave de mudança do status de corpas abjetificadas para corpas enaltecidas, vibrantes e vibratórias.

“Quem está aí a procurar, tentando sorrir pra não chorar?”, é o mote de uma poesia para quem busca o sorrir de sua existência, demonstrando, até, complacência, de modo que o inescapável choro, se trans-forme num rico desaforo.

Irla Carrie escreve “CARTOMANTE”, um prenúncio que dá à sua existência, às suas lutas e busca por se reconhecer, se aceitar e aceitar em si a diferença. A travestilidade se visualiza como o alcance maior da sua subjetividade. Abstraio o posicionamento que se toma quando ela toma posse de sua vida e a vanglória de tudo está nas suas palavras que descrevem o que sua corpa é.

#### *Cartomante* (Irla Carrie)

Antes de eu nascer, já carregava nas mãos a CARTOMANTE do destino!  
 Bem antes do nascer das coisas, já descrevia profecias no céu e na morte de cada dia.  
 Antes mesmo de sermos batizados, já havia em mim, o pecado e o desejo!  
 A maldade que se revela no suor brusco e rude.  
 Antes de ser fecundada sabia que deveria primeiro sujar as mãos de lama, e a consciência levada com incertezas e crises de ciúme!  
 Já carregava o fardo do homem... A cegueira dos ouvidos, e a eterna ignorância do coração.  
 Tinha em mente mentiras, malícia de um homem e corpo de um anjo!  
 Lutando contra rupturas, duelo!  
 E no fim me dando por inteira a estranhos... com belas armas aterrorizantes!  
 Sabia que meus irmãos sanguíneos se perderam dentro de si!  
 Nos alimentos vencidos, nas bebidas amarguradas, nas ervas alcoólatras, do pai dependente e da mãe defunta!  
 Que nem sequer viu o crescimento dos seus filhos.  
 Sabia até mesmo que as estradas do meu senhor destino, desabaria em qualquer momento; só bastasse fechar os olhos, para que eu perdesse o equilíbrio entre o corpo e a alma.  
 Antes dos antes, já gritava loucamente!  
 Brigava e sempre apanhava!  
 Já entendia perfeitamente que sempre é necessário amar por inteiro... até a última gota de sangue!  
 Mesmo que esse amado não fosse anjo.  
 Já compreendia que é preciso saber conviver com a solidão, perdas e desencontros!  
 Antes da criação já havia em mim, a sede de correr desesperadamente até chegar nos braços do que se perdeu.

Desaforar-se, colocar para fora o que está aprisionado em uma cela que não tem cadeados, mas que convive com olhares maldosos, que matam, que “cru-si-ficam” as corpos que estão na imanência de procurar e achar o que são.

Ser trans pra mim é libertar-se. É não ser ator nem atriz: é ser atroz. É ir atrás. Estar à frente. É enfrentar. É atuar sobre si mesma. É assumir riscos. É ter a dádiva de duvidar da vida. Ser trans é ter peito. E também é não ter. Ser trans é genial, não genital. Não é do caralho, nem de xoxota. É de corpo inteiro. É reinventar-se e criar sobre a própria existência. Ser trans é confuso, é borrar os limites, é rascunho. Ser trans é poesia. É assumir-se corpo. Ir além. Ser criação e criadora. A médica e a monstra. Ser trans é divino. É obra de d'eus. De todos os eus que me constituem. Não é obra das trevas. É obra das travas. Ser trans é um ato de coragem. É um campo de batalha. Ser trans é entregar-se. É não abrir mão de si. O que pode ser, algumas vezes, solitário. Mas tenho me encontrado em outras solidões. E tenho percebido que não estou sozinha. Não estamos. Eu soul trans. E celebro minha existência. Celebro as nossas vidas, nossas conquistas. Se eu não fosse trans, gostaria de ser (QUEBRADA, 2017, p. 24).<sup>58</sup>

Ao analisar a passagem retratada pela cantora, atriz, ativista Linn Da Quebrada, citada pela pesquisadora, atriz, transativista, professora-doutora Dodi Leal (2018, p. 21): “uma pessoa trans escrever uma tese de doutorado neste contexto é um ato de resistência”, resalto a trajetória, os desejos, os afetos, as contradições, os movimentos, as criações, invenções e reinvenções, as emoções, as frustrações e dores, os atos de coragem e de enfrentamento que as trans/travestis experienciam, e por meio de encontros, devires, divergências, insurgências e ressurgências, tornam as corpos políticas e ativistas.

“Estar aí a procurar” reflete não somente o discurso de se ter uma identidade ou categorias especificadas como quer o cis-tema<sup>59</sup>, que limita as territorialidades trans/travestis, mas que diferentes vivências de existências trans/travestis são consideradas marginalizadas, mesmo estando envolvidas em processos artísticos. A procura de se estar aí mostra a disposição de obter legitimidade para ser trava, estar travestida, fazer travecações, manter o traviarcado e sorrir travecamente feliz, em ser! Desconstruir, reinventar, reviver aquilo que está em si.

<sup>58</sup> Trecho de “Ser ou não ser: essa não deveria ser a questão”, escrito por Linn da Quebrada no Prefácio do livro *De trans pra frente* (2017), de Dodi Leal. Linna é atriz, cantora, ativista social e compositora paulista, brasileira, vista como uma das artistas mais relevantes do cenário artístico atual e que luta pelo reconhecimento de si e de outros artistas ao se utilizar de criações que desconstroem estereótipos e tabus com o seu estilo mordaz e sarcástico. A artista está participando do reality show *Big Brother Brasil*, edição 2022.

<sup>59</sup> Segundo Viviane Vergueiro (2015) o neologismo cis-tema retrata a condição estrutural e institucional do meio cis-têmico, cis-sexista para além da expressão individualizada do conceito de transfobia.

Fotografia 41 - Núbia: De cabeça para baixo



Fonte: Kalumbí (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

***De cabeça para baixo*** (Núbia Kalumbí)

Cada linha amarrada onde uma aperta a garganta, outra os dedos, braços e peitos...  
 O amor mói mas ele sufoca?  
 Pois mesmo em face do que ele se projeta ser, mesmo sufocada pelo que me conceituam dele...  
 Me sinto vazia.  
 Como um grito mudo com uma boca em formato de círculo escorrendo uma baba seca,  
 silenciosamente desesperada.  
 Me desculpa então não estar satisfeita ou me sentir arranhada ao invés de acariciada ou mesmo me  
 sentir amarrada dentro de uma projeção que não dou conta.  
 Desculpa me sentir tão sozinha ao ponto de gritar para todo o espaço a minha volta na esperança de  
 uma escuta que me confirme que ainda estou viva, 1 ano depois.

A Artista alude à representação do sentimento envolvido em seus processos de aceitação de si, da luta resistente e constante em ser, em se respeitar o que lhe confere em essência o seu existir. Com isso me sinto tocado no entendimento empático de que por essas sensações também fui atravessado, mesmo sabendo que não estive perto da dimensão trans-formadora que ela enfrenta e suporta diante do que a massacra, que danifica a vivência de um *eu* que está se estruturando.

Permito-me, diante de estudos e pesquisas, ao encontro com a compreensão de sobrevivência travesti, o que chamo de trabalhadoras da arte. Minha concepção se direciona à significação que as corpos trans/travestis dão ao ‘apagar-se da condição de objeto/abjeto’ em um mundo que não lhe permite ser. Muda o campo representacional, se esquece a corpa que se traveste para ser outro gênero, recalcando-o, e faz emergir uma corpa para além da sexualidade, que faz uso da arte como subjetivação de si, trabalhadora da arte, liberta, transgressora e potente na existência.

Atualmente, tal estética inquieta, pois, nos provoca um olhar livre para a cultura, olhar libertador a partir das representações desencadeadas por essas artistas. Isso se constrói com a permissão que elas nos dão de ter liberdade para comentar todas as formas de vida a partir das artes e expressões por elas produzidas. As imagens que elas nos apresentam ganham importância ante à localização que se toma como ‘meio’, elemento criador de vínculos, de alicerces da vivência corporal e política.

Pessoas trans/travestis ao ocupar dados espaços e, por isso, alternando as vivências dos regimes da imagem, na perspectiva durandiana<sup>60</sup>, da dimensão noturna para a dimensão diurna e vice-versa, em que a arte (noturna) é a sua arma (diurna), subvertendo o cis-tema e tensionando a criação de espaços onde ser trava tem a conotação de ir ao interior de si em busca de conhecimento, do é, do “e-e”, e não da representação do talvez, da oposição, da antítese do “ou-ou<sup>61</sup>”, tão imposta pelo cis-tema cis-sexista.

Juhlia Santos<sup>62</sup> citada por Amorim, faz a proposta “Translogia das Corpos”, que representa a experiência de utilizar a sua corpa como forma de romper/questionar o poder colonizador de espaços institucionais. A transativista diz<sup>63</sup>: “o experimento cênico ‘Se os homens são feitos do barro nós fomos feitas da lama’ nasce das questões que atravessam nossas corpos. A proposta busca problematizar os processos de higienização social que tange (sic) raça e gênero” (2019, p. 63). Isso é ser Trabalhadora da arte, rompendo paradigmas e esvaecendo a dominação rigorosa. As artistas rompem com paradigmas e representam seus sentimentos, experiências e vivências.

Obviamente que muitos espaços são/estão fechados. Há, ainda, muito o que se desconstruir, muito a des-velar, des-travar e fortalecer a resistência e re-existência. Para isso, é necessário que escritas como a que proponho possam ganhar a expansão para além do espaço

<sup>60</sup> Segundo Gilbert Durand (2012), o regime diurno revela imagens de ascensão, de conquista, de purificação, de separação, sempre razão, a verticalidade; o regime noturno tem a estrutura da deglutição, de diálogo com o monstro (caverna, harmonia), com imagens de nutrição, digestão, noite, engolir, refúgio, sombra, copulação, a horizontalidade.

<sup>61</sup> Deleuze e Guattari na obra “O Anti-édipo” explicitam que: “sobre o corpo sem órgãos as máquinas se engancham como outros tantos pontos de disjunção entre os quais se tece toda a rede de sínteses novas que quadriculam a superfície. O ‘ou... ou’ esquizofrênico reveza com o ‘e depois’: considerando dois órgãos quaisquer, a maneira como estão enganchados no corpo sem órgãos deve ser tal que todas as sínteses disjuntivas entre os dois venham a dar no mesmo sobre a superfície deslizante” (2011, p. 25), ou seja, que o “ou” tanto pode indicar uma exclusão como uma inclusão enquanto o “e” prevê uma “síntese conectiva de produção” (2011, p. 26).

<sup>62</sup> Mulher TRANS, faz parte do coletivo “Pretas T”, atuante na cidade de Belo Horizonte. Enquanto ARTIVISTA, faz parte do coletivo “Pretas em movimento” e do coletivo “Muitas pela cidade que queremos”, movimento que luta, entre outras coisas, pelo fim da violência de gênero. Desenvolveu a performance Translogia das Corpos em 2119 (AMORIM, 2019, p. 62).

<sup>63</sup> Trecho de Afet(o)AÇÃO – Escrita que sai da pele.



acadêmico e reverberem nos processos socioeducacionais, artísticos e formativos, de modo a continuar o trabalho que as Trabalhadoras da arte preconizam e mobilizam cotidianamente.

Assim, enfatizo que as corpos trans/travestis trans-mi-tem, “trabalham” o pensamento de que corpos e corpos não têm limites a partir do instante que estetizam a diferença e subvertem por meio de uma arte provocativa, as dimensões do lugar e do não-lugar, da existência e da invisibilidade. Transgridem e vivem poeticamente, artisticamente, para enfim poderem existir.

## 6 ANÁLISE CARTOGRÁFICA



As corpos travestis aqui cartografadas foram inicialmente visualizadas por suas linhas de subjetividade já constituídas e em complementação com as percepções advindas dos novos mapeamentos surgidos na escrita. Tais mapeamentos são nexos enrijecidos e atravancados, e pela escrita que desenvolvi, procurei em todo o texto fazer interlocuções com os delineamentos surgidos da prática cartográfica das artistas em questão.

O texto que escrevi se caracterizou por composições interrelacionadas, mas que em momentos alternados podem ser lidos de modo independente. Porém, pelas conexões rizomáticas apreendidas, é um conjunto, um uno de percepções globais e singulares e linhas de segmentaridade que buscam fortalecer as diferenças.

Deleuze e Guattari (1997a) apontam que a cartografia é um processo aberto, conectada a diversas linhas e dimensões, podendo a determinado momento, sem cronologia de tempo, ser desmontada, refeita e até se colocando como reversível aos indicadores que se mostram. O que procurei retratar, em todos os capítulos apresentados, corrobora um processo de investigação que “[...] pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagem de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social” (DELEUZE, GUATTARI, 1997a, p. 22).

A cartografia, minha e das artistas travestis que apresento aqui, teve suporte desses autores, incluindo, também, Suely Rolnik (2016), com base em quem pude compreender os processos estabelecidos, os diálogos que se formaram a partir da leitura de imagens em mídias sociais, da leitura de escritos compartilhados por elas e dos escritos que produzi, os poéticos principalmente, enfim, por afetações desencadeadas destes processos.

As interações obtidas pela cartografia me deram possibilidades de fazer reflexões abertas resultantes dos encontros com a arte, com a vida, com as atitudes, com os pensamentos das participantes, e me preencheram de olhares, sensações, percepções, reverberações éticas e estéticas sobre compartilhar experiências e saberes. Afinal,

O pesquisador é propriamente o lugar do cruzamento; como se fosse um espelho do objeto de estudo, o constrói como bricolagem, na melhor acepção do termo, no sentido que todo saber, mesmo o mais rigoroso, o mais fundamentado, é sempre uma bricolagem teórica [...] (LE BRETON, 2017, p. 92).

## **6.1 “Mas nós tamo aqui dominando o mundão, vrá, ninguém me dirige, nego, eu sou trans”: as artistas trans/travestis do interior que desterritorializam e reterritorializam o Sertão com sua arte!**

A escrita que faço nesse item me direciona a traçar um perfil pessoal, poético, sociocultural, artístico e corporal de quatro artistas trans/travestis, três da cidade de Arcoverde-PE e uma delas da cidade de Senhor do Bonfim-BA (esta última inserida durante o percurso cartográfico como explicado anteriormente), que se aproximam de minhas reflexões teóricas.

As artes da corpa que essas artistas qualificam experimenta outro modo de perfazer a subjetivação do ser, pois sua arte suscita uma dimensão abaladora da mistura que a arte trans proporciona. Sua corpa artista abre a vivência de uma corpa de possibilidades, é uma corpa que se atualiza em movimentos contínuos e diferenciados, nunca repetitivos. O cartografar dessas corpos me fazem entendê-las corpos vivas, existentes, que nelas a vida flui, se contextualiza.

Vi, em todas as produções cartografadas, a possibilidade de enaltecer a arte em sua potência, uma arte que conduz todes nós à descoberta de outros possíveis, à experiência de extrapolar limites e demonstrar o que se produz, de se concretizar nas bordas da transgressão, pela promoção de encontros e desencontros, nas experimentações da corpa, do lugar de sentir, do ser TRANS, do ser TRAVESTI.

Fotografia 42 - Aqui quem fala é uma TRA TRA  
TRAVA TERRORISTA - Renna Costa



Fonte: Costa (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

A TRANSARTIVISTA Renna Costa, se intitula trans como performatividade de gênero, trans como estado de trânsito entre diversas linguagens – teatro, performance, poesia, música, audiovisual, produção cultural e educação popular – trans como modo de acionar dispositivos de viver a coletividade - fortalecimento entre corpos que reexistem, traz o discurso de uma corpa travesti que reverbera arte trans/travesti.



**TRAVA TERRORISTA** (Renna Costa)<sup>64</sup>

o meu corpo... o meu corpo se desfaz na guerra cotidiana  
 enquanto berra  
 pede ajuda pra quem que fala te xingando, te olhando sem cara  
 numa sociedade que te afunda, numa sociedade que te desnuda  
 que quando criança da escola te expulsa porque tá no lugar errado  
 melhor se tornar mais macho, engrossar a voz e ter postura  
 menina com certeza não é, então há de ser macho de bravura  
 fecha os olhos criança viada enquanto a professora ri da tua cara  
 fecha os olhos criança viada enquanto a diretora ri da tua cara  
 fecha os olhos criança viada enquanto todo mundo  
 ri  
 da tua  
 cara!  
 já que em casa ninguém tem tempo pra tu  
 quer inventar depressão, arruma tuas coisas e vai pra rua  
 na rua, nua  
 na rua, suja,  
 na rua, crua,  
 na rua, e se eu fosse puta  
 já que 81% de nós se encontra nas esquinas  
 a maioria sem opção, quase por obrigação de sobrevivência à prostituição  
 enquanto isso...  
 na loja, no mercado, nas escolas, na universidade  
**NÃO HÁ VAGAS**  
 a nossa real visibilidade é ter empregabilidade  
 pra os meus hormônios tomar e chegar num corpo  
 em que talvez eu possa me encontrar  
 já que no SUS a gente é tratada como doença  
 é patologia, é aberração, é mutação que tá escrito no formulário que vai nos atender  
 e o nosso nome social nem faz questão de dizer!  
 É... a realidade é garganta profunda  
 se aceitar e ser aceita  
 mas eu não quero não, num binarismo me encaixar  
 eu estou muito mais além desse olhar  
 lutando todos os dias pruma cisnormatividade não me acurralar  
**SALVE AS MANAS FEMINISTAS!**  
 pelos meus pelos manter  
 como dizia Vulcânica PoKaRoPa  
 “se não gosta de pelo na cara paga minha “laser” bebê”  
 não sabe que pronome usar  
 me escuta, ouça, perceba como eu me auto refiro  
 aí tu pode dar esse passo sem constrangimento ter  
 gênero nada tem a ver com genital  
 e então, na moral qual é a tua curiosidade real  
 Pára! Basta!  
 do meu corpo fetichizar, do meu corpo exortificar  
 relaxa boy. a gente não quer te enganar  
 a gente só quer se manter viva  
 já que a cada 48 horas uma de nós é destruída  
 assim resistimos enquanto clandestinas  
 ocupando e desconstruindo gênero  
 aí eu te pergunto o que é ser cúir

<sup>64</sup> Ver o vídeo em: <https://youtu.be/JRog3FpHizw>

não se nasce mulher, torna-se travesti  
 enquanto cúir na teoria desfaz gênero, a travesti refaz na prática  
 na teoria morre o falo, exatamente, ele nunca existiu de fato  
 seja marginal, seja diva, aqui quem fala é uma  
 TRA TRA TRA TRAVA TERRORISTA!

Os atravessamentos, as sensações, as elocubrações, os incômodos, as identificações que são vividas por mim, nessa poética transgressora e real, encham-me de sentimentos variados, desde o orgulho de estar cartografando algo tão potente e significativo até a beleza que me invade diante de produções sensíveis da estética que flui naturalmente no existir de todes nós.

Assim, a artista em seu fazer artístico e ao confirmar a sua existência, articula outros artistas e produtores culturais para fomentar encontros a partir da arte, com o engajamento de uma corpa política “travesty”. Formada em licenciatura e bacharelado no curso de teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), atualmente colabora com diversas artistas e coletivos de Pernambuco como: Gabi Cavalcante (Arcoverde-PE), Coletivo Pantim (Triunfo-PE), Riso da Terra (Arcoverde-PE), Slam (Arcoverde-PE) e EcoSítio Catimbau (Buíque-PE) e cita:

Sou performer, atriz, trabalho com produção cultural, arte-educação. Venho do teatro, teatro de rua da intervenção urbana. Sou de Santa Catarina e faz 13 anos que estou em Pernambuco, e desde que vim pra cá, foi esse deslocamento territorial, geográfico, de estado né, mas foi também um deslocamento e um trânsito de gênero também, porque foi aqui em Pernambuco que Renna nasceu, de fato, e com isso, a necessidade de não só o meu corpo se expressar, mas também a minha voz ser colocada pra fora. Então, a partir disso eu senti a necessidade de escrever, de poetizar, de contar pra que também o discurso de um corpo travesti dentro da arte também consegue reverberar” (RENN, 2021).<sup>65</sup>

A artista, por essa apresentação, oferece a possibilidade de compreensão de sua trajetória, de seus deslocamentos geográficos e corporais, o nascimento de uma identificação já proeminente, que surge com a força de quem vive no sertão. Uma trans-forma-ção que muda de lugar, mas também muda a si, corporifica-se, a corpa travesti sertaneja que fomenta o discurso de possibilidades múltiplas de existência.

Em 25 de outubro de 2021, Renna Costa participou da mesa de aberturas do II Seminário Educação e Sensibilidades promovido pelo Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA). Referida mesa<sup>66</sup> foi intitulada “Corporeidades em Ação: Dança Ajô

<sup>65</sup> Transcrição de parte do show “Almério e Elas”, acontecido no Recife-PE, em 29/01/2021. Ver na íntegra em: <https://www.youtube.com/watch?v=U-1cIu3buec>

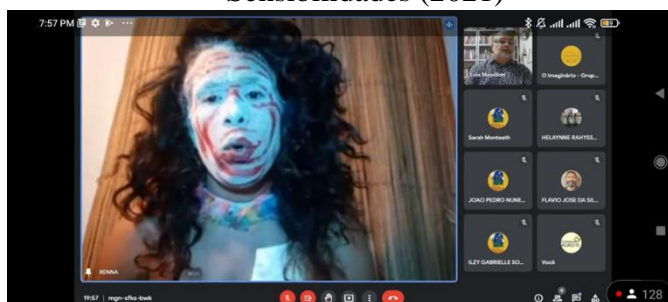
<sup>66</sup> Link para vídeo da abertura do II Seminário Educação e Sensibilidades: <https://youtu.be/pYr4ONIZhMk>

Nagô e Performatividade Travesti” e contou com a participação da Yalaxé Helaynne Sampaio Ulefun, que abordou a ideia de corpo terreiro.

A artista travesti trouxe em sua fala e sua performance reflexões sobre a noção de corpo território a partir de hibridismos e linguagens que não se “encaixam em caixinhas”. Arelada a tal ideia tece comentários sobre a “CerKa”, o arame farpado que representa símbolos da colonização, da propriedade privada que separa o corpo, território e corpo são separados, pelo isolamento social tão ampliado em tempos de pandemia.

A linguagem apresentada se complementa com sua performance que permite a todas as pessoas ouvintes se sentirem atravessadas pelo recado dado às estruturas de poder. Nas minhas sensações me sinto envolvido pelo sentir das restrições que a “cerka” nos impõe no campo afetivo e a possibilidade de enxergar a travestilidade associada à poesia, perpassada pelo lugar do autocuidado.

Figura 15 - Renna e o Corpo Território na Cerka -  
Performance no II Seminário Educação e  
Sensibilidades (2021)



Fonte: O Autor (2021).

Gabi Cavalcante/Benedita Arcoverde, natural de São Paulo-SP é artista visual-travesti-preta-sertaneja, performer, atriz, iniciou seus trabalhos na área de teatro em Arcoverde-PE, onde vive há mais de 15 anos, tendo atuado em diversos grupos e espetáculos da cidade. É integrante da coletiva de artistas visuais negras “TROVOA” em Pernambuco, Idealizadora/colaboradora da 1ª Mostra de Artes e Gênero “Caldeira - Mostra de Artes” (2017), que foi realizada em Arcoverde-PE e contou com a participação de algumas artistas e coletivas de Pernambuco, quanto à correalização.

Fotografia 43 - Gabi Cavalcante - Performance Solo para Benedita



Fonte: Arcoverde (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

*Solo para Benedita* (Gabi Cavalcante)<sup>67</sup>

O cheiro de sangue perpetua  
sobre um corpo mutilado, ferido.  
molestado por opressores  
que irem a fragilidade de Benedita.  
Eu ou você?  
A dor extrai da carne vermelha, traumatizada  
o medo da morte, tão comum...  
Dandara, Samantha, Gabi, Handara, Maria, Érica...  
Mulheres!  
Sagradas, Sangradas, Quebradas, Vítimas!  
Solo para Benedita  
É protesto, é carne, morte, ferida aberta.

O trabalho “Solo para Benedita” intensifica em mim a angústia provocada pela dor que sente a artista ao denunciar suas dores, algo que se infla como libertador e traz a performance, o provocar o mundo para as múltiplas possibilidades de ser em que as corpos transexuais/travestis se impõem como corpos criativos, inventivos e estetizantes. É sobre isso que Gabi ensina e me dá a condição de refinar meus aspectos cognitivos, afetivos e corporalizantes.

A artista Gabi Cavalcante também é a produtora/idealizadora da festa *underground* ‘Shock de Monstrxs’ que acontece desde 2018 em Arcoverde-PE, surgindo como um espaço seguro e significativo para performances LGBTQIAP+ e, também, idealizadora junto à coletiva “FAVELA LGBTQIA+” do Ibura, em Recife-PE, promotora do “1º Encontro Jacinta de Arte e Guerra”, que aconteceu em 2021 no mês da visibilidade Trans.

<sup>67</sup> Ver a performance apresentada na exposição coletiva “entremoveres” da Trovoa em PE (2015): <https://youtu.be/JRog3FpHizw>



A artista tem desenvolvido os seus trabalhos a partir de questões que estão relacionadas a gênero e à periferia.

**Benedita – Ben-dita Preta da Periferia**  
(Benedita Arcoverde, 2017)

"Sou Benedita,  
mulher antiga na dor,  
maestra do sagrado feminino  
que pulsa em minhas veias.  
Vou armada, nunca rendida,  
e bendita sou entre vós"

Irla Carrie é artista da literatura da corpa. Atriz, dançarina, poeta-escritora, professora de danças populares, pesquisadora sobre a linguagem corporal e tudo que envolva movimento. Natural da cidade de Arcoverde-PE, começa a escrever aos 13 anos de idade como processo expurgatório e terapêutico diante da timidez. Seu interesse pela literatura e o mundo das artes começou um pouco antes, através da influência de Josivaldo da Silva ou simplesmente “Tio Jô”, dançarino de profissão que fez parte do Grupo de Dança Urukungo, também de Arcoverde, e que sempre lhe estimulou a ler e sentir o mundo, por meio da escrita e da dança.

Logo cedo fez Escola de Artes na Associação Estação da Cultura de Arcoverde-PE e nunca mais parou. Em 2011, através do trabalho de pesquisa dos formandos do curso de licenciatura em Letras do Centro de Ensino Superior de Arcoverde – CESA, teve organizado e editado seu primeiro livro “Um Registro tão Só”, o qual traz textos em prosa de temas variados. Participou de grupos de estudos, seminários, oficinas, cursos e workshops, destacando o Curso Formação do Intérprete-pesquisador pela ACUPE (Grupo de Dança “Na ponta do pé”, em 2013), e o Projeto de Residência Artística “Do Sertão ao Marco Zero”, com a Companhia de Dança Deborah Colker.

Fotografia 44 - Irla Carrie - A Cartomante em Cena  
no Sertão



Fonte: Carrie (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

A artista também fez parte do Projeto Conexões - Mapeamento e Catalogação de Escritores do Laboratório de Autoria Literária José Rabelo de Vasconcelos, do SESC/Arcoverde e, atualmente, empreende seu tempo na qualidade de professora, dançarina e aluna do bacharelado em Educação Física na UNIPLAN/Arcoverde-PE.

*A TAL JUSTIÇA* (Irla Carrie)

A justiça não mora no meu tanque!  
 A tal justiça corrompe, mata e violenta corpos como o meu!  
 A senhora justiça me mata de pauladas, asfixia... Arranca o coração!  
 Me despedaça; e mesmo assim a culpa é sempre da vítima, ela que pediu.  
 A tal justiça fede, mente e violenta mulheres como Eu.  
 Expectativa de vida 35 anos e 91% por cento ESTAO na prostituição!  
 Por que será hein?  
 O sistema não te dá trabalho, o sistema te silencia, e te come na madrugada.  
 A justiça é genocida, transfóbica, racista e machista!  
 Ele é o demônio revestido de "Bom" moço.  
 Mesmo diante de tanto sangue derramado se tem a maldade e audácia de se falar  
 que queremos privilégio, viver na minha pela ninguém quer!  
 Marchar eu não vou, e muito menos perto da polícia...  
 Não me venha pedir calma, não me venha pedir nada!  
 A justiça mora na televisão! Ela é branca, pálida.  
 Esse sistema é uma metralhadora apontada no endereço certo, não existe bala perdida!  
 Estou farta, exausta de ser paciente...  
 Eu juro meu Deus que a vontade que tenho é tocar fogo em TUDO!  
 Sair matando esse fascismo, esse pau branco e falocêntrico.  
 Mas, a paz não deixa; A paz segura a minha mão?  
 Quem vai trazer as minhas irmãs hein?  
 Marielle, Matheusa, Dandara, Demétrio.  
 Quantas de nós será mais uma estatística hein!?  
 Quer saber madame, essa cisnormatividade, esse padrão imposto é um vírus.  
 Não irei me calar, pois meus ancestrais estão comigo,  
 e a força da minha comunidade resistirá séculos por séculos,  
 mesmo que eu vá, as batucadas ressonarão toda minha celebração e resistência.  
 PRESENTE!

A quarta participante da cartografia é Núbia Kalumbí, estudante de licenciatura em teatro, na cidade de Senhor do Bonfim, Bahia. A entrada de Núbia no processo cartográfico se deu pela sugestão da banca de qualificação de modo que pudéssemos contemplar artista ainda em processo de consolidação de sua carreira, em seus primeiros passos na via artística e na própria transição, um trânsito da travestilidade adormecida, porém pulsante e incitada a se desabrochar.

Abaixo transcrevo a escrita de Núbia quando lhe solicitei que me descrevesse quem é Núbia, qual a sua trajetória de vida, como se deu/está se dando sua transição, ou seja, uma apresentação de sua subjetividade:

*Acredito que ser Núbia sempre foi o meu maior projeto* (Núbia Kalumbi)

Desde que me entendo por gente me sinto deslocada do mundo, meio que tinha a necessidade de pertencer a algo, pois de algum modo esse sentimento de estar em diáspora esteve latente dentro de mim por muitos anos, só não conseguia nominar o que sentia. Então o meu trajeto de vida foi atravessado pela religião católica e essa instituição esteve durante toda minha infância e início da adolescência, eu sempre fui feminina me comportava de um modo que em nada lembrava um menino, e essa feminilidade em mim foi podada de modo muito violento, criando em mim uma batalha contra ela.

Com a chegada dos meus 17 anos e inquietada pelo que o teatro vinha me proporcionando, corto esse elo religioso e começo a me dedicar ao teatro e a minha primeira graduação em Artes visuais pela UNIVASF - campus Juazeiro (só cursei 1 semestre e meio), logo depois aos 18 anos sou aprovada para compor o primeiro curso de licenciatura em teatro da UNEB em Senhor do Bonfim. Aqui muita coisa começa a mudar pois além de ser dona da minha própria vida, encontro outras duas travestis negras: Oraci e Luana, com as quais monto um espetáculo chamado “Ismus” nesse processo com textos autorais sinto que consigo dizer ao mundo com muita visceralidade, Dandara (minha personagem) em essência dizia tudo que eu queria dizer pro mundo, eu ousou dizer que ela foi o início da minha transição.

Ali em 2018, ela me mostrou a imagem completa, mas eu me recusei a ver naquele momento. Afinal, é preciso ter muita coragem para ser Travesti, para enfrentar uma sociedade construída em cima de mitologias mentirosas e se erguer como aquela que renasce enfrentando os vários “nãos” que recebemos desde emprego, acesso a saúde pública de modo respeitoso, o direito de ir e vir com qualidade e até mesmo o afeto. Foi então que ao fugir da imagem que Dandara tinha me acionado, voltei mais forte ao sentimento de não pertencer e isso se agravou agora na pandemia, onde as perguntas voltaram a me consumir viva, nenhuma outra identidade, nomenclatura ou nome que eu assumi para fugir dava conta, precisava encarar com a pergunta: O que eu sou?

E nesse mergulho profundo no mar, sem nenhuma garantia, além de chegar o termo, sim pois de fato já era, o que chegou mesmo foi o termo e a partir desse novo movimento o encontro com meu nome.

Nomear é um processo tão difícil, queria que fosse com o máximo de honestidade possível para comigo mesma. Precisava ter uma raiz africana nesse processo de renascer, visto que sou Preta e que esse é o meu maior orgulho, me encontro (e foi um encontro mesmo) com o antigo território africano muito anterior a colonização chamado de Núbia, que em um dos significados do nome se dá por “terra do ouro”, entendi que era essa o nome, que carregava consigo todo o peso de uma história não colonial sobre os países africanos e ao mesmo passo curto e forte.

Resumindo a narrativa estou num processo de terapia hormonal há 3 meses com acompanhamento de um endócrino, em relação a família: minha mãe é a única parente que aceita abertamente minha transição, meu pai cortou relações definitivas comigo e acredito que a arte foi um dos primeiros lugares que me abriu a possibilidade de enxergar meu corpo como maior e desencadeou em mim a necessidade de viver a possibilidade.

Fotografia 45 - Núbia sempre foi meu projeto -  
Núbia Kalumbí



Fonte: Kalumbí (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Entender os processos pelos quais Núbia trans-passa me coloca na condição de absorção dos processos que as artistas precisam para se organizar primeiramente quanto à sua subjetivação, em seguida no que se refere às suas atividades de sobrevivência buscando equilibrar ações de estudo, transição corpórea, aceitação e cuidado de si, trabalhos de criação, trabalhos de sobrevivência e expressões da sua arte.

Os devires do processo cartográfico de Núbia se assentam na previsão inicial que eu tinha de sentir, perceber, inundar-me das percepções de uma analogia com as outras artistas quanto à produção artística, visibilização na mídia, abertura a novos processos de configurações de linhas desterritorializantes e experiências estéticas.

A partir das produções das referidas artistas busquei, então, meios de cartografar os processos em que a arte fosse com-partilhada como uma forma de produção de conhecimentos, saberes e contestação. De modo que pudesse realçar interlocuções das mesmas com a corpa, com a poeticidade, com a transgressão, com o ato político e transformador, suscitar a autonomia de uma prática des-alienada da cultura massificante e ordenada.

Desejei intensamente com essa escrita poder des-ordenar, des-mistificar, des-articular, des-regular, des-construir, **Demolir Exclusões do Ser – DEStrancar, DEStravar** a possibilidade de ser do ser TRANS, do ser TRAVA.

Percebo pela interação das quatro artistas, como os atos performativos extravasados nas corpos, nas palavras, nas escritas, nas intenções, também apresentam-se em uma dimensão estética que perfaz a hibridização de linguagens e diz, em uma territorialidade vista como inacessível, a sua força, a sua potência, a re-existência. O trajeto de seus desejos e verdades se manifestam por meio de suas corporeidades.

Renna Costa, Gabi Cavalcante e Irla Carrie estiveram juntas na produção “Lamento de Força Travesti”<sup>68</sup>, dirigida e produzida por Renna Costa com argumentação em conjunto com Gabi Cavalcante. Um clipe onde as artistas mostram sua força e o lamento da condição de mulheres travestis no Brasil.

Fotografia 46 - Clipe “Lamento de Força Travesti” (2021) I



Fonte: Costa (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Fotografia 47 - Clipe “Lamento de Força Travesti” (2021) II



Fonte: Costa (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

<sup>68</sup> Ver o vídeo em: <https://youtu.be/13qrtilLoy4>



Fotografia 48 - Clipe “Lamento de Força Travesti” (2021) III



Fonte: Costa (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Fotografia 49 - Clipe “Lamento de Força Travesti” (2021) IV



Fonte: Costa (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

### ***Introdução*** (Voz: Renna Costa)

Entre cruzeiros e orifícios  
 Eu peço  
 Que seja leve concerne  
 Em carne  
 Aquilo ainda não dito  
 Amais umas às outras como eu vos amei  
 Ame-o e deixo-o  
 Qualquer resquício de um passado  
 Incerto direto  
 Caminhos abertos e corpo fechado  
 Proteção ao meu lado  
 Eu peço  
 AMEM

### ***letra música*** (Renna Costa e Benedita Arcoverde)

Todos os dias uma travesti é morta  
 Quem disse que a vida importa  
 Quando se é  
 Eu sou mulher  
 Enuncio de voz grossa  
 Que tá viva é minha resposta  
 Pro teu malmequer  
 Ontem a noite ela chorou mais uma vez  
 Vendo a notícia essa semana foram três  
 Puxada e arrastada no meio da tarde  
 Chutada e torturada mas não teve alarde  
 Me invade os sonhos

Rouba minha história  
 Corpo marcado  
 Em sangue a trajetória  
 E tem momentos onde tudo o que eu sinto  
 É saber que eu tô no lucro se passar dos 35  
 O sonho dela é viver bem velha  
 E cantar bem alto  
 Fazendo surgir  
 Toda beleza que na vida impera  
 No corpo marcado de uma travesti

A última inserção nos caminhos cartográficos desta pesquisa se deu nos dias 23 a 26 de novembro de 2021, em Arcoverde, por meio do 8º Recifest – Festival de Cinema da Diversidade Sexual e de Gênero, onde o vídeo-curta-clipe “Lamento de Força Travesti” foi exibido pela primeira vez de forma presencial em Arcoverde.

Figura 16 - 8º Recifest em Arcoverde-PE - Apresentação do curta-vídeo-clipe Lamento de Força Travesti



Fonte: RECIFEST (2021).

Renna após a apresentação de seu trabalho audiovisual, ao lado de outras artistas travestis que participaram do vídeo, comentou que:

“Então, a gente cria esse universo, nesse outro espaço-tempo com essas travestis cangaceiras nesse agreste futurista em que criam seu próprio reduto, que criam sua própria comunidade de resistência, de autonomia pela terra, a gente também traz muito forte essa questão da luta pela terra, da agricultura ancestral”.

A sensação obtida por essa vivência me transpassa de sentimentos, sobretudo de orgulho, de pertencimento ao fluir da dimensão corporificada e emancipada do ser travesti. Estar em um festival, aliás, vários, pois desde o lançamento, em fevereiro de 2021, já são participações em torno de dez festivais, em alguns deles com premiações e menções que ampliam cada vez mais o reconhecimento dessas corpos. Isso me contempla e enche de alegria ao poder viver tal ação e de cartografar, por esse trabalho, a corpa que se presentifica na arte.

Fotografia 50 - Renna e artistas travestis falam sobre o clipe no 8º Recifest



Fonte: O Autor (2021).

Fotografia 51 - O Autor e Renna Costa no 8º Recifest em Arcoverde



Fonte: O Autor (2021).

## 6.2 “Sou nega, sou negro e não negue que um nigga te surpreende quando se permite transcender”: cartografias remotas, midiáticas e pandêmicas, vamos transcender!

A pandemia ocasionada pelo Coronavírus (COVID-19) trouxe muitos infortúnios à população mundial, dentre eles o isolamento social, cuidados higiênicos excessivos, crise econômica-desemprego, aumento da pobreza, da exclusão social etc. Em relação às pessoas Transexuais/Travestis não seria nada diferente, se elas já não fossem naturalmente isoladas socialmente, lutassem cotidianamente por sua sobrevivência e buscassem acesso ao emprego formal.

E como para muitas artistas transexuais/travestis a válvula de escape é a arte, com os períodos de isolamento, qualquer atividade que aglomere pessoas ou até mesmo expresse a



prática de atividades culturais estaria indo contra as determinações da ciência. No entanto, o Brasil, com o atual (des)governo, ineficaz na elaboração de medidas de combate à pandemia, suas ações vão no sentido contrário às adotadas por outros países e órgãos de saúde.

A população transexual/travesti está cada vez mais afastada da produção econômica, em situação maior de vulnerabilidade, distante da expressão de sua subjetividade, de sua formação acadêmica e simples sobrevivência. Porém, como toda/o artista que faz uso da criatividade, algumas (porque infelizmente a grande maioria sofre com diversas necessidades!) têm criado possibilidades alternativas de superação, promovendo ações em conjunto, fazendo uso de mídias e até mesmo, produzindo artisticamente performances de enfrentamento e transgressão.

Ao pensar em procedimentos para tornar exequível a metodologia que propus, o método cartográfico, que por definição se idealiza como acompanhamento de processos, acesso a territórios e vivências que promovam o encontro, parecia ser difícil a implementação de tal metodologia. Contudo, pelo menos, em relação às participantes da pesquisa, elas continuam ativas, perfazendo maciçamente produções artísticas via redes sociais.

Assim, houve uma confluência que me direcionou a permear a vivência e o encontro com tais artistas via mídias sociais e aplicativos de comunicação, tornando viável a proposição de debates sobre temáticas do mundo trans/travesti-artes-vida-subjetivações uma das estratégias de catalogação de informações.

Também, foi plausível o acompanhamento das produções postadas nas redes sociais, especificamente o *Instagram*, além de *blogs* e outras comunidades virtuais às quais as participantes estão envolvidas. O processo cartográfico me permitiu organizar as análises e reflexões sobre as postagens das mesmas em suas redes e que promovesse diálogos em que os afetos prevalecessem e edificassem a pesquisa.

Almejei, dessa forma, chegar a algum lugar que, já expresso ao longo do trabalho, estava pertinente à cartografia, no qual o meu olhar se desenrolasse e evidenciasse o que encontrei pelo caminho, as possibilidades surgidas. que, por intermédio de uma atenção flutuante, me permitisse a sentir, vivenciar, inebriar-me das multiplicidades e processualidades inerentes ao cartografar, surgindo em mim um cartógrafo. Sobre ser cartógrafo, Rolnik comenta:

**O que ele quer é participar, embarcar na constituição de territórios existenciais, constituição de realidade.** Implicitamente, é óbvio que, pelo menos em seus momentos mais felizes, ele não teme o movimento. Deixa seu corpo vibrar todas as frequências possíveis e fica inventando posições a partir das quais essas vibrações encontrem sons, canais de passagem, carona para a *existencialização*. **Ele aceita a vida e se entrega. De corpo-e-língua** (2016, p. 66, grifos da autora).

O trabalho de cartografia, que realizei, teve como uma das atividades cruciais o registro dos encontros, dos movimentos, das intensidades, das coerências e incoerências do fazer cartográfico, formatando um diário de bordo ao qual todas as impressões, todos os sentires, todos os afetos, todas as sensações, todas as interrogações, todas as visualizações fossem descritas e registradas a fim de serem disparadores para a construção textual dessa experiência.

Em um primeiro contato de aproximação com as partícipes da pesquisa obtive noções iniciais de registro, a partir das falas delas, quando cada uma expressou suas impressões, seus sentires a respeito da ideia cartográfica. Irla Carrie se mostrou receptiva, dizendo estar feliz em compartilhar suas produções, causando em mim sensações e transversalidades poéticas e corporais, onde ela me convidou para ser participante de suas aulas de zumba, cativando-me no processo cartográfico do vir-a-ser de meu corpo dançante.

Gabi Cavalcante, “Benedita Arcoverde”, falou inicialmente de disposições e dispositivos para envolver-se com o que seja o cartografar, enfatizando sua trajetória travesti negra periférica, numa condição antirracista e de luta de resistência e superação de conflitos, diante da subalternização de sua corpa, manifestadamente transgressora e política.

Renna Costa, ao saber do processo cartográfico, me apresentou os seus deslocamentos, de Santa Catarina, onde nasceu, para Pernambuco, onde se transforma, “Rennasceu”, resiste e performa sua corpa, além do deslocamento transicional de gênero. A artista enfatiza a importância de um estudo não pautado em bases teóricas eurocêntricas e limitadoras, de cartografarmos a produção com poesia, desejos e afetos de nossa gente.

Apresento, então, as anotações do diário de bordo, as produções acompanhadas no período de pesquisa de campo que se deu entre os meses de junho e novembro de 2021, onde procurei prestar atenção às movimentações dadas pelas artistas, sempre levando em consideração o momento pandêmico, de modo que percebi as diferenças e a qualidade das ações, das corpas, das pessoas, das situações envolvidas no processo cartográfico.

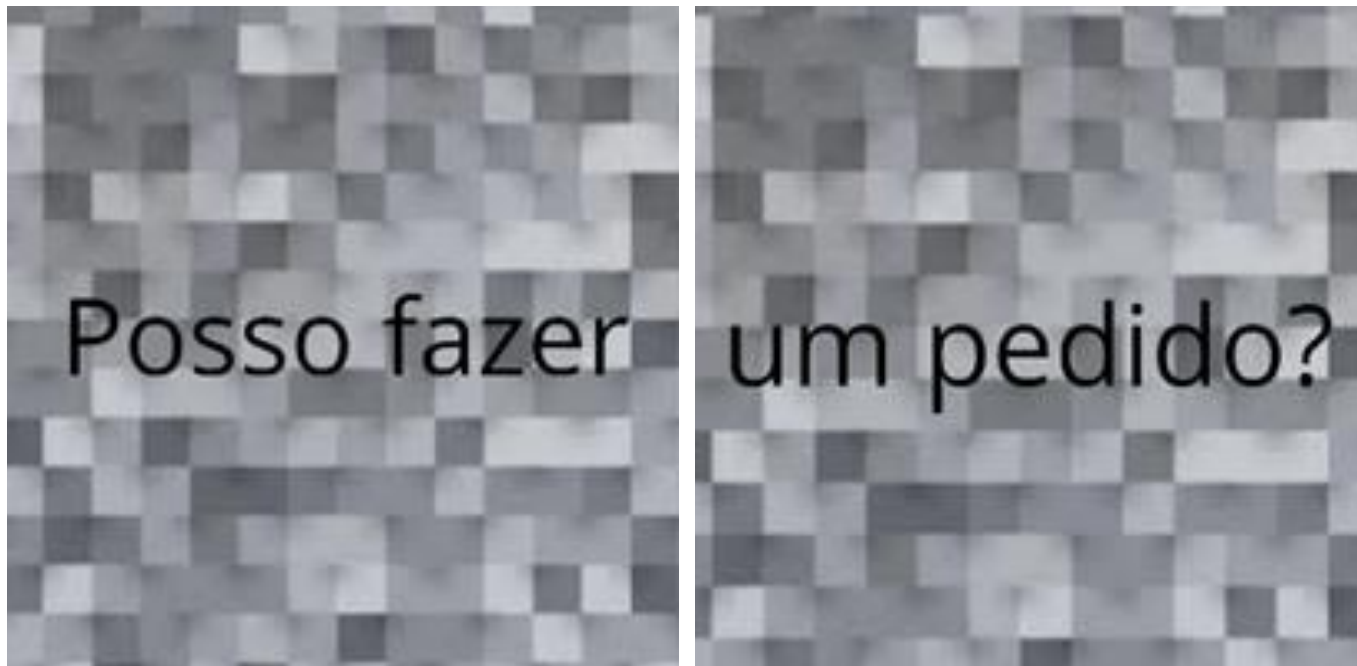
Proponho como análise a apresentação das intercorrências vivenciadas e experienciadas, aquilo que elas postavam em suas redes e propiciavam caminhos interpretativos das escolhas, dos afetos, das perspectivas que estavam relacionadas com seus mundos e seus movimentos. Apresento as vivências (en)corpadas pelas participantes em ordem alfabética de seus nomes.

**Gabi Cavalcante**  
**“Benedita Arcoverde”**

**$\frac{12}{08}$**

*Vídeo-poesia – Vídeo experimental “Posso fazer um pedido?”*

Figura 17 - Posso fazer um pedido?



Fonte: Arcoverde (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

A poesia está descrita e comentada na página 105.

**$\frac{18}{08}$**

*Vivência de passagem como yawó no candomblé.*

Fotografia 52 - Festa de passagem de yawó



Fonte: Arcoverde (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

***Fon de Yemanjá Ogunté (Gabi)***

Talvez eu nunca encontre palavras pra descrever o meu renascimento no candomblé, nesse momento eu só consigo pensar que apesar de tudo, eu estou VIVA, PULSANDO, VIBRANDO, AMANDO...

Esse foi o maior feito de minha vida, a ancestralidade é viva, eu sou ancestral, pessoas pretas são ancestrais de sua estrada, de seus caminhos.

Em me carrego todas as que nos foram arrancadas, todos os espinhos, toda arma, toda paz, todo ódio e todo amor.

Meu arsenal é carne, e minha carne é preta.

Eruyá mi, Yemanjá!!

Filha de Yemanjá Ogunté!!

**24**  
**08**

***Processos da passagem como yawó.***

Fotografia 53 - Processo de passagem no candomblé



Fonte: Arcoverde (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

**26**  
**08**

Nesta data artista apresenta trabalhos de fotoperformance desenvolvidas a partir do curso “corpa registro” que vem a ser um espaço de pensamento e criação sobre as artes performativas. Foi um projeto contemplado pelo edital LAB-PE 2021.

Figura 18 – Sem título



Fonte: Arcoverde (2021).  
 Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Figura 19 – Não vou mentir pra morrer branca



Fonte: Arcoverde (2021).  
 Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Figura 20 - Experimento de colagem digital



Fonte: Arcoverde (2021).  
 Nota: A partir das redes sociais da Artista.



**25**  
**09**

***Foto-performance – Estratégia de sobrevivência.***

Fotografia 54 - "Vou armada, nunca rendida"



Fonte: Arcoverde (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

**16**  
**11**

***Oração.***

Figura 21 - Oração

Que seja destruída a sua vontade, macho.  
Por todas nós, exterminada pelo  
patriarcado, eu peço que seja feita a  
vontade das que não mais choram, das  
que tem afeto, das afetadas, das que  
curam esse mundo cruel.  
Que minha mandinga seja a minha  
libertação, que minha macumba seja meu  
alimento.  
Que tua carne, macho, seja servida em  
meu banquete, que de teus ossos eu  
possa construir as minhas armas, e com  
elas me defender de tuas maldades.  
Que tua maldade caia por terra e que  
minha bondade te mate.

Amem!

Fonte: Arcoverde (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Analiso as imagens de Gabi-Benedita como uma cartografia em que a corpa se transforma por meio de uma expressão sensível, que se refaz a cada nova experimentação. Performatiza, principalmente, o aspecto transgressor em suas figurações estético-gestuais. As fotoperformances, as palavras, os gestos, as emoções transpassadas evocam em mim afetações e contemplações que fazem de minha investigação pontos de desvelamento dos saberes produzidos por ela de forma rizomática. Vejo na artista a força e a singularidade que podem proporcionar às corporeidades transexuais/travestis simbolizarem a plenitude da diversidade humana.

**Irla Carrie**

**12  
06**

***Live “Recordação do Ciclo Junino” com o colega professor de dança Heide Herbert***

Figura 22 - Irla - Bate-Papo e dança



Fonte: Carrie (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Nesta live es artistas realizaram um bate-papo sobre a dança e o São João, rememoram festas juninas antes da pandemia. Segundo Irla um bom papo para fazer celebrar nossas manifestações culturais e populares.



**16**  
**06**

*Live “Dança na quarentena: dicas e estratégias” com professores Irla Carrie, Ayanne Veras e Jonatham Barreto.*

Figura 23 - Irla - Live dança na quarentena



Fonte: Carrie (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Nesta *live* a artista convidou pessoas para um grande encontro de saberes e informações necessárias sobre dança na pandemia.

**14**  
**08**

### *Fotoperformance*

Fotografia 55 - Irla - Sem tabus e sem totens



Fonte: Carrie (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Fotografia 56 - Irla - Dentro de mim, existem eus em Deusas



Fonte: Carrie (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

**31**  
**08**

*Na academia, saudades que fazem voltar...*

Fotografia 57 - Irla - Saudades de ver meu mundo de cabeça pra baixo



Fonte: Carrie (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

**21**  
**11**

*Roda de Conversa com a Professora Alba Chalegre*

Figura 24 - Irla - Violência: depois do caos a cura



Fonte: Carrie (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Irla, neste diálogo com a temática “Violência contra mulheres trans: um recorte social, afetivo e inclusivo”, proporciona, junto à mediadora e o público, momentos de reflexões, partilhas e aprendizados. Acompanhar os processos de Irla me fez perceber que, constantemente, existem ressonâncias de falas espontâneas que parecem partir de minha experiência. As imagens transmitem uma sensibilidade da alma cotidiana em que vejo que (a)dentrar em universos significativos da vida dela.

Irla demonstra em suas práticas a paixão pela dança e pela educação física. Ela se volta para o ensino da autonomia da corpa com a beleza do gesto e a elegância do movimento corporal. Percebo tais aspectos com base na organização do seu olhar e do uso contínuo e simultâneo de todos os sentidos, pois sua trans-formação se completa pela possibilidade de contribuir com a liberdade de corpas que ela tem conseguido evidenciar com a sua corpa.

**Núbia Kalumbí**

**29**  
**06**

***Fotoexperiência: árvore espinhosa que cresce em busca do sol.***

Fotografia 58 - Núbia - Vida longa  
Kalumbí



Fonte: Kalumbí (2021).  
Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Núbia escreve: “Um giro de 361° graus do sol em torno de mim, levando luz e noite, onde se retorna a data do primeiro suspiro, não se é a mesma, como em água corrente. Que sua terra possa estar fértil, vida em abundância, choros e sorrisos misturados com uma tarde de sábado. Que os ancestrais protejam teu ara e teu orí. Vida longa, Kalumbí ☀️”.

**13**  
**07**

***Fotoexperiência: o Axé.***

Fotografia 59 - Núbia - Sim, sim. Axé



Fonte: Kalumbí (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

**11**  
**08**

***Fotoexperiência: a Beleza travesty.***

Fotografia 60 - Núbia - A beleza travesty é toda nossa amor



Fonte: Kalumbí (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.



**11**  
**09*****Vídeo-vivência: a Benção.***

Fotografia 61 - Núbia - A benção



Fonte: Kalumbí (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Núbia comenta essa vivência: “Confiança para a verdade, onde você bate seu orí no chão, é lugar de vulnerabilidade e afirmação... Você pode chamar de casa. Retorno. Eu prometi que ia voltar”.

**31**  
**09*****Foto performance: tranças.***Fotografia 62 - Núbia -  
Entrelaçando tranças da travesty

Fonte: Kalumbí (2021).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Núbia me traz a sensação de um oráculo que mostra as exigências que temos que seguir ao se pensar em cartografias que parecem não exigir abertamente o que se observa, mas que, em seus procedimentos, me pede atenção ao que essa artista nos indica com sua corpa, com seus processos. Ela está sempre me convidando, remotamente, a refletir profundamente a partir de suas imagens, suas falas e seus dizeres. O que me direciona a ser eu mesmo pela experiência que ela nos perpassa, uma abertura infinita da imensidão de possibilidades que a corpa de Núbia pode alcançar e o caminho que ao lhe cartografar o meu corpo pode se tornar.

Portanto, a cartografia delineada me possibilitou averiguar como a arte produzida por essas artistas ressignifica suas existências. Elas fazem uso de meios e ferramentas pedagógicas em que as corpas se encontram em posições de performar no real, gerando atos políticos de existências e resistências. Assinalei em todo o percurso deste estudo transformações e apreensões que demonstram resistências somadas com libertação e conjecturei a ideia de fomentar cada vez mais as artes que nos representam e que de forma subversiva possam abalar as bases da sociedade pós-contemporânea.

E, ainda, saliento que por meio dos atravessamentos cartográficos a que fui submetido, propus-me a escrever um projeto para o LAB-PE 2021 (Lei Aldir Blanc – Pernambuco) a fim de materializar junto às artistas um produto que contemplasse as figurações estético-gestuais delas, transparecendo mais ainda os seus saberes, suas poeticidades e transgressões. O Projeto intitulado “Diálogos – Ser TRAVA no SER-TÃO Transgressora” se constituiu da gravação de um curta-documentário em que as mesmas trazem a realidade de ser trava no ser-tão, retratando as implicações políticas, sociais, emocionais da travestilidade, suas lutas e enfrentamentos, as conquistas, os ganhos adquiridos pela arte que permeia a ação delas. O Vídeo encontra-se disponível no You Tube Canal Projeto Café em Cena.

E, em um segundo momento, com transmissão via *Youtube* - canal Projeto Café em Cena, uma roda de diálogos sobre a experiência sentida com o minidocumentário, relatos de trajetórias de vidas delas e apresentação do vídeo. Essa ação contempla, além da divulgação de suas vidas e trabalho artístico, ganhos financeiros com cachês pela participação de cada uma delas no projeto. A ação ocorreu entre os meses de dezembro de 2021 e fevereiro de 2022.

Enfim, muito ocorreu em poder cartografar a mim e às artistas transexuais/travestis, me permiti olhar para o que estava se construindo, se processando, se vivenciando, se permeando, se entrelaçando, se cartografando entre nós. Refleti, intensamente, sobre os sentires e os atravessamentos que essa pesquisa tem me proporcionado. As percepções advindas me transformaram, pois pude me autoanalisar pelo olhar, pela gestualidade, pela estética, pelos sentimentos, afetos e saberes poéticos e transgressores de todas as pessoas (as artistas, o

orientador, as minhas amigas, os meus amigos, amigues, minha família, minhas alunas, meus alunos, alunes) que navegaram comigo nessa derivação oceânica. Muitas corpas, muitos corpos, corpes intensives, que foram enseadas, portos, ilhas, baías, desembocaduras, mangues, oceanos, mares...

### Renna Costa

Como a artista é a que mais se movimenta nas produções e ativamente se move com expressões de sua corpa, apresento um quadro que inclui a data da produção, a imagem e a descrição. Evidentemente que selecionamos as que traduzem mais vivamente suas figurações estético-gestuais.

Quadro 1 - Cartografia de Renna Costa

DATA	IMAGEM	DESCRIÇÃO
<u>21</u> 06		Primeira edição da CORPO À MOSTRA traz a temática Babado, confusão e gritaria: corpos dissidentes entre o ativismo e as trincheiras sociais. "Lamento de Força Travesti" é um dos três filmes selecionados da mostra, que busca possibilitar reflexões sobre os corpos enquanto espaços demarcados por territorialidades que se desdobram nas discussões de gêneros, sexualidades, desconstruções de processos identitários e seus respectivos desdobramentos potentes, poéticos e políticos.



23  
06





Imaginando novas possibilidades de mundo através da criação de artistas contemporâneos, de 23 até o próximo dia 27 de junho a primeira edição do @fiar.rio – Festival Internacional de Artes do Rio. São mais de 51 artistas da América Latina em duas mostras não competitivas de artes integradas – Pílulas de Confinamento e Visualidades para um Novo Mundo. E é nesta última, que "Lamento de Força Travesti" integra a programação. O festival marcado pela diversidade, apresenta 24 projetos artísticos multidisciplinares que apostam no potencial de incentivo da arte como forma de discutir, questionar e imaginar realidades alternativas.

16  
07



Na próxima terça-feira volto à ilha desterrada (de maneira virtual!) para ministrar a oficina "A Poesia em Cena" junto ao @clubedeescritaifsc

A oficina propõe trazer a construção da poesia a partir da ideia de um corpo-manifesto, onde imagens autorais, retratos e fotos de arquivo pessoal das participantes sejam o mote para a criação da escrita. Agradeço a parceira @pantalenaleal pelo convite.

<p><u>16</u> 07</p>		<p>"Ontem a noite ela chorou mais uma vez Vendo a notícia essa semana foram três Puxada e arrastada no meio da tarde Chutada e torturada, mas não teve alarde". Súcia, Kalyndra, Pérola, Fabiana... Roberta em estado grave na UTI! <b>ATÉ QUANDO? PAREM DE NOS MATAR!</b> <b>MAIS DO QUE SOBREVIVÊNCIA, É SOBRE URGÊNCIA!</b> repost @antra.oficial E mesmo assim, continuamos vendo a ausência de ações por parte dos estados e municípios a fim de enfrentar a violência transfóbica que já vem sendo denunciada há alguns anos.</p>
<p><u>17</u> 07</p>		<p><b>CERKA</b></p> <p>A cerca priva. A cerca separa. A cerca isola. A cerca mata. Corpo travesti enquanto território. Direitos negados, corpos privados de afetos, de amores, objetificados. Quais são as cercas invisíveis que isolam nossas corpos?</p>

17  
08



Se o barro foi para Deus a matéria prima para criação do homem. Eu recrio em mim a minha própria OBRA, enquanto criadora e criatura.

11  
09



Começa hoje o @festivalentretodos. Nosso "Lamento de Força Travesti" está participando da sessão "choque: comunidades em luta" da Mostra Competitiva! Divididos em 9 sessões, os filmes abordam temas como povos originários, direitos à liberdade, meio ambiente, trabalho precarizado e outros temas relacionados aos direitos humanos. E na categoria Competitiva há o voto do Júri Popular, ou seja, você também pode escolher o seu filme favorito!



23  
09



Último final de semana na imersão da Oficina de Alimentação Viva com a maravilhosa Vanda Kapinawá & sua cozinha ancestral da @regandoalimentacao. O que realmente nos alimenta? Estamos ingerindo (e não é de hoje) cada vez mais plásticos, comidas transgênicas, cheias de venenos que nos intoxicam (em corpo e mente). E não alimentos que da terra brotam, vivos, e que nos nutrem de verdade, nos movem a agir. Estamos anestesiados. É sempre bom (re)lembrar que nós somos o que nós comemos. A prevenção de qualquer doença se dá a partir da nossa alimentação. Se estamos doentes hoje enquanto humanidade, não é muito difícil chegar à uma conclusão. E pra isso reaprender a nos relacionar com a terra, com a biodiversidade que possui o reino vegetal, gerando a nossa própria autonomia enquanto indivíduos. Salve Vandinha e sua generosidade em compartilhar seus saberes! Salve à todas agricultoras y agricultores! Salve ao povo da ciência sagrada que mantém seus conhecimentos ancestrais ainda vivos! Salve ao povo Kapinawá e todos os povos indígenas e quilombolas que lutam y resistem há mais de 511 anos! Salve aos encantados!

<p><u>12</u> 10</p>		<p>Às vezes eu penso que a vida adulta se resume em "superar os traumas causados na infância." Que possamos ouvir o que as nossas crianças estão querendo falar, propor &amp; viver, mais do que ficar ditando o que é certo ou errado. Que os sonhos da nossa infância sejam possíveis, e que nossas crianças possam sorrir mais!</p> <p><b>CRIANÇAS TRANS EXISTEM! PROTEJAM CRIANÇAS TRANS!</b></p> <p>feliz dyan das crionças! salve todos os êrês! salve nossa senhora Aparecida, a padroeira das almas vaqueiras! Beijinho beijinho, xau xau!</p>
<p><u>25</u> 10</p>		<p>Ontem rolou &amp; foi lindju o encontro com @efunorinnago e @luismassilon_psi na mesa de abertura do II Seminário de Educação e Sensibilidades do Campus Agreste da UFPE. Agradeço ao grupo @oimaginarioufpe pelo convite de poder compartilhar meu trabalho, minha pesquisa e reflexões. (no vídeo um trecho da performance "o problema é a cerca" onde interpreto a canção autoral 'meu corpo')</p>
<p><u>13</u> 11</p>		<p>Alou Alou terráqueos 🙌🍲🌟 Hoje é dia da nave decolar com live-performance no Festival @sertaoalternativo! A programação com artistas do @coletivomangaio inicia a partir das 21h no canal YouTube do FSA (link na bio do @sertaoalternativo) LES GLOW?</p>

Fonte: O Autor (2022).

Nota: A partir das redes sociais da Artista.

Cartografar minhas vivências emotivas a partir das expressões e figurações estético-gestuais de Renna me ativou, desde o começo, sempre importando o estado presente, em vista

do que ela, ininterruptamente, cogita com os ativismos de sua corpa, de sua identificação. Provoca agenciamentos contínuos, perfaz o uso de dispositivos variados, abrindo linhas de fuga infinitas e interconectadas, causando desterritorializações e promovendo reterritorializações.

A cartografia de tais artistas me trouxe interrogações para os movimentos das corpas como se fosse um alimento que se necessita para manter vivo o “corpo-sem-órgãos” deleuze-guattariniano (DELEUZE, GUATTARI, 1996) ou o “corpo-vibrátil” preconizado por Rolnik (2016). Tudo isso creio para que não se engesse mais as oscilações, pois há muito de circularidades em todas as ações das artistas.

Diante do que está posto envolvi-me cartograficamente com as possibilidades de expressão da corpa, do ser, da vida, do mundo. O importante instrumento da pesquisa é a corpa por meio de criações artísticas, poéticas, transgressoras e principalmente libertadoras.

Sei que é preciso ouvir as corpas, estar em/nos processos de maneira a acioná-las, mostrando suas autorias, suas performances e suas transformações. Circunscrevi o meu cartografar de modo a afirmar que a cartografia não é uma metodologia positivista, uma competência, mas uma performance enaltecida por uma política cognitiva ética e de atuação sensível.

## 7 CONTEMPLAÇÕES CARTOGRÁFICAS





Entender as questões que são oriundas de uma cartografia perpassa por minha construção interna (condições de constituição do corpo em processos) e viabilização de relações externas (condições de apreensão, compreensão e fruição de trocas com o meio). A escrita trazida pelo “Vira” permitiu-me dar novos olhares à minha trajetória, a traçar um mapeamento com novas linhas antes presas por suportes que acreditava serem legítimos.

Perceber as nuances envolvidas nesse método criativo, cartografar vidas, inclusive a minha, e existências tão invisibilizadas, fez-me captar, principalmente no campo acadêmico, o quanto eu também estava invisibilizado pelas minhas acomodações de investigador das realidades.

Pensar em uma conjunção de atitudes investigativas que mobilizasse noções de corpa, corporeidades, estética, gestualidades, arte, transexualidade/travestilidade me fizeram seguir a brisa dos acontecimentos, mas com a origem de um sopro interno de curiosidade, desejo e vontade de aprofundar meu olhar para essas questões.

E, para isso, foi preciso que me permitisse a entrar na onda, sentir o movimento, rever posturas e flexões, como também, abrir-me para o sobe e desce da vida com seus encontros e desencontros. Olhar para essas questões, sentir esse vai-e-vem mareado, foi, melhor dizendo, está sendo, uma experiência inenarrável! Sair de dentro da ostra, me ver em uma pérola e saber que o oceano me esperava para contemplações, foi um tanto assustador, pois estava eu saindo de uma cápsula protetora e, primeiramente, dando alguns mergulhos para sentir a profundidade do fundo onde queria, deveria ou poderia chegar.

Questionava-me sempre: é possível cartografar travestis, sabendo que elas por si só já cartografam suas vidas? Existem meios de me inserir nesse território e cartografar o cartografar feito por elas? E o cartografar de mim? Fui, aos poucos, com a entrada no campo das sensações, dos sentimentos, das afetações promovidas pelas experiências daí advindas, me vendo envolvido pelas narrativas que me chegavam delas.

Comecei, então, a ver que aquilo que eu dizia inenarrável, era e estava sendo narrado e me afetando, me dominando, me fazendo desvencilhar do medo de boiar e sentir a maré me levar. Aonde mesmo? Até então me achava contemplado com os ensinamentos teóricos de Butler, Deleuze, Guattari, Foucault, Ostrower, Maffesoli, só que não, e aos poucos percebi que poderia me desterritorializar, produzir novos agenciamentos e encontros dispositivos outros que me dessem possibilidade de me reterritorializar e quem sabe integrar novas tribos.

Sempre me vinha a vontade de estar agarrado a algo que me desse segurança e, vez ou outra, recorria ao meu orientador, um porto seguro, que apontava sempre para que eu assistisse ao sol nascer com meu corpo, pois este precisava ser tocado pelo entardecer e flunar em um

oceano repleto de belezas e encantamentos. Quanta sensibilidade, e eu me rizomatizava mais ainda, como fractais oceânicos.

Deixei-me ir, precisava me encontrar, precisava me deparar com esses encantos, e vieram os cantos... três sereias inicialmente, Gabi que me mostra poder ser Benedita, a bendita preta da periferia incalável, Irla que poetiza seu cantar e nos faz dançar, e Renna, Hannah, a potência de um canto que arrebatava que nem assum preto tão presente no sertão. Em determinado momento do percurso, orientado por outros portos que me deram novos aportes, encontramos Núbia, que buscou sua nominação na Mãe África, e me permitiu seu cartografar de cartografia iniciante na arte e no desafio em ser Travesti.

E, a partir dessas sereias presentificadas em meus mares navegantes, vieram então encontros com pesquisadoras, escritoras, artistas da escrita, da poeticidade, do fazer arte, que são das linhas do sul e mais ainda, mulheres transexuais/travestis que condensaram meus aportes teóricos e fomentaram a possibilidade de dar um rumo mais convincente ao meu cartografar de corpos transexuais/travestis. Apareceram mulheres potentes, de uma riqueza de saberes advindos das algas marinhas, da experiência em ser travas, Luma Andrade, Dodi Leal, Viviane Vergueiro, Juhlia Santos, Letícia Lanz que, juntas com Renna, Gabi, Irla e Núbia, provocaram-me multiplicidades inúmeras de me rizomatizar.

Os caminhos pareciam traçados, porém, não contávamos que viria a pandemia do Coronavírus, uma tempestade que nos fez ficar à deriva mais ainda, parecendo que não poderíamos navegar em novas cartografias, e elas, as sereias des-TRA-VA-doras, já isoladas socialmente, ficaram mais ainda nesse período, porém elas são guerreiras, são TRAVAlhadoras da arte de se fazer presente seja qual for a circunstância.

E foram mais ainda à luta para deixar seus mares com potência de produzir seus proventos, então se jogaram nas redes sociais e trouxeram junto com suas corpos arranjos midiáticos e figurações estéticas associadas à tecnologia. Mais um des-BRA-VA-mento. E eu, acompanhando tudo isso, me deixei ir, me encontrando, me vendo cartografador e, ao mesmo tempo, cartografando-me junto com elas. Estávamos sendo cartografadas. Aprendi, imediatamente, que ser travesty é produzir cartografias de si continuamente, constantemente, insistentemente, para sobreviver.

A minha condição de estar à deriva ganhou um norte, uma nova bússola fora instalada na cartografia de mim e delas, traçamos novos mapeamentos, e iniciou-se a descoberta de novas paragens, novas marolas me conduziram para mais perto do canto e do encantamento delas. Tocado pelas vibrações emanadas das ações midiáticas de suas corpos entendi as suas performatividades e o que era fazer arte para uma corpo transexual/travesti.

Me vi percorrendo trajetos que me faziam ver e estar presente no campo acadêmico dado como uma praia de areia fina, porém muito quente e que parecia ser somente aquilo, aquela visão, mas elas me levavam a outras paragens, meu corpo flutuou até baías, enseadas em que baleias, tubaroas e golfinhas nadavam e mostravam que no fundo dos oceanos havia muito mais vida que imaginávamos. Que no fundo de suas cartografias havia muito mais dobras e linhas que formavam planos de imanência aos quais o ser trava é muito mais profundo.

Em alguns períodos da trajetória, fui acometido pelo medo de naufragar, parecia que os músculos de meu corpo, tão cansados e enrijecidos não conseguiriam nadar mais, estava, iminente a câibra nos ligamentos e nos pensamentos, e muito menos eu conseguia ficar à deriva, pois a salinidade, o sol causticante, às vezes, a agitação de ondas gigantescas parecendo maremotos. Isso tudo me assustava, queria novamente ir ao porto seguro de meu orientador, mas quando menos esperava chegava um pombo-correio com mensagens para manter a autoconfiança, que o processo cartográfico por vezes poderia nos causar delírios e visualizações de imagens irreais, mas também necessárias aos devires.

Seguimos...

Chegado o momento de aprofundar os mergulhos nas zonas habitadas de cada sereia, passei pelo meu lugar ético-estético-político. Me soltei mais e fui a mergulhos cada vez mais profundos, seguindo o verso “eu quero nascer, quero viver”, e encontrei-me com as verdades delas, senti na pele o queimado de insolações, as mesmas que elas sentem ao serem ultrajadas, marcadas, no entanto suas resistências mostraram-me que se pode ter liberdade por meio da arte e que se pode ser quem é de fato. Foi um bálsamo para meu corpo.

As expressões e impressões das corpas que fazem arte deram-me a possibilidade de reabrir em mim minha poeticidade. Escrever sobre o meu sentir ao me deparar com as cartografias de artistas transexuais/travestis tem sido algo de revivência da escrevivência de mim mesmo. E ler sobre as artistas, ler seus escritos, ler suas figurações estético-gestuais me motivaram a provocar mudanças e leituras diversificadas de mim mesmo. Durante a navegação fiz maquiagens artísticas, experimentos corporais como descolorir o cabelo, interagi com outras possibilidades de minha existência.

Me perguntei, o que é experienciar? As artistas proporcionaram-me experiências que naturalmente me encheram de percepções significativas da vida e tinha que acontecer no momento que aconteceram e da forma que fosse. Então, a experiência de si torna-se mais rica, mais viva quando a experiência delas se conecta com a minha e os processos se cartografam pela entrega que é essencial ao fazer investigativo.

Desde as primeiras interações permiti-me viver intensamente cada produção delas e dali viver transformações em mim, e a cada processualidade dada pelas experiências, cada passo dado por elas, cada mensagem postada, cada imagem visualizada pude me refazer no encontro de existências e me transportar cheio de sensibilidades às profundezas da dimensão de ser transexual/travesti e artista. Que pelas corpas acontecia a trans-missão poética, saberes, transgressões e reconhecimentos de si.

As experimentações criativas e poéticas das artistas reverberaram tanto em mim que passei a ter, cada vez mais em minha escrita, experimentações de uma escrita sensível, de poeticidades do meu pensamento e sentimentos. Dobras se firmaram e se mantêm ativas, caracterizando sua infinitude tanto nas produções delas quanto nas minhas, indicando transbordamentos que afetam nossas subjetivações, onde os processos educativos são atravessados, borrados, multiplicados, desenvolvidos com a fluidez necessária à cartografia.

Esta pesquisa, se observar desde o seu início, propiciou-me dobras que, para Deleuze e Guattari (1997b), permitem sensibilizar e mobilizar territórios existenciais a ponto de fazer das margens atribuídas aos trabalhos das artistas transexuais/travestis um campo interacional de envolvimento com todas as dimensões de si, evidenciando processos de subjetivação outros, enaltecendo as diferenças.

A prática da presente cartografia mostrou-me, em seus processos, muitos traçados de linhas metodológicas associados à pesquisa em educação contemporânea. Alcancei condições de delinear um percurso metodológico que desenvolveu a aproximação cartográfica em termos teóricos e das vivências territoriais, ao mesmo tempo que tracei o meu lugar em comunhão com uma escrita poética, política, ética e estética.

Através de variadas instâncias promovi interlocução com a produção e evidenciação de corpas transexuais/travestis e sua pedagogização, onde também pudemos traçar uma trajetória em que visibilizamos corpas negadas em direção à enunciação de corpas trans-formadas política e eticamente. Assim, busquei refletir sobre a direção das corpas à sua aproximação com a arte, demonstrando o sentido da formação subjetiva de corpas transexuais/travestis a partir do reconhecimento de suas identidades e identificações.

Ao me enveredar pelos caminhos traçados pelas artistas foi-me permitido assistir à exibição de dada potência transgressora, da arte que retrata a dimensão poética e política da vida. Compreendi a produção artística eleita atravessada pela poeticidade impressa na arte, onde analisei o elo de coerência que uma corpa tem ao se organizar na transmissão latente de seu pulsar artístico. Dessa forma pude evidenciar possibilidades outras de existir, por intermédio da criatividade e expressão poética.

Estar imerso em um território onde consegui vislumbrar o poder de criação das corpos transexuais/travestis, no enfrentamento às limitações impostas pelo estranhamento de suas corpos, foi desestabilizador de outros arranjos anteriormente organizados e cogitou a abertura da condição de que a criação estético-gestual de transexuais/travestis pode conferir ressignificação epistêmica a diversas abordagens acadêmicas. Suas performances, notabilizadas por sua existência transformadora, fizeram-me crer que sair por aí a procurar, sorrir para não chorar é uma potência inexplicável.

Portanto, a cartografia delineada me possibilitou averiguar como a arte produzida por essas artistas ressignifica suas existências a partir da diferença. Elas fazem uso de meios e ferramentas pedagógicas em que as corpos se encontram em posições de performar no real, instituindo a política da existência e resistência. Assinalei, em todo o trabalho, resistências a partir da libertação e conjecturei a ideia de fomentar, cada vez mais, processos artísticos que nos representam e que, de forma subversiva, desestabilizem as bases conservadoras da sociedade.

Enfim, muito se deu em poder cartografar a mim e às artistas transexuais/travestis. Permiti-me olhar para o que estava se construindo, sendo processado, vivenciado, permeado, entrelaçado e se cartografando entre nós. Refleti, intensamente, sobre os sentires e os atravessamentos que a pesquisa me proporcionou. As percepções advindas me trans-formaram, pois pude me autoanalisar pelo olhar, pela gestualidade, pela estética, pelos sentimentos, afetos e saberes poéticos e transgressores de todas as pessoas (as artistas, o orientador, as minhas amigas, os meus amigos, amigues, minha família, minhas alunas, meus alunos, alunes) que navegaram comigo na derivação oceânica ora apresentada.

Importante dizer que aprendi que não se chega a um fim, se vive o caminho, a viagem, a marola que nos leva ao sabor de frutos do mar, ao cheiro de pescado, ao sentir o devaneio dado pelas ondas... Não há término em cartografar essas corpos, pois elas estão e estarão aí, bailando como gaivotas no ar, recebendo as afecções do vento e flanando no ritmo da brisa.

Sim, reconheço que estou marcado, mas são marcas que se grudaram em minha corpa feito água-viva quando crava em nossa pele, não serão tiradas, mas podem ser trans-formadas. Afinal, estou aberto a novas cartografias, de mim, das artistas Renna, Gabi, Irla, Núbia, de meu professor-orientador dionisíaco Mário, de meu guia teórico-metodológico-experiente Fernando, de minha amiga poeta e motivadora Clécia, de minhas amigas quixotescas Maria Rita-Chico, Ridelma-Bebel, Jéssica-Maya, de meus amores, minha família Bob-amor e a filha mais linda do mundo, Malu. A vocês essa imagem-cartografia:

Figura 25 - Cartografia



Fonte: O Autor (2020).

Nota: Acervo pessoal



## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Meios sem fim**: notas sobre a política. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- ALCÁZAR, Josefina. **Performance**: un arte del yo - Autobiografía, cuerpo e identidad. México: Siglo XXI, 2014.
- ALVES, Rubem. **Variações sobre o prazer**: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette. São Paulo, SP: Planeta do Brasil, 2011.
- AMORIM, Frederico Levi. **Gestos performativos como atos de resistência**: corpos-monstro na cena contemporânea. 2019. 172 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP, Ouro Preto, 2019. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/12188>. Acesso em: 26 nov. 2021.
- ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola**: assujeitamento e resistência à ordem normativa. 2012. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza, 2012.
- ANTUNES, Arnaldo; MONTE, Marisa; DADI. **Portas**: A língua dos animais. Produzido Por Marisa Monte. Gravado Por Daniel Carvalho. Rio de Janeiro, 2021.
- ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. **Os sentidos da sensibilidade**: sua fruição no fenômeno do educar. Salvador, BA: EDUFBA, 2018.
- ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades**. Salvador, BA: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.
- BENTO, Berenice. **A (re)invenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2016.
- BILLARD, Thomas J. “Passing” and the Politics of Deception: Transgender Bodies, Cisgender Aesthetics, and the Policing of Inconspicuous Marginal Identities. In: Docan-Morgan T. (ed.). **The Palgrave Handbook of Deceptive Communication**. Cham, Switzerland: Palgrave, 2019, p. 461-477. DOI: 11.1117/978-3-319-96334-1\_24.
- BLANCA, Rosa Maria. **Arte a partir de uma perspectiva queer**. 2011. 396 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95243>. Acesso em: 26 nov. 2021.

BRASIL, Iran Almeida. **Drag Queen**: uma potência transgressora. 2017. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/14386>. Acesso em: 26 nov. 2021.

BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. 1996. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-RJ, Rio de Janeiro.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: Os limites discursivos do “sexo”. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2019a.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam*: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 151-172.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 17 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019b.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto? 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CANDEIA FILHO, Antônio. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2012. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa12012/antonio-candeia-filho>. Acesso em: 31 de janeiro de 2022. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-161-7

CAMAZZOLA, Juliana Martini. **Epistemologias do Corpo**: o encontro entre dança contemporânea e educação. 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Caxias do Sul, UCS. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/2687>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CARDOSO, Fernando da Silva; CARVALHO, Mário de Faria. Questões teórico-epistemológicas à Pesquisa Social Contemporânea: o pesquisador, o ator social e outros aspectos. **Cadernos da Fucamp**, v. 17, n. 31, p. 187-201, 2018. Disponível em: <http://fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/1317>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CARDOSO, Fernando da Silva. **É isto uma mulher?** Disputas narrativas sobre memória, testemunho e justiça a partir de experiências de mulheres-militantes contra a ditadura militar no Brasil. 2019. 339 f. Tese (Doutorado em Direito) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46952/46952.PDF>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CARVALHO, Mário de Faria; GOMES, Graciele Maria Coelho de Andrade. Da racionalidade à subjetividade: educação estética e sensibilidades nas cartas de Friedrich Schiller. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 21, n. 3, p. 693-717, set./dez. 2019. DOI: 11.22483/2177-5796.2119v21n3p693-717. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/3347>. Acesso em: 25 nov. 2021.

CARVALHO, Renata. Renata Carvalho desconstrói imaginário sobre corpos trans no encerramento do 15º FEVEREFESTIVAL. [Entrevista cedida a] Miguel von Zuben. **15º FEVEREFESTIVAL**, Campinas, São Paulo, 2021. Disponível em: <http://www.feverefestival.com.br>. Acesso em: 28 mar. 2021.

CARVALHO, Renata. O Corpo Transvestigênera - O Corpo Travesti – Na Arte. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro v. 3 n. 1, p. 213-216, jan./abr. 2019. DOI: 11.12957/redoc.2119.41816. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/redoc/article/view/41816/29699>. Acesso em: 1 dez. 2021.

CHAVES, Silvana Lopes. **Sobre corpos insolentes**: corpo trans, um ensaio estético da diferença sexual em educação. 2015. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, UFPA, Belém. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/8561>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CORALINA, Cora. Saber Viver. **Poetisarte**. [199-?]. Disponível em: <https://poetisarte.com/autores/cora-coralina/saber-viver/>. Acesso em: 22 mar. 2022.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, Rio Grande do Sul, v. 7, n. 2, p. 66-77, mai./ago. 2014. DOI: 11.5912/1983734815111. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>. Acesso em: 26 nov. 2021.

COSTA, Marisa Vorraber; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP & A, 2012.

COSTA, Thalita Schuh Venancio da. **Corpo em Nietzsche**: uma formação trágica. 2016. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/167931>. Acesso em: 26 nov. 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DERRIDA, Jacques. **Marges de la philosophie**. Paris: Les Editions de Minuit; Collection Critique, 2013.

DIAS, Róbson Batista. **Identidade de Gênero Trans e Contemporaneidade**: representações sociais nos processos de formação e educação. 2015. 134 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, UFMS, Campo Grande. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/2681>. Acesso em: 26 nov. 2021.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. 4 ed. – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

FERRAZ, Wagner. **Corpo a dançar**: entre educação e criação de corpos. 2014. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/11183/116511>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

GARCIA, Rafael. **TRANSciações sobre mudanças que fizemos de nossos corpos**. 2015. 165 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/11482/18751>. Acesso em: 28 nov. 2021.

GOMEZ, Pedro Paulo. Decolonialidad estética: geopolíticas del sentir el pensar y el hacer. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 369-389, mai./ago. 2019. DOI: 11.22456/2357-9854.92911. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/92911>. Acesso em: 1 dez. 2021.

GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos interdisciplinares. São Paulo: Annablume, 2013.

HARAWAY, Donna J. *Manifesto ciborgue*: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna J; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (orgs.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 33-108.

HARAWAY, Donna J. **Simians, cyborgs, and women**: The reiventon of nature. Nova York: Routledge, 1991.

HIME, Francis; BUARQUE, Chico. **Luísa**. São Paulo: Marola, 1979. Disponível em: [http://www.chicobuarque.com.br/letras/luisa\\_79.htm](http://www.chicobuarque.com.br/letras/luisa_79.htm). Acesso em: 22 mar. 2022.

JACQUES, Paola B. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

KUNZRU, Hari. “*Você é um ciborgue*”: um encontro com Donna Haraway. In: HARAWAY, Donna J; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (orgs.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 17-32.

LAHORGUE, Carlos Théo. **Vivências em Arte**: processo para uma estética do sujeito. 2013. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/11183/4511>. Acesso em: 26 nov. 2021.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. 2014. 342 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/36811>. Acesso em: 26 nov. 2021.

LAPOUJADE, David. **As Existências Mínimas**. Tradução de Hortencia Santos Lencastre. 1 ed. São Paulo: n-1 edições.org, 2017.

LEAL, Dodi Tavares Borges. **Performatividade transgênera**: equações poéticas de reconhecimento recíproco na recepção teatral. 2018. 534 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-13112118-144518/pt-br.php>. Acesso em: 26 nov. 2021.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MARTINS, Carlos José. Dança, corpo e desenho: arte como sensação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 111-121, mai./ago. 2011. DOI: 11.1591/S1113-73172111111211118. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/TRntn9WwQ4mVJctkPZsvhZd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 nov. 2021.

MARTINS, Lucivando Ribeiro. **Entre Ocós, Truques e Atraques**: a produção de confetos sobre as experiências de educadoras Trans do projeto Trans Forma Ação. 2016. 218 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Piauí, UFPI, Teresina, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpi.br/xmlui/handle/123456789/141>. Acesso em: 26 nov. 2021.

MASSILON, Luís; CARVALHO, Mário de Faria. O estado da arte das pesquisas sobre corpo, transexualidade e educação no Brasil. **Humanidades & Inovação**, Vol. I – Interseccionalidades das diferenças. Palmas-TO, v. 8, n. 58, p. 329-341, set. 2021. ISSN 2358-8322.

MEIRA, Isabela de França. **Artivismos e Dissidências Sexuais**: movimentos coletivos de (cri)ações estéticas e políticas de resistência à heteronormatividade em Recife. 2019. 156 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/36153>. Acesso em: 26 nov. 2021.

MELO, Iran. Todes: O que pode a linguagem não-binária? **Diadorim**, 25 mai. 2021. Disponível em: [adiadorim.org/post/o-que-pode-a-linguagem-nao-binaria](http://adiadorim.org/post/o-que-pode-a-linguagem-nao-binaria). Acesso em: 13 out. 2021.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 151-182, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/BkRJyv9GszMddwqpncrJvdn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 nov. 2021.

MONTE, Marisa; ANTUNES, Arnaldo. **Ainda bem**. Rio de Janeiro: Sterling Studios, 2011. Disponível em: [https://www.marisamonte.com.br/musicas\\_/ainda-bem/](https://www.marisamonte.com.br/musicas_/ainda-bem/). Acesso em: 22 mar. 2022.

NERY, João W. **Viagem Solitária**: memórias de um transexual trinta anos depois. 1 ed. São Paulo: Editora Leya, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

OLIVEIRA, Felipe Henrique Monteiro. **Subjetividade(s) e(m) performance**: corpo, diferença e ativismo. Curitiba: CRV, 2019.

OLIVEIRA, Maria Isabel Zanzotti de. **Nas margens do corpo, da cidade e do Estado**: educação, saúde e violência contra travestis. 2015. 137 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-17132116-133233/pt-br.php>. Acesso em: 26 nov. 2021.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

PAIVA, André Luiz dos Santos. **Genealogia e teoria de gênero em Judith Butler**: subversões teórico-políticas. 171 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/31418>. Acesso em: 26 nov. 2021.

PANIZZI, Alan David Evaristo. **Experimentações corporais como produtoras de (re) existência frente à futilidade presente na estética das práticas pedagógicas**. 2016. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, 2016. Disponível em: <http://konrad.unochapeco.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php?codAcervo=218121>. Acesso em: 26 nov. 2021.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do Método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2019.



PASTRE, José Luiz. **Educação e estética da existência**: práticas da liberdade e criação de novas possibilidades de vida. 2014. 231 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/253947>. Acesso em: 26 nov. 2021.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos *queer* no Brasil? **Revista Periodicus**, Salvador, Bahia, v. 1, n. 1, mai./out. 2014. DOI: 11.9771/peri.v1i1.11151. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/11151>. Acesso em: 26 nov. 2021.

PEREIRA, Juliana Cristina. **Cartografias afetivas**: proposições do professor-artista-cartógrafo-etc. 2016. 286 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/172362>. Acesso em: 26 nov. 2021.

PESSOA, Emerson Roberto de Araújo. **A construção de corpos e feminilidades**: travestis e transexuais para além da prostituição. 2013. 94 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Maringá, UEM, Maringá, 2013. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8181/jspui/handle/1/3131>. Acesso em: 26 nov. 2021.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. 2. ed. Curitiba: CRV, 2017.

PONTES, Júlia Clara de; SILVA, Cristiane Gonçalves da. Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. **Periódicus**, v. 1, n. 8, 2018, p. 396-417. DOI: 11.9771/peri.v1i8.23211. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/23211/15536>. Acesso em: 28 nov. 2021.

PRECIADO, Paul B. *Qui défend l'enfant queer?* **Liberation**, 14 jan. 2013. Disponível em: [https://www.liberation.fr/societe/2113/11/14/qui-defend-l-enfant-queer\\_873947/](https://www.liberation.fr/societe/2113/11/14/qui-defend-l-enfant-queer_873947/). Acesso em: 19 out. 2021.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

PRETO, Nega. **Boiola Retinta**: Sou Trans. Sample: Froid - T.R.N.S.F.R.M.S Gravação e mixagem: Nega Preto. 2121. Acesso: <https://youtu.be/16Bqkk37TR8> em 12 ago. 2021.

QUEBRADA, Linn. Ser ou não ser: essa não deveria ser a questão. In: LEAL, Dodi. **De trans pra frente**. São Paulo: Patuá, 2017.

RANNIERY, Thiago. **Corpos feitos de plástico, pó e glitter**: currículos para dicções heterogêneas e visibilidades improváveis. 2016. 412 f. Tese (Doutorado em Educação) -

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/11413>. Acesso em: 26 nov. 2021.

RAPOSO, Paulo. “Artivismo”: articulando dissidências, criando insurgências. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 4, n. 2, p. 3-12, 2015. DOI: 11.4111/cadernosaa.919. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/919?file=1>. Acesso em: 28 nov. 2021.

RIBEIRO, Ruth Silva Torralba. **Sensorial do corpo**: via régia ao inconsciente. 2019. 119 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, UFF, Rio de Janeiro, 2019.

ROBLE, Odilon José. **Transvalorização do corpo**: notas para uma educação ético-estética. 2018. 143 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/251969>. Acesso em: 26 nov. 2021.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2 ed. Porto Alegre: Sulina; UFRGS, 2016.

ROLNIK, Suely. **Gilles Deleuze**, uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2011.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-251, set./fev. 1993.

ROMANGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & Sociedade**, Recife, Pernambuco, v. 21, n. 2, p. 166-173, 2019. DOI: 11.1591/S1112-71822119111211113. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/zdCCTKbXYhjdVYL4VS8cXWh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SAMPAIO, Sérgio. **Eu quero é botar meu bloco na rua**. Rio de Janeiro: Philips, [1973]. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/sergio-sampaio/236958/>. Acesso em: 22 mar. 2022.

SAN MARTÍN, Felipe Rivas. Diga “queer” con la lengua afuera: sobre las confusiones del debate latino-americano. In: Coordinadora Universitaria Por La Disidencia Sexual (org.). **Por um feminismo sin mujeres**. Santiago, Chile: CUDS, 2011, p. 59-75. Disponível em: <https://www.bibliotecafragmentada.org/wp-content/uploads/2012/19/Por-un-Feminismo-sin-Mujeres-CUDS.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SANTANA, Antônio Alves de. **Pessoas trans na escola**: experiências e resistências no contexto do agreste pernambucano. 2019. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) - Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Caruaru, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/37791>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (orgs.). **Falas de Gênero**. Florianópolis, SC: Mulheres, 1999. Disponível em: [https://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan\\_Scott-Experiencia.pdf](https://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan_Scott-Experiencia.pdf). Acesso em: 26 nov. 2021.

SECOS & Molhados. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2012. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra67413/secos-molhados>. Acesso em: 31 de janeiro de 2022. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-161-7

SEHN, Carina. **Um Corpo Performático para romper com a representação**. 2014. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/11183/112331>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SERRANO, Jessica Leite. **Práticas corporais e transexualidade**: estudo de homens e mulheres trans. 2017. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade de Pernambuco, UPE; Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2017. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/15947?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/15947?locale=pt_BR). Acesso em: 26 nov. 2021.

SILVA, Aline Ferraz da. **Currículo e diferença**: cartografia de um corpo travesti. 2014. 112 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, UFPel Pelotas, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br/handle/ri/2741>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SILVA, Gustavo Scolfaro Caetano da. **Fragmentos de corpo e sombra**. 2013. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/251147>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SILVA, Roberta Alves dos Santos. **"O gênero na vitrine"**: sentidos do consumo estético e a produção de subjetividades de mulheres trans. 2017. 131 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/28122>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

SOUZA, Marco Aurélio da Cruz; CARVALHO, Carla (Orgs.). **Arte e estética na educação**: corpo sensível e político. Curitiba: CRV, 2021.

TADEU, Tomaz. *Nós, ciborgues*: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: HARAWAY, Donna J; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (orgs.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 7-15.

URBANA, Legião. **Dois**: Quase sem querer. São Paulo, Emi-Odeon, 1986.

VASCONCELOS, Thaissa Machado. **Corpos em trânsitos, transes e tranças**: produções de corporalidades por/com mulheres trans. 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17368>. Acesso em: 26 nov. 2021.

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

VERGUEIRO, Viviane. **Pela descolonização das identidades trans\***. In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ABEH, Salvador, Bahia. 2012.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2016. 244 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19685/1/VERGUEIRO%20Viviane%20-%20Por%20inflexoes%20decoloniais%20de%20corpos%20e%20identidades%20de%20g%C3%A9nero%20inconformes.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2021.

VINCI, Christian Fernando Ribeiro Guimaraes. **Deleuze-guattarinianas**: experimentações educacionais com o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1991-2013). 2014. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11142115-134118/pt-br.php>. Acesso em: 26 nov. 2021.

ZANELLA, Andrisa Kemel. **Escrituras do Corpo Biográfico e suas Contribuições para a Educação**: um estudo a partir do imaginário e da memória. 2013. 218 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas, 2013. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/123456789/1682>. Acesso em: 26 nov. 2021.

ZERBINATI, João Paulo. **Desvelando a Vivência Transexual**: gênero, criação e constituição de si mesmo. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, UNESP, Araraquara, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152491>. Acesso em: 26 nov. 2021.